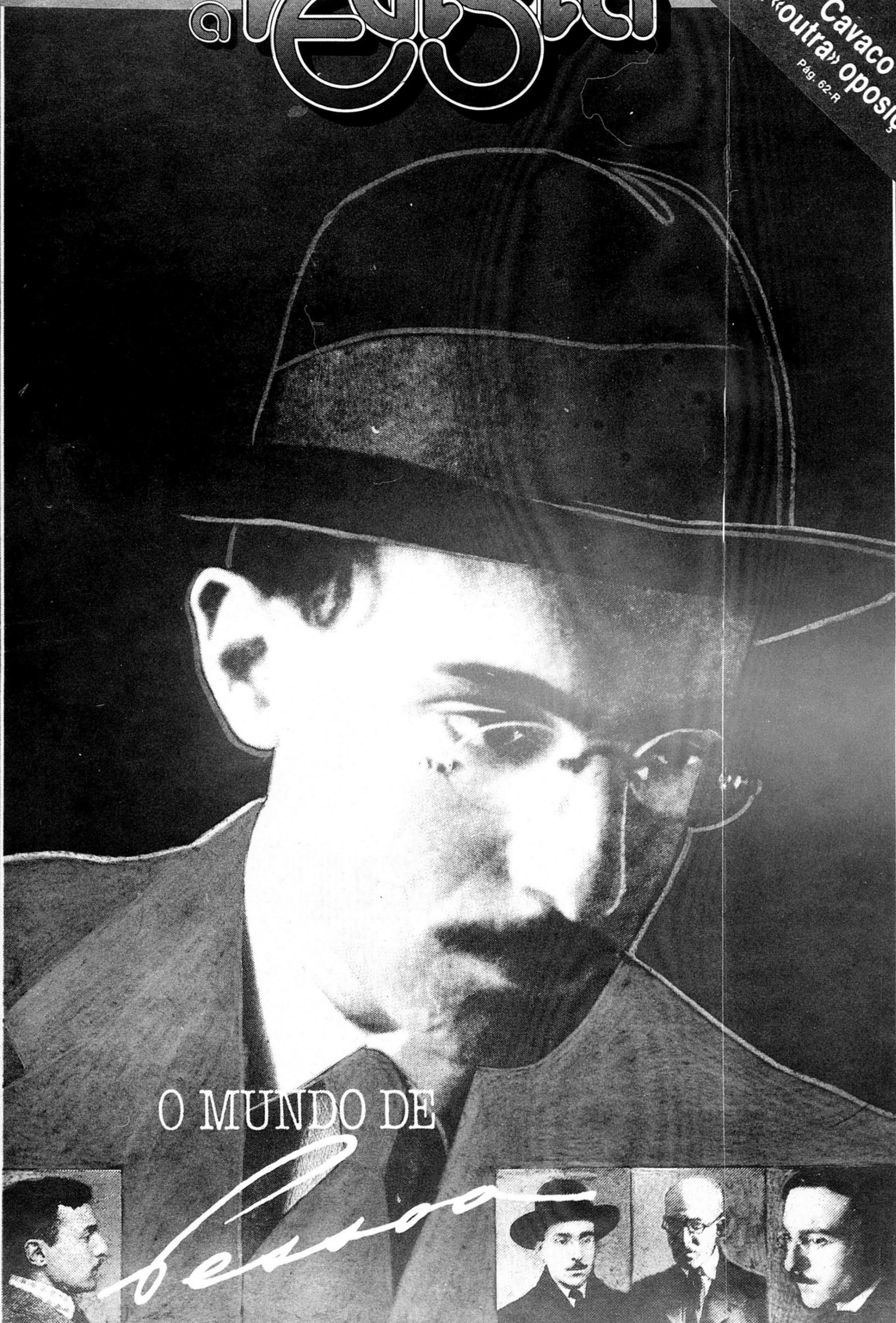


# a Revista

Cavaco  
e a «outra» oposição  
pág. 62-R



O MUNDO DE

*Beirão*



## Sumário

### CARTAZ

- 4 — A Semana/Filmes/Televisão/Discos/  
/Teatro/Exposições/Livros
- 26 — Na Berra
- 29 — Primeiro Plano

João Carreira Bom

### A REVISTA

#### 30 — O mundo de Pessoa

- Uma pátria com muitas línguas  
António José Massano
- 36 — Ensaio  
Pessoa e o tempo  
Eduardo Lourenço
- 38 — Conversa  
António Tabucchi:  
um amigo português  
Clara Ferreira Alves
- Pessoa e eu  
Angel Crespo
- 43 — Itinerário  
Os passos da morte  
José Amaro Dionísio
- 48 — Testemunhos  
Divididos na vida e na morte  
Fernando Gaspar
- 53 — Visões  
O fetiche e o culto  
José Mendes
- 55 — Espólio  
Os tesouros da arca inesgotável  
António Guerreiro
- Menos-pessoanos, apessoanos  
e antipessoanos  
A. G.
- 58 — Retratos  
O poeta ao espelho  
Raquel Henriques da Silva  
Maria Helena de Freitas

### NACIONAL

#### 62 — Cavaco e a «outra» oposição

- Teresa de Sousa
- 65 — O mistério das sondagens  
Diogo Pires Aurélio
- 66 — Reportagem  
Crime e silêncio  
Vitor Bandarra

### INTERNACIONAL

#### 70 — A batalha de Marselha

Ana Navarro Pedro

### CULTURA

#### 72 — Jazz: uma Primavera de excepção

- Raul Vaz Bernardo  
António Curvelo
- 75 — Duas Semanas Noutra Cidade  
Eduardo Prado Coelho
- 76 — Estreia  
João Canijo: «É possível fazer  
cinema com pouco dinheiro»  
Tereza Coelho
- Um Outono português  
Manuel Cintra Ferreira

### MAGAZINE

#### 78 — Habiter 88: tendências em exposição

- Tereza Coelho  
Alexandre Melo
- 82 — Bazar
- 86 — Moda
- 87 — Jogos Sortidos



a Crónica  
de Vicente Jorge Silva

# O século de Pessoa

**N**A SOLIDÃO irredutível de um destino que ele fingiu ser plural por causa, precisamente, da irredutibilidade dessa solidão, Fernando Pessoa sublima, como ninguém, uma condição trágica — e portuguesa — que se confunde com o século. Quando passamos os 100 anos do nascimento do escritor assiste-se por todo o mundo a um extraordinário «boom» editorial da sua obra, como se, finalmente, se consumasse o casamento póstumo entre o espírito de uma época e uma sensibilidade poética e filosófica que o antecipou... desde as primeiras décadas deste século.

Esta espantosa viagem no tempo, empreendida por um homem sozinho na Baixa de Lisboa, é um dos maiores prodígios da nossa idade. Tal como Júlio Verne intuía a face exterior e rutilante das coisas que iriam revolucionar o século, Pessoa pressentiu a face oculta e melancólica dessa vertigem. Mas é no momento em que nos abeiramos do horizonte do terceiro milénio que se produz uma sintonia universal com os sinais lançados por este profeta das perplexidades modernas.

As marcas do tempo que se instalaram nos textos do poeta reforçaram o carácter mágico e premonitório da sua aventura intelectual. Há textos de Pessoa que nos aparecem como uma espécie de secreta revelação — só agora exposta em todo o seu esplendor crepuscular.

Com efeito, apenas hoje nos apercebemos até que ponto Pessoa foi um visionário da condição contemporânea, o encenador de uma teatralidade que nos devolve, através do reflexo permanente das suas imagens e máscaras, toda uma dimensão existencial do homem moderno, dilacerado entre a saudade das últimas utopias e a grande interrogação de um tempo ainda sem contornos mas já sem deuses.

À galáxia Gutenberg que, segundo MacLuhan, prefigurou a aldeia global dos meios de comunicação de massa, contrapõe-se a galáxia Pessoa como universo cósmico das solidões contemporâneas. Produto típico da civilização industrial — e reflectindo, através do jogo dos seus heterónimos, a infinidade dos registos dramáticos que esse novo teatro do mundo solicitava —, Pessoa surge agora como um dos grandes perturbadores da consciência da era pós-industrial, ao confrontar-nos com a evidência de um homem dividido, eterno estrangeiro face a uma realidade fragmentada e efémera e para a qual busca um sentido no «écran» obscuro do século XXI.

Revelação perturbante entre todas: é o livro mais secreto e desesperado de Pessoa, esse diário de uma dor que se passeia pelas sombras cruas do quotidiano, o tristíssimo,

Livro do Desassossego, que ocupa o primeiro lugar na explosão internacional da obra do escritor. Mais do que a poesia, são esses fragmentos de uma viagem ao fim de um deserto interior que encontram a maior receptividade entre os leitores europeus e extra-europeus dos anos 80.

Pode dizer-se, sem forçar aproximações

dessa dolorosa perplexidade e desse naufrágio de códigos e valores clássicos que nos surpreenderam ao virar da esquina dos anos 60, devorando as velhas mitologias do optimismo histórico.

A prodigiosa modernidade deste testemunho e a complexidade inesgotável de toda a obra de Pessoa remetem-nos,

entretanto, para outra dimensão particularmente estimulante da sua personagem. Quando o «caso mental português» — que o poeta disseccionou num dos seus notáveis textos de intervenção — continua a ser caracterizado pelo império do provincianismo, Pessoa impõe-se hoje como o paradigma de uma atitude cosmopolita e europeia. Uma atitude, sublinhe-se, que se situa nos antípodas do cosmopolitismo frívolo e desabusado de alguns caixeiros-viajantes pós-modernos, embalados na doce leveza do efémero.

Sem necessitar da revelação divina do Mercado Comum ou da perspectiva unificadora de 1992, Pessoa percebeu que o espaço vital da cultura portuguesa teria de ser europeu — ou estaria condenado à asfixia e ao autismo. Era no confronto activo entre uma identidade específica portuguesa, uma originalidade profunda e exuberante do seu imaginário — de que o autor da Ode Marítima foi, de resto, o maior expoente neste século — com as outras identidades e expressões europeias que Pessoa via o caminho para uma irradiação universal da nossa cultura. O oposto também, como se vê, do que desejaríamos os corifeus do integralismo «yuppie», em plena histeria apoplética contra os Estados Unidos da Europa.

Mas basta um olhar sobre a malfadada Comissão dos Descobrimentos e o espectáculo indecoroso dos candidatos a comissários de todas as comissões — criadas e a criar — para regressarmos à evidência da nossa miséria cultural. Enquanto a Espanha vai construindo com um impetuoso dinamismo e sentido de «marketing» as suas comemorações, Portugal sabe cada vez menos o que fazer com a memória histórica que lhe cabe. Os apetites insaciáveis dos novos mandarins culturais que procuram monopolizar e chamar a si todos os cargos disponíveis enquanto o pobre

Governo não sabe a que santo se votar — numa manifestação grotesca de impotência, sublinhada pelo escuteirismo assarapantado do ministro Couto dos Santos — fornecem um contraste implacável com a dimensão que Pessoa sonhava para um país liberto do provincianismo serôdio — e como ele aberto aos grandes horizontes da universalidade. Neste quadro actual de pequenas misérias portuguesas recorta-se a grandeza solitária e quase anónima de um homem exilado no interior do país — e de si mesmo — mas cujo destino se confunde com o século.



Da Noruega ao Japão, celebra-se o centenário do nascimento de Fernando Pessoa (13 de Junho). Na última



década a celebridade do poeta, «esse gigante à sombra do qual vivemos», ultrapassou as fronteiras portuguesas, saiu dos gabinetes dos académicos, alastrou para fora dos círculos de iniciados. A explosão Pessoa, a personalidade estilhaçada que é uma das chaves do

século, é um acontecimento mundial. «E tudo por minha causa», diria Álvaro de Campos



# O mundo de Pessoa

José Júdice \*

«T EREI um futuro? Sem dúvida...», dizia sem grande convicção o homem que afirma-

va categoricamente «não sou nada. Nunca serei nada». Como teria sorriso irónico e amargo, como sorriu com Marinetti académico («Lá chegam todos, lá chegam todos... qualquer dia chego eu também...») se pudesse ler, cinquenta anos depois da sua morte, o que se dizia dele. «Um dos quatro grandes poetas do nosso século» (com T. S. Elliot, Paul Valéry e Saint-John Perse), para o «Le point», «talvez uma das chaves do século» para «Le Monde», «um dos gigantes em cuja sombra vivemos», para o «New York Times».

Subitamente, o mundo descobriu Fernando Pessoa, e julgando descobrir um poeta desconhecido duma «língua menor». O mundo descobriu um «mundo extravagante»: heterónimos e semi-heterónimos e heterónimos por nascer, uma multidão de gente procurando desesperadamente um autor, um poeta cuja personalidade estilhaçada ultrapassa a mera habilidade de circo literário. O sucesso de Pessoa, o poeta por excelência da angústia existencial, deve-se àquilo que um grave professor alemão chama «o sentimento de fundo» dos nossos dias e uma investigadora brasileira diz ser a «consonância» com o que sentem os jovens de hoje.

O centenário do nascimento de Fernando Pessoa vai ser um acontecimento mundial, celebrado da Noruega ao Japão. O centro das atenções é a França, com a monumental edição em oito volumes do Pessoa essencial,

ou o Brasil, com o Congresso de Estudos Pessoaanos. Mas haverá também exposições, como em Atenas, ou novas edições, como em Copenhaga ou Moscovo. Para um poeta cuja ambição era «ter poemas e novelas/publicados

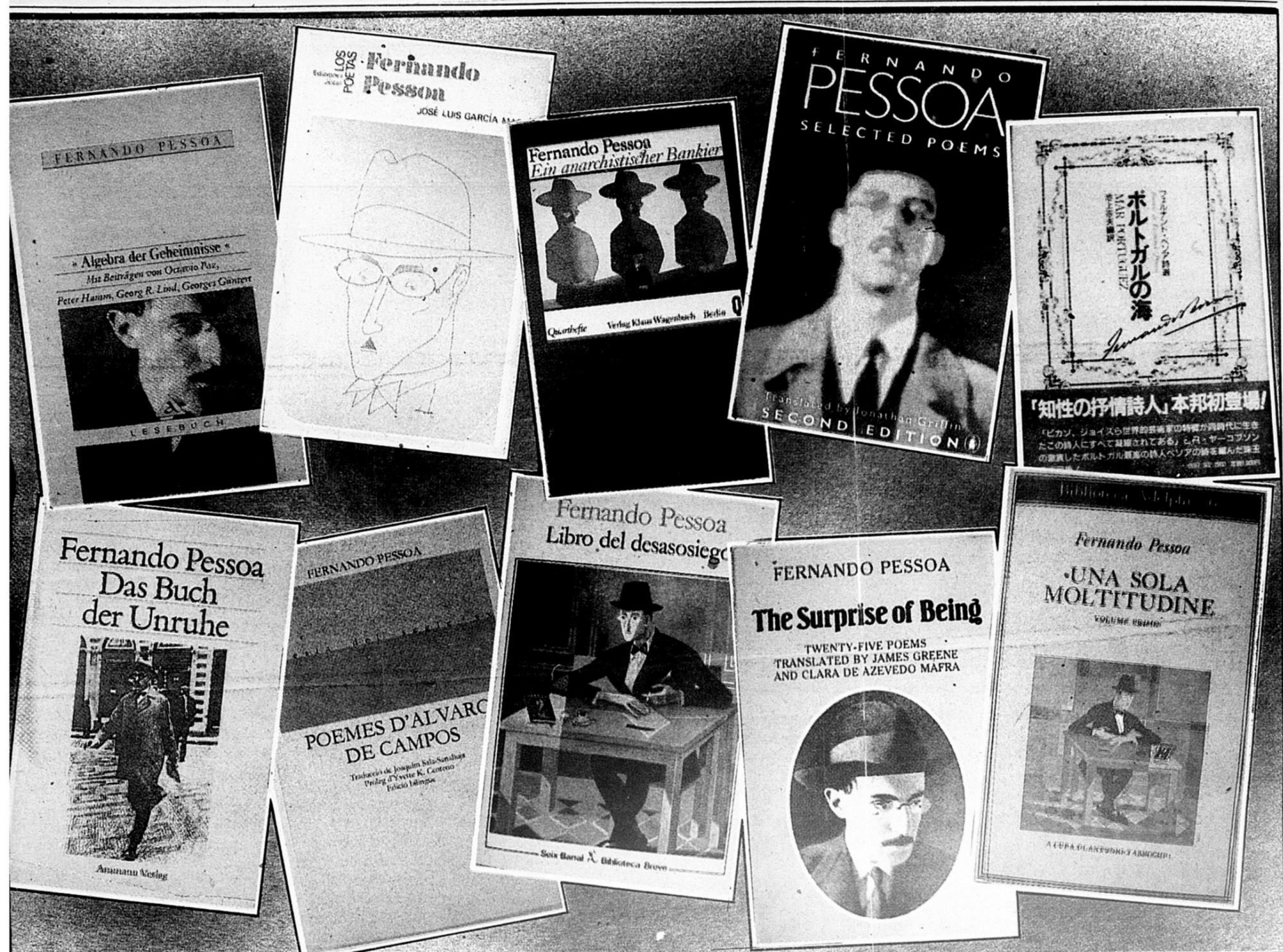
pela Plon e Mercure», uma festa de aniversário destas, «e tudo por minha causa», seria uma coisa bem estranha.

## A paixão brasileira

O Brasil, que mereceu de Pessoa alguma ironia («e tu Brasil, República irmã, 'blague' de Pedro Álvares Cabral, que nem te queria descobrir») é seguramente o país onde o culto do poeta atingiu maior expressão popular. Já em 1985, o cinquentenário da sua morte foi festejado com livros, discos, artigos em jornais, peças de teatro e um filme. Dois conhecidos actores, Walmor Chagas e Italo Rossi, passaram o ano divulgando a sua poesia pelo país. Tom Jobim, Caetano Veloso, Edu Lobo, Milton Nascimento, Gilberto Gil e outros compositores musicaram os seus poemas para um disco cantado por Olivia Hime. Num outro disco, a Mensagem foi musicada por André Luís de Oliveira e cantada por Caetano Veloso,

Elba Ramalho, Gilberto Gil, Cyda Moreira, Sé Ramalho, Gal Costa e Ney Matogrosso. Um filme baseado em Pessoa, *Baixo Gavea*, de Haroldo Marinho Barbosa, interpretado por Lucélia Santos e Louise Cardoso, foi um dos grandes êxitos de bilheteira no ano passado e é hoje um dos mais procurados nos clubes de vídeo.

Embora Pessoa não fosse desconhecido no Brasil — as suas obras completas foram publicadas em 1960 pela Nova Aguilar e foram reim-



Das dezenas de edições em Itália às exploratórias traduções em japonês e chinês, Fernando Pessoa e a sua corte de heterónimos estão presentes nas principais línguas do globo

pressas em 1960, 1965 e 1969, com mais dez reedições desde então — foi só quando os irmãos Veloso, Caetano e Maria Bethânia, começaram a cantar os seus poemas que se deu a explosão de amor do Brasil pelo poeta. Em 1986, a Nova Aguilar indicava que Pessoa era o campeão das suas edições de luxo, mais vendido que poetas brasileiros como Cecília Meirelles ou Carlos Drummond de Andrade.

Foi um longo caminho desde que o nome de Pessoa apareceu pela primeira vez no Brasil, em 15 de Junho de 1913, na «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, na dedicatória de um conto de Mário de Sá Carneiro, «O homem dos sonhos». Os intelectuais brasileiros conheciam-no vagamente, de nome, e o modernista Ronald de Carvalho chegou a trocar correspondência com ele. Em 1934, Cecília Meirelles, de passagem por Lisboa, tentou encontrar-se com ele. Pessoa faltou ao encontro, marcado

para a Brasileira do Chiado, mas deixou no hotel da poetisa um exemplar da Mensagem, recém-publicada, e uma explicação: o seu horóscopo dissera-lhe que os dois não se deviam encontrar.

Com este mau começo, foi apenas na década de 40 que a influência de Pessoa no Brasil começou a fazer-se sentir, a princípio imperceptivelmente. Cecília Meirelles publica poemas de Pessoa numa antologia de Poetas novos de Portugal. Pouco depois, Murillo Mendes recebeu o primeiro volume das poesias pessoanas e, segundo a professora Vilma Areas, da Universidade de Campinas, «o poeta confessou que caiu para trás».

A maior influência de Pessoa no Brasil terá sido sobre o maior poeta brasileiro deste século — e a muitos títulos um «gémeo» de Pessoa — Carlos Drummond de Andrade. Na opinião de Mario Chamie, um dos participantes no IV Congresso de Estudos Pessoaanos efec-

tuado em Abril em S. Paulo, «Drummond é um pessoano que não subscreve nem cita mas que se transfigura e consegue sua esplêndida autonomia. Não existe maior homenagem e um autor que a leitura transfiguradora que dele se possa fazer. No caso de Drummond e Pessoa sou obrigado a lembrar um paradoxo de Borges: ambos são leitores do mesmo livro escrito na memória da humanidade».

Mas a relação de Pessoa com o Brasil não foi apenas um caminho com um só sentido. Segundo o escritor pernambucano Ariano Suassuna, citado pelo professor Arnaldo Saraiva, a Mensagem sofreu uma influência visível do poema «Sagres» do parnasiano Olavo Bilac, o «príncipe dos poetas», que foi recebido em Lisboa em 1913 por Guerra Junqueiro com um beijo na testa. Pessoa conhecia e era um grande leitor da poesia brasileira, ao ponto de ter ironizado em 1933, ainda

segundo Arnaldo Saraiva, que o único poeta vivo da língua portuguesa cuja obra correspondia às exigências do Prémio Nobel da Literatura era o regionalista e pernóstico Catulo da Paixão Cearense.

Mas nem estas ironias de Pessoa fizeram diminuir o fascínio que o poeta exerce no Brasil. No IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, em S. Paulo, os organizadores apanharam um susto no primeiro dia. «Houve um pequeno tumulto, com mais de 400 pessoas que insistiam em entrar», disse ao EXPRESSO a coordenadora do Congresso, Maria Aparecida Santilli, da Universidade de S. Paulo. «Nunca imaginei que tanta gente fosse interessar-se por um Congresso tão específico.»

O Congresso, que levou dois anos a organizar, contou, entre os 800 inscritos e os 200 convidados, com 128 especialistas brasileiros, 28 portugueses, e ainda pessoanos

dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Inglaterra, da Itália, da Espanha, da Holanda, da URSS, de Porto Rico, da Índia, do México, do Canadá e da Argentina.

Entre as 116 teses apresentadas, havia Pessoa para todos os gostos — e era possível ouvir desde o chinês Jin Guo Ping explicando as sutilezas da tradução de Pessoa na sua língua a Monsenhor Porimo Vieira dissertando sobre «Fernando Pessoa e o Hai Kai». Pelo meio, ficavam teses sobre temas bizarros como A cibernetic company's guide de Fernando Pessoa: Mensagem, Fernando Pessoa, precursor do «marketing» moderno ou Encontro entre Fernando Pessoa e Bach.

Para Arnaldo Saraiva, organizador dos três Congressos pessoanos anteriores (Porto, 1978, Nashville, 1983, e Lisboa, 1985), o Congresso de S. Paulo foi seguramente «o mais bem sucedido». O entusiasmo

despertado pelo Congresso levou mesmo a professora Iara Frateschi, da Universidade de S. Paulo, a afirmar que «se comemora mais Pessoa no Brasil que em Portugal» — onde, mesmo antes de terem começado as comemorações oficiais, é já de bom tom dizer-se que «tanto Pessoa já enjoa».

#### França: o desafio editorial

Em França, as celebrações do nascimento de Pessoa vão ser um acontecimento editorial. A divulgação da obra pessoana, num país onde já existem várias edições dispersas, foi abordada por editores especialistas com metodologia e uma preocupação de qualidade. A editora Christian Bougois confiou a Robert Brechon, um velho pessoano, e a Eduardo do Prado Coelho a coordenação de uma edição em oito volumes do Pessoa essencial.

(Continua na pág. 32-R)

# Tumulto no Brasil

(Continuação da pág. 31-R)

Os quatro primeiros estão já à venda, com destaque para **O Livro do Desassossego**, que esgotou numa semana a sua primeira edição de 5 mil exemplares. Entre os próximos volumes, o que está a ser aguardado com mais expectativa é o do poema dramático inédito de Pessoa, «**Fausto**», que será publicado simultaneamente em português pela editora Presença.

Mais ambicioso ainda é o projecto do editor português Joaquim Vital que, na sua prestigiada Editions de la Différence, vai publicar as obras completas de Fernando Pessoa em 18 volumes. Esta edição completa, a primeira em todo o mundo, deverá prolongar-se até 1995.

Outras editoras têm ainda anunciadas edições ou reedições pessoanas, a juntar aos números especiais dedicados a Pessoa por várias revistas, numa profusão de edições que provoca certas reticências nalguns especialistas. Armand Guibert, que há 50 anos atrás foi um dos pioneiros da divulgação de Pessoa em França, receia que «se instale uma certa confusão no espírito do público não iniciado — fascinado com os heterónimos, mas esquecendo que o poeta era um ser humano».

Robert Brechon, por seu lado, regozija-se com a vaga pessoana em França, «depois de termos passado anos a lamentar que Pessoa não fosse mais conhecido do público». De facto, durante anos Fernando Pessoa foi um segredo reservado aos especialistas, como Pierre Houcarde, Armand Guibert, Robert Brechon ou Pierre Leglise-Costa. Guibert, recordando as conferências, ensaios e traduções que conduziu isolado durante algum tempo, lembra-se de um dia André Breton lhe ter pedido uma edição de luxo de a **Tabacaria**, publicada em França por um editor polaco. «**Fomos militantes**», diz Leglise-Costa sorrindo, ao recordar esse anos em que batiam à porta de jornalistas e editores, tentando divulgar Pessoa, por vezes sem muito êxito, como quando há poucos anos a Gallimard, uma das maiores editoras francesas, recusou as obras completas de Pessoa porque «não eram nada interessantes».

Mas, se Pessoa ainda não é uma referência que vem espontaneamente aos lábios do público francês, o poeta — que ansiava por ser publicado na Plon e na Mercure — começa a ter a triste sorte reservada por alguns críticos literários galeses aos

autores «de quem se fala»: uma leitura distraída e uma apreciação superficial.

É um risco, mas que pode trazer alguns benefícios suplementares, como um maior interesse pela cultura e pela história portuguesas. Para já, o interesse por Pessoa foi decisivo para a publicação do número especial da revista «**Autrement**» sobre Lisboa — que levou o «**Libération**» a escrever que «**Lisboa, cidade do desassossego, faz a sua entrada na literatura, depois da Praga de Kafka e da Dublin de Joyce**».

## Pessoa, Olé!

Tal como em França, e como era de esperar, Fernando Pessoa foi uma des-

coberta recente em Espanha. Mas foi uma descoberta vulcânica, que se traduziu numa erupção de artigos de jornais, seminários, exposições e colóquios. Há cinco anos atrás era inútil procurar nas livrarias traduções de Pessoa. Hoje, pelo contrário, há não só traduções e espessos volumes sobre o poeta, como reproduções em «**fac simile**» — com enorme êxito no mercado — das revistas clássicas da bibliografia pessoana, como «**Eh, real!**», «**Exílio**», «**Centaur**», «**Portugal Futurista**», «**Contemporânea**», «**Revista Portuguesa**», «**Athena**» e «**Sudoeeste**».

Não é fácil estabelecer uma data precisa ou as circunstâncias concretas do

começo espanhol do fenómeno Pessoa, mas a maioria dos especialistas vizinhos aponta para a publicação em Lisboa, em 1982, do **Livro do Desassossego**. Até então, apenas um reduzido número de especialistas — entre os quais se destaca Angel Crespo — dedicava o seu tempo ao estudo do poeta. Com as celebrações do cinquentenário da sua morte, em 1983, começou definitivamente a presença de Pessoa em Espanha, cuja última manifestação foi a representação na cidade industrial de Mataró, na Catalunha, de «**O Marinheiro**».

Mas a explosão pessoana deu-se a partir de 1986, com traduções e edições da maioria da obra do poeta e, sobretudo, com duas intervenções oficiais, surpreendentes para muitos portugueses: a publicação de um número especial sobre Pessoa da revista «**Poesia**» do Ministério da Cultura espanhol, e a edição, com o patrocínio da Rádio Nacional de Espanha,

de um disco de longa duração de **Pessoa flamenco**, em que os versos do poeta são cantados por Vicente Soto, acompanhado pela viola de Enrique de Melshon e as castanholas típicas do flamenco.

Esta versão caracteristicamente andaluza de Pessoa diz tudo sobre a popularidade do poeta em Espanha — mas seria um erro pensar que a sua presença se limita aos últimos cinco anos. Já em 1928 a revista «**Almanaque**» — em que Almada Negreiros tinha alguma influência — publicava um poema de Pessoa. Mas foi apenas 16 anos depois, em 1946, que surgiu a primeira tradução sistematizada, de Joaquim de Entrambasaguas, enquanto uma revista franquista, «**La Gaceta Literaria**», recorda que em 1915 um intelectual espanhol, Ramon Gomez de la Serra, tomava café com Pessoa no Martinho e saíra de lá fascinado.

Como seria de esperar, para além do esoterismo, dos mistérios ocultistas e da complexidade dos heterónimos, há um aspecto em Pessoa que fascina particularmente os espanhóis: o seu pensamento político e, em particular, a sua relação como o iberismo. Entre as mais recentes tentativas para aprofundar o pensamento político de Pessoa, destaca-se um artigo do professor Raul Morodo, discípulo de outro importante pessoano, o falecido «**Alcaide**» de Madrid, Enrique Tierno Galvan.

A «obsessão ibérica» de Pessoa foi estudada recentemente por Angel Crespo em vários artigos no «**El País**», destacando aquilo que considera serem as ideias renovadoras, quase revolucionárias, de Pessoa. Os sonhos sebastianistas do poeta, a sua teoria sobre o «quinto império» ibérico — cultural, humano, nem político nem social —, os fundamentos da «civilização ibérica», baseada na independência mútua e na justificação histórica da Ibéria como ponto de fusão das culturas mediterrânicas e atlânticas, são, por si próprios, tema suficiente para estudo nas sempre difíceis relações entre as duas nações vizinhas.

## Uma língua considerada «menor»

Até há dois anos, quase ninguém ouvira falar em Fernando Pessoa nos Estados Unidos, quando dois volumes com traduções da sua poesia foram publicados por pequenas editoras. Pouca gente lhes prestou alguma

atenção até que em Dezembro passado o crítico do «**New York Times**», David Rosenthal, começou a sua recensão com as seguintes palavras: «**Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa contam-se entre os maiores poetas do nosso século**».

Até esta altura, o nome de Pessoa não tinha praticamente ultrapassado as fronteiras dos «campus» universitários, e quando o fazia era para se fixar nas entradas dos dicionários e enciclopédias especializadas. Uma edição, em 1971, de **Selected Poems by Fernando Pessoa**, com uma introdução de Octávio Paz (um pessoano fanático), passou despercebida. Mas, em 1981, Pessoa figura já (é o único português) entre os 537 **Makers of Modern Culture**, um dicionário editado em Nova Iorque, ao lado de Picasso, Pirandello, Pound e Proust. A publicação, em 1982, pela Universidade de Brown de **The Man Who Never Was**, uma colectânea de ensaios sobre Fernando Pessoa apresentados no Simpósio Internacional sobre o poeta e organizada por aquela Universidade cinco anos antes, foi o ponto de partida.

Para Rosenthal, o pouco conhecimento de Pessoa nos EUA deve-se à pouca importância atribuída à língua portuguesa, considerada «menor». O professor Edwin Honig, da Universidade de Brown, responsável juntamente com Susan Brown pelas três edições americanas mencionadas, encontra uma outra explicação: Pessoa é intrinsecamente «não americano». Honig pensa que Pessoa foi ignorado nos Estados Unidos devido a uma «resistência temperamental: ele não se encaixa facilmente no carácter americano. Ele pertence à mó de baixo enquanto nós pertencemos à mó de cima. Estamos habituados a que os poetas sejam figuras heróicas, mas ele é uma figura anti-heróica, antipoética, ele até nega ser poeta. Pessoa tem um sentido cuidadosamente cultivado do desconcerto sobre a sua identidade, que faz parte da maneira de ser portuguesa».

Pessoa, o poeta dos heterónimos e do fingimento, contraria o instinto básico de todo o artista americano, para quem a celebridade é tão essencial como o ar. Assim, a divulgação de Pessoa nos Estados Unidos foi uma «**luta contra a maré**», como diz o professor Honig. Mas os esforços acabaram por dar frutos: Rosenthal, no «**New York Times**», coloca Pessoa

«**Lisboa, cidade do desassossego, faz a sua entrada na literatura, depois da Praga de Kafka e da Dublin de Joyce**»



entre «os gigantes do modernismo a cuja sombra nós vivemos e que dão uma extraordinária riqueza ao nosso século».

Pessoa, diz Honig, «começa a pegar», e não só entre os críticos. O professor, que prepara para breve a edição de um livro com estudos sobre Pessoa, afirma que recebe todas as semanas cartas de poetas entusiasmados e surpreendidos com a descoberta de Pessoa, um poeta de uma «língua menor». Entre os mais entusiasmados nas cartas a Honig encontra-se o célebre poeta americano Allen Ginsburg.

### Tradução difícil para inglês

Honig descobriu Pessoa em 1963, durante uma viagem a Lisboa. «Quase não havia noção de Pessoa na língua inglesa antes disso», disse Honig ao EXPRESSO. O que havia eram estudos dispersos e participação em antologias. Foi em 1971 que, simultaneamente com a primeira edição americana de Chicago, se publicaram na Grã-Bretanha as primeiras três antologias, por editoras associadas a três universidades — Cardiff, Edimburgo e Oxford. Esta última, traduzida pelo poeta Jonathan Griffin, viria três anos depois a servir de base para a primeira grande edição em língua inglesa, de Pessoa, na colecção de modernos poetas europeus da Penguin. Esta

antologia seria reeditada com um novo suplemento em 1982 e, em Setembro próximo, sairá uma terceira edição de mais 6 mil exemplares.

Paul Keegan, o editor da série, afirma-se «um grande entusiasta» de Pessoa. Ele tem planos para a elaboração de uma nova antologia, em que haja maior representação dos heterónimos, usando algumas das traduções feitas nos Estados Unidos onde, segundo diz, «a obra de Pessoa tem passado por um período de grande expansão nos últimos anos».

Este ano está prevista uma outra edição em Inglaterra, para assinalar o centenário de Pessoa. Será uma antologia inédita, publicada pela Carcanet Press, de Oxford, com o apoio da Fundação Gulbenkian, e a selecção dos textos foi feita por dois poetas portugueses residentes há muito em Londres. Eugénio Lisboa (Conselho cultural da Embaixada de Portugal) e Hélder Macedo (professor do Departamento de Estudos Portugueses do King's College). Ainda no âmbito das comemorações do centenário, realizam-se este mês várias leituras públicas, em Londres, de poemas de Pessoa, no South Bank, e a revista literária «Number» é-lhe inteiramente dedicada.

Embora o editor da Penguin, Paul Keegan, considere que o interesse crescente por Pessoa beneficia do facto de a sua obra ser facilmente

traduzível, o tradutor desta nova antologia reconhece ter deparado com «profundas dificuldades na tradução em Pessoa, particularmente nos poemas que se viram deliberadamente para zonas de obscuridade e para os quais é difícil encontrar equivalente na língua inglesa». Bosley, que afirma sentir-se «menos à vontade» com Álvaro de Campos, interroga-se mesmo se um só tradutor deverá traduzir todos os heterónimos.

As «máscaras» de Pessoa constituem um dos obstáculos à penetração do poeta em Inglaterra, embora Bosley faça notar que «poetas ingleses contemporâneos como T. S. Elliot e Ezra Pound, e indo mais atrás Robert Browning», a utilizavam. «A diferença é que, enquanto os ingleses mais tarde ou mais cedo abandonam a máscara, Pessoa nunca o faz.»

Um outro obstáculo, pelo menos em Inglaterra, é o desagrado do público inglês pela sofisticação literária e linguística. Os ingleses, um povo de lojistas — como lhes chamava o sonhador Napoleão — habituados aos raciocínios terra-a-terra, gostam de poetas do quotidiano, de situações palpáveis e imediatamente reconhecíveis, como Philipe Larkin e o laureado John Betjemen. A poesia reflexiva do empregado de comércio Fernando Pessoa pode deixá-los frios.

(Continua na pág. 34-R)



«Um sentido cuidadosamente cultivado do desconcerto sobre a sua identidade, que faz parte da maneira de ser português»

## Abrindo Caminhos...



# Manchester Dublin

Novos destinos na rota de expansão TAP Air Portugal. A partir de agora, é possível voar para Manchester e Dublin e até mesmo entre elas. Resultante de uma política de expansão e dinamismo da TAP Air Portugal e da recente liberalização do tráfego na Europa, abrem-se mais perspectivas, rumo ao grande centro industrial do Lancashire e à bela cidade milenária da Irlanda. Contando com a tradicional qualidade TAP Air Portugal, aprecie a eficiência de um serviço como só nós sabemos manter. Com Arte e com Saber.

Desde 2 de Junho, 2 vezes por semana.

	LISBOA	MANCHESTER	DUBLIN	
TP 464	P. 10,10	→ C. 12,45	P. 13,35	→ C. 14,15
TP 465	C. 19,30	← P. 16,50	C. 16,00	← P. 15,15

Consulte o seu agente de viagens.

NAVIGATOR  
CLASS  
top executive

Saber voar nas asas da História.

TAP AIR PORTUGAL

# Uma pátria com muitas línguas

António Massano

A 30 DE NOVEMBRO de 1935, numa cama do Hospital de S. Luís dos Franceses, Fernando Pessoa escrevia, em inglês, as suas últimas palavras: «Não sei o que trará o amanhã» (I know not what tomorrow will bring). Já em Junho de 1914, confidenciava numa carta à mãe: «Que serei eu daqui a dez anos — de aqui a cinco anos mesmo? Os meus amigos dizem-me que eu serei um dos maiores poetas contemporâneos — dizem-nos vendo o que eu tenho já feito, não o que poderei fazer (se não eu não citava o que eles dizem...). Mas sei eu ao certo o que isso, mesmo que se realize, significa? Sei eu a que isso sabe? Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade e o triunfo cheire a podridão.»

Depois, sobretudo muitos anos depois, é o que se sabe em torno dele e da sua obra: teses, colóquios, encontros, seminários, congressos, estátuas, homenagens, números monográficos de revistas, etc., etc. Dele, um sem-número de leitores, tradutores, admiradores, imitadores, e até abutres. E um sem-número de contagiados pela «febre» pessoana.

## Monges trapistas, zenbudistas e cistercienses

Em 1965, a Abadia de Nossa Senhora de Gethsemani divulgava, em inglês, doze poemas de «O guardador de rebanhos», traduzidos pelo bem conhecido monge trapista Thomas Merton, que assim se lhe referiu: «Fer-

nando Pessoa é uma figura curiosa e original dos princípios do século XX (...) Pessoa-Caeiro deve ser considerado entre os escritores ocidentais que têm afinidade com a visão Zen — 'a capacidade para um estado de consciência absoluta'. Curiosamente também, Pessoa concitou, na Holanda, o entusiasmo da seita de Bhagwan que, quiçá pela sua faceta zenbudista, o tomou como «pai espiritual», fazendo da sua obra o seu «livro vermelho».

E a Abadia cisterciense de Royaumont, nas imediações de Paris — fundada em 1228 por S. Luís, rei de França — reuniu, em 1986, muitos admiradores seus, em torno do lema «Navegar é preciso, viver não é preciso...». Na ocasião, escreveu Robert Bréchon: «Ele nasceu sozinho em Lisboa, mas será aí que muitos vão morrer: Caeiro, Reis, Campos, Soares, Mora, Guedes, Baldaya, Search, Rimbaud, Nietzsche e Kafka seguiram o seu caminho; mas Pessoa seguiu três, quatro, dez, vinte caminhos (...) Van Gogh, Nietzsche, Kafka, Flaubert, Rimbaud... Pessoa é da

família... Pessoa faz eco de todos eles.»

## Por entre povos de língua castelhana

Em países de língua espanhola, conta com «devotos» tão conhecidos como o autor de Cem Anos de Solidão, Gabriel García Márquez, e o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz: «A primeira vez que ouvi falar de Pessoa foi em Paris, numa noite de Outono de 1958. Tinha jantado com uns amigos, numa casa do Marais; um dos presentes, Nora Mitrani, pediu-me a opinião sobre o 'caso Pessoa' (...) Vieira da Silva emprestou-me a Obra Poética (...) Nora Mitrani morreu há alguns meses; creio que a teria deixado contente saber que essa conversa de 1958 despertou uma paixão: Fernando Pessoa» (palavras de 1961).

Em Espanha, entre muitos outros, fazem parte dos seus incondicionais, Gerardo Diego, Gonzalo Torrente Ballester, Ángel Campos Pampano, Ildefonso Manuel Gil, Rafael Santos Torroella, J.L. García Martín e Pablo del

Barco. Há, contudo, que não esquecer José António Llardent, recentemente falecido, e Ángel Crespo, que colabora neste número do EXPRESSO com o artigo «Pessoa e eu». Até o grupo andaluz de Vicente Soto prestou, em 1986, a sua homenagem ao poeta português com o disco Pessoa flamenco, patrocinado pela Rádio Nacional de Espanha.

Por sua vez, no México, para além de Paz, têm-se dedicado à obra pessoana Gabriel Zaid e Francisco Cervantes, tendo este último traduzido, há pouco, a biografia de Pessoa por João Gaspar Simões; na Venezuela, temos Santia-

go Kovadloff e na Argentina, Rodolfo Alonso.

## Brasileiros escritores, actores e músicos

No Brasil... levaria tempo a anunciar todos os pessoanos, mas lá estão Manuel Bandeira («esse grande amigo de todos nós que é Fernando Pessoa»), Cecília Meireles («F. Pessoa é o caso mais extraordinário das letras portuguesas»), e Murilo Mendes: «Estamos diante de um dos maiores acontecimentos literários e artísticos deste século (...). Não conheço lucidez tão grande em nenhum outro poeta (...). Querido Fernando Pessoa: ao lado de Camões, de Antero, de António Nobre, de Villon, de Baudelaire, de Rimbaud, tu estás conosco... com os poetas encarrega-

dos de transmitir através dos séculos a vocação transcendente do homem». Carlos Drummond de Andrade disse, respondendo à já clássica pergunta sobre que poemas levaria para uma ilha deserta: «Não levava nenhum, não. Levava Baudelaire, Fernando Pessoa, Whitman, Verlaine». E o

mesmo Drummond: «Que levava (leva) no bolso / Fernando Reis de Campos Caeiro Pessoa: / irónico bilhete de identidade, / identity card / válido por cinco anos ou pela eternidade?»

Admiram-no também, na pessoa do actor Tony Ramos, os protagonistas da telenovela Baila comigo. Canta-o Raimundo Fagner, di-lo Paulo Autran. E esgota-se bem depressa o disco A música em Pessoa, com temas de António Carlos Jobim, Milton Nascimento, Dorival Caymmi e outros. Muitos lhe têm dado a sua atenção: Leyla Perrone-Moisés, Alexandrino Severino, Carlos Filipe Moisés, Catarina Edinger, Joaquim-Francisco Coelho, Cleonice Berardinelli, Massaud Moisés e João Alves das Neves. O IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, realizado em finais de Abril, em terras brasileiras, congregou mais de 800 participantes.

## «O genial português»

Pessoa soma, Pessoa segue: até a cantora Patti Smith declarou, por ele, o seu encanto.

Em França, Pierre Rissient fez o filme Cinq et la Peau, parcialmente inspirado em poemas de Pessoa, cuja obra é, para ele, «uma das mais incómodas dos últimos anos».

O poeta e crítico Alain Bosquet foi terminante: «Os maiores poetas do mundo? S. Francisco de Assis para o passado, Fernando Pessoa para os tempos modernos.» Há um lusófilo ao qual muito se deve a penetração de



Verlag, está mesmo a tornar-se um «Kultbuch», um livro de culto, uma bíblia efémera, como escreveu Peter Hamm do «Die Zeit». Sob o título de Das Buch der Unruhe, foi o «livro do mês» escolhido pela Academia de Língua Alemã e chegou a estar em número 2 na lista dos «best-sellers», apenas ultrapassado pela tradução alemã do Amante de Marguerite Duras.

O artigo de Peter Hamm — que realizou para a televisão alemã um extenso documentário sobre Pessoa a propósito da edição em alemão dos poemas de Álvaro de Campos — intitulava-se No labirinto do Eu e, em subtítulo, punha uma citação de

# Documento da identidade moderna

(Continuação da pág. 33-R)

«O uso mínimo de imagística nos poemas de Pessoa, o transporte do discurso poético para o abstracto, levantam dificuldades específicas para um público inglês», reconhece Hélder Macedo.

Esta opinião é partilhada por John Pilling, organizador de An Introduction to Fifty Modern European Poets, publicado pela anglo-australiana Pan Books, que, considerando Pessoa «o mais múltiplo de todos os poetas modernos», coloca reticências sobre a qualidade da sua poesia em inglês.

Em Janeiro de 1987 um pequeno teatro de Colónia organizou numa sexta-feira à

noite, às 23.30, uma leitura encenada de textos de Fernando Pessoa. Devido à hora insólita, os organizadores esperavam que comparecesse pouca gente, apenas umas dezenas de «habitues» de sessões literárias. Em vez

disso, o teatro encheu a abarrotar e a sessão teve de ser repetida. E não para os «habitues» literatos. A esmagadora maioria do público era constituída por jovens como Bettina Quabeck, uma jovem antropóloga de 28

anos, que afirmou ao EXPRESSO que gostava de Pessoa porque «ele reflecte a desorientação ou talvez antes a falta de orientação da sociedade alemã dos nossos dias».

Aquilo que o público an-

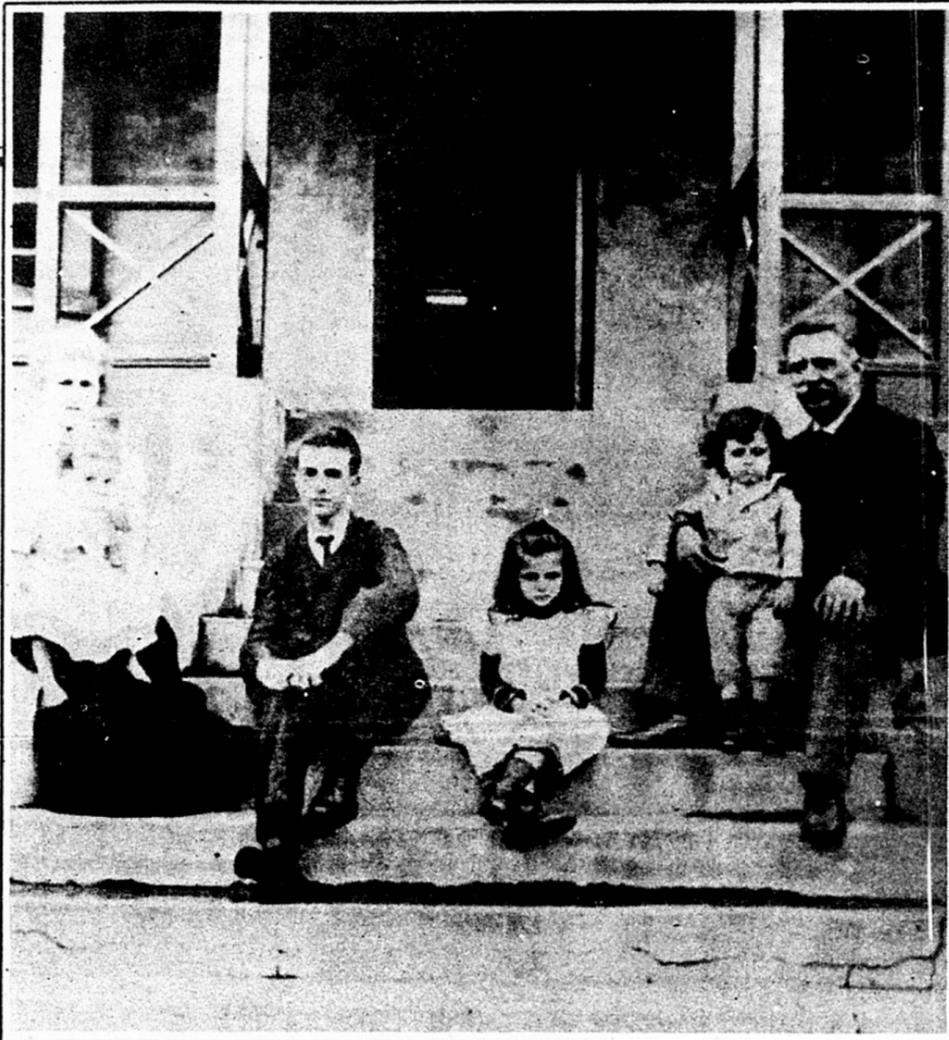
glo-saxónico menos pode apreciar em Pessoa, a sua doentia introspecção, é justamente a razão do súbito êxito do poeta na Alemanha. O Livro do Desassossego, publicado em 1985 pela editora de Zurique, Ammann

Pessoa no mundo — Pierre Hourcade —, que ainda o conheceu: «Nunca, depois de me despedir dele, me atrevi a olhar para trás; tinha medo de o ver desvanecer-se, dissolvido no ar.» E foi também Hourcade que, pela primeira vez, falou dele a Armand Guibert, que, por seu lado, o classificou de «o genial português». E passamos novamente a palavra a Pierre Hourcade: «Fernando Pessoa é o poeta-polvo (...). Julgava-o pequeno, melancólico e amorenado, preso ao funesto encanto da 'saudade' com que se intoxica toda a sua raça — e esbarro subitamente com o olhar mais vivo, um sorriso firme e malicioso, um rosto transbordando de vida secreta.» O próprio Hourcade presta a sua homenagem a Guibert: «Armand Guibert tem sido um incansável, um perfeito servidor da amizade e da admiração por Fernando Pessoa (...).

Armand Guibert, o mais tenaz, o mais fervoroso e eficaz paladino da causa de Pessoa perante a opinião internacional.»

Resta citar Rémy Hourcade, Hector Bianciotti, Robert Bréchon (um dos encarregados da edição da obra de Pessoa para a Christian Bourgois), e Georges Güntert.

Para a língua inglesa, temos Jonathan Griffin, Edwin Honig, F.E.G. Quintanilha e Peter Rickar. Em alemão, Georg Rudolf Lind, evidentemente. E, em Itália, Luigi Panarese, Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, sem esquecer, é claro, António Tabucchi. Muitos nomes — e im-



Com a família, em Durban: «Serei compreendido só em efígie»

portantes — ficaram por mencionar.

### Nas Caraíbas, na África

Mas Fernando Pessoa salta fronteiras atrás de fronteiras. O poeta Aimé Césaire disse um dia a Armand Guibert: «Sabia que na Martinica só se fala de Fernando Pessoa?» Noutro escritor, africano, Léopold Sédar Senghor, tem o poeta um admirador.

Muitas paixões, muitos fascínios.

Mas já é hora de darmos a palavra a Pessoa, que tem algo para contar, em o Livro do Desassossego: «Posso orgulhar-me, como de um filho, da fama que terei, porque, ao menos, tenho com que ater. E quando penso isto, erguendo-me da mesa, é

com uma íntima majestade que a minha estatura invisível se ergue acima de Detroit, Michigan, e de toda a praça de Lisboa.»

E estouta passagem: «Penso às vezes, com um deleite triste, que se um dia, num futuro a que eu já não pertence, estas frases, que escrevo, durarem com louvor, eu terei em fim gente que me 'compreenda', os meus, a família verdadeira para nela nascer e ser amado. Mas, longe de nela eu ir nascer, terei já morrido há muito. Serei compreendido só em efígie, quando a afeição já não compense a quem morreu a só desafeição que houve, quando vivo.»

«Talvez compreendam que cumpri...»

«Um dia talvez compreendam que cumpri,

como nenhum outro, o meu dever-nato de intérprete de uma parte do nosso século; e quando o compreendam, não-de escrever que na minha época fui incompreendido, que infelizmente vivi entre desafeições e friezas, e que é pena que tal me acontecesse. E o que escrever isto será, na época em que o escrever, incompreendedor, como os que me cercam, do meu análogo daquele tempo futuro. Porque os homens só aprendem para uso dos seus bisavós, que já morreram. Só aos mortos sabemos ensinar as verdadeiras regras de viver.»

E rematemos com as palavras de Pessoa, em carta à mãe, citadas no início: «Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade, e o triunfo cheira a podridão.»

Pessoa: «Deus não é uno — como poderia eu sê-lo?»

É esta personalidade estilizada que torna Pessoa fascinante para os alemães, justifica o Professor Reiner Hess, catedrático da Universidade de Freiburg, porque talvez seja esse o sentimento de fundo de muitos leitores. A «Unruhe», o «desassossego» geral, a inquietação, a sensação de caos e confusão que traduzem uma crise de identidade cultural e colectiva na Alemanha encontraram em Pessoa um intérprete de eleição. O «Rehinsche Merkur», de Dusseldorf, chama a Pessoa «um documento da identidade moderna».

O professor Georg Rudolf Lind, a quem cabe o inegável mérito de ter sido o principal divulgador de Pessoa na Alemanha e na Áustria, traduzindo e editando o poeta desde 1962, justifica esta explosão de súbito interesse pelo facto de «o tempo já estar maduro para descobrir Pessoa. O tradicional pendor dos alemães para a reflexão sobre si e o mundo — reflexão se possível exaustiva — também pode explicar porque é que este poeta agrada tanto ao leitor actual».

### Um território extravagante

Contrariando algumas vozes, que já em 1985, durante as comemorações do

cinquentenário do seu falecimento, proclamavam a «morte de Pessoa», o interesse e a paixão pelo poeta parece não pararem de crescer. Das dezenas de edições em Itália às exploratórias traduções em japonês e chinês, Fernando Pessoa e a sua corte de heterónimos estão presentes nas principais línguas do globo. Como disse ao EXPRESSO a professora Cleonice Berardinelli, de 71 anos, a única brasileira a trabalhar na fabulosa «arca» dos tesouros pessoanos, o interesse da juventude pelo poeta é cada vez maior. «Essa angústia existencial que se revela na sua obra, essa insatisfação, tudo isso é muito semelhante ao que a juven-

tude está experimentando. Eu acho que eles, os jovens, se sentem em consonância com o poeta. Também há um outro aspecto, a heteronímia, o facto de Fernando Pessoa ser ele mesmo e mais este e aquele, desperta a curiosidade: Que poeta é este que não é só um mas quatro, cinco ou seis? É a vontade de entrar num território que é um pouco extravagante.»

com Isa Sales Freaza no Rio de Janeiro, Ana Navarro Pedro em Paris, Angel Luis de La Calle em Madrid, Tony Jenkins em Nova Iorque, Teresa Guerreiro em Londres, Carlos Martins em Bona e Teresa Monteiro em Lisboa

# Pessoa lá fora

EM diversos idiomas, traduzido ou objecto de ensaios em vários países do mundo, eis algumas das primeiras edições de ou sobre Fernando Pessoa:

## FRANCÊS

1930 — Pierre Hourcade escreve «Rencontre avec Fernando Pessoa», em *Contacts*, 3, Paris.

## ESPAÑHOL

1944 — Rafael Morales traduz, em *Garcilaso*, de Madrid, «Qualquer música...»

## ITALIANO

1945 — M. Gasparini traduz, em *Poesia*, de Milão, quatro poemas.

## INGLÊS

1955 — Edouard Roditi traduz em *Poetry* n.º 87, de Chicago, vários poemas.

## ALEMÃO

1956 — Paul Celan e Edouard Roditi publicam «Fernando Pessoa. Sieben Gedichte», em *Die Neue Rudschau* Francoforte.

## CHINÊS

1959 — Luís Gonzaga Gomes publica a *Mensagem*, numa edição reservada aos alunos do Liceu Nacional Infante D. Henrique.

## CHECO

1968 — Josef Hirsal e Paola Lidmilová publicam, em Praga, *Heteronyma*.

## GREGO

1969 — Germaine Mamalaki traduz dois poemas de Álvaro de Campos para *Poesia sem fronteiras*, Atenas.

## ESTÓNIO

1973 — Ain Kaalep apresenta a selecção de poemas «Autopsühhograafia», em *Periodika*, Tallin.

## SUECO

1973 — Arne Lundgren publica Fernando Pessoa. *Ett Diktåröde*, Estocolmo.

## ROMENO

1973 — Roxana Eminescu publica «Originalitatea prin anonimata», em *Secolul 20. Revista de Literatura Universala*.

## NORUEGUÊS

1974 — Johann Fredrik Groggaard escreve «Pseudonym. Heteronym. Orthonym — enintroduksjon til Fernando Pessoa», em *Vinduet*, vol. 28, n.º 4, Oslo.

## FINLANDÊS

1974 — De Pentti Saaritsa, aparece, em Helsínquia, *Fernando Pessoa. Hetkien Vaellus*.

## RUSSO

1974 — Surge, em Moscovo, a antologia *Portugalsskaia Poeziia XX Veka*, organizada por E. Golubeva.

## POLACO

1975 — Mikolaj Bieszczadowski traduz poemas de F.P na revista *Literatura na swiecie*, Varsóvia.

## BÚLGARO

1975 — Em *Savremennik*, de Sofia, Gueorgui Mitzkov traduz «Saudação a Walt Whitman».

## HOLANDÊS

1977 — August Willemsen escreve «Fernando Pessoa. De anarchistische bankier» em *Maatstaf* n.º 5/6, Amsterdão.

## JUGOSLAVO

1983 — Mirko Tomasovic traduz a «Ode Marítima» e «Passagem das Horas», acompanhados de um estudo sobre a poesia, a vida e a bibliografia de Pessoa.

## CATALÃO

1985 — Aparece, em Barcelona, *Poemes d'Álvaro de Campos*, em tradução de J. Sala-Sanahuja.

## JAPONÊS

1985 — A Editora Sairhusha publica a antologia de Pessoa *Portugaro Uni*, traduzida por Mineo Ikegami, com a colaboração de J. e M. Alvares.

**S**E O TEMPO fosse uma fortaleza, nós podíamos contornar as suas muralhas com os nossos cantos, como Josué diante de Jericó. Mas «o nada vivo em que estamos» não se deixa subornar pelo imaginário. É ele que lhe dá origem. A esse título, a poesia de Pessoa, impotente como todas as outras para resolver ou mesmo para enunciar o mistério do tempo, recebe dele a sua luminosa estranheza, pois não vive senão do conforto radical com uma temporalidade que pode ser vivida, mas nunca verdadeiramente compreendida.

Apesar da sua obsessão pela realidade misteriosa do tempo, a poesia de Pessoa deve a sua originalidade mais profunda e os seus sortilégios a uma paradoxal centralização do tempo. Nem o tempo nem a morte são objecto da verdadeira experiência. É do sentimento original da sua irrealidade que toda a poesia de Pessoa recebe o seu impulso. O poema nasce como manifestação, ao mesmo tempo sensível e intelectual, de uma ausência radical de sentido para o que nós chamamos comumente o Tempo e a Morte.

### O neófito e a morte

O iniciado, segundo Pessoa, o neófito dos seus poemas temáticos, é aquele que sabe, com o máximo de claridade, que a morte não existe:

Não dormes sob os ciprestes  
Pois não há sons no mundo

O corpo é a sombra das vestes  
Que encobrem teu ser profundo  
Vem a noite, que é a morte,  
E a sombra acabou sem ser,  
Vais na noite só recorte  
Igual a ti sem querer

A sombra das tuas vestes  
Ficou entre nós na Sorte  
Mas 'stás morto entre ciprestes

Neófito não há morte.

Sob a versão temática brilha uma antiga ideia neoplatónica ou até platónica. Naturalmente «divina», a alma é naturalmente inútil. Imortal, quer dizer, fora do Tempo. Tempo e Espaço são as formas originais da Queda da alma no corpo. Ambos são o próprio Corpo como incapaz de se pensar como alma, como manifestação primeira da Unidade, a única realidade digna desse nome, mesmo se nós só a podemos pensar e imaginar sob um modo da pura Ausência. Na época em que Fernando Pessoa exprimia a sua visão e o seu sentimento do mundo sob a roupagem do simbolismo mais delicado, esta Queda podia ser evocada através de um véu de bruma e de metáfora simultaneamente deliquescentes e plenas de estranha beleza:

Meu pensamento é um rio subterrâneo  
Para que terras vai e donde vem?  
Não sei... Na noite em que o meu ser o tem

Emerge dele um ruído subitâneo.

De virgens no Mistério extraviadas  
De eu compreendê-las... misteriosas fontes  
habitando a distância de ermos e montes  
Onde os momentos são a Deus chegados...

De vez em quando luz em minha mágoa,  
Como um farol num mar desconhecido,  
Num movimento de correr, perdido  
Em mim, um pálido soluço de água...

E a ideia de uma Pátria anterior  
À forma consciente do meu ser,  
Dói-me no que desejo e vem bater  
Como uma onda de encontro à minha dor.

Escuto-o... Ao longe, no meu vago tacto  
Da minha alma, perdido sou incerto,  
Como um eterno rio indescoberto,  
Mais que a ideia de rio certo e abstracto...

E para onde é que ele vai, que se extravia

*Apesar da sua obsessão pela realidade misteriosa do tempo, a poesia de Pessoa deve a sua originalidade mais profunda e os seus sortilégios a uma paradoxal centralização do tempo. E o poema nasce como manifestação de uma ausência radical de sentido para o que chamamos o Tempo e a Morte*



ensaio

# Pessoa e o tempo

Eduardo Lourenço

Do meu ouvi-lo? A que cavernas desce?  
Em que frios de Assombro é que arrefeceu?  
De que névoas soturnas se anuvia?

Não sei... Eu perco-o... E outra vez regressa  
A luz e a cor do mundo claro e actual,  
E na interior distância do meu Real,  
Como se a alma acabasse, o rio cessa...

### Cais platónico

No único país real que ele habitou, o do Sonho, nenhum rio correu jamais, mas por

isso mesmo não há na sua poesia mais obsessiva imagem que a do rio que corre como se não corresse. Muito jovem, Pessoa apreendeu o vazio intrínseco, a monotonia insuportável do Tempo: «Tão sempre a mesma, a Hora!»

Num outro poema, essa Hora, resumo e símbolo de todas as luas, descrita aqui como «Hora expulsa de si, Tempo», Hora simbólica, e apenas tempo já passado, Hora absurda: «A Hora sabe a ter sido...»

É apenas na sua aparência, na sua exterioridade, que a realidade temporal aparenta a tonalidade heracliteana de um rio que corre sem cessar, ou antes, que é puro escoamento sem «ser»; sob a máscara de Al-

### A negação do tempo é sobretudo a do Pessoa ortónimo



varo de Campos, anjo caído no mundo e (aparentemente) solidário desse mundo, dará uma voz a essa temporalidade inapreensível. Mas na sua verdade mais funda, a temporalidade é uma mera ilusão e a caminhada irreversível que parece criar o caminho é sempre um regresso a essa Pátria anterior, e esse Cais platónico de onde todos partimos, evocado na Ode Marítima. Individual ou colectiva, a viagem revela sempre como desdobramento imaginário do tempo humano, simulacro cujo sentido só se manifesta às avessas, enquanto involução ou pesadelo, como de D. Sebastião na Mensagem...

Que importa o areal e a morte e a desventura

Se com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei que eterno dura,  
É Esse que regressarei.

Poder-se-á dizer que esta negação do tempo é sobretudo a do Fernando Pessoa ortónimo, quer dizer da sua poesia essencialmente simbólica ou mítica, quer se trate dos poemas «Além Deus» ou «Passos de Luz» que revelam do ocultismo, quer dos da pseudo-epopeia Mensagem, não menos ocultista. Com efeito, é nos poemas de Pessoa ele mesmo que esse sentimento da Queda no tempo encontra a sua expressão maior explícita, quer como tomada de consciência de uma infelicidade contingente, provisória, quer como infelicidade ontológica, irremediável. A maneira de Antero de Quental, o poeta dos Passos da Cruz alterna estas duas perspectivas em poemas muito conhecidos, como o poema VI dessa série, aquele que abre assim:

Venho de longe e trago no perfil  
Em forma nevoenta e afastada  
O perfil de outro ser que desagrada  
Ao meu actual recorde humano e vil

Ou aquele que começa por:

Emissário de um rei desconhecido  
Eu cumpro informes instruções de além  
E as bruscas frases que a meus lábios vêm  
Soam-me a um outro e anómalo sentido.

E termina:

Não sei se existe o Rei que me mandou,  
Minha missão será eu a esquecer.  
Meu orgulho o deserto em que em mim  
estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições  
De antes de tempo e espaço e vida e ser...  
Já viram Deus as minhas sensações...

### Sentimento agudo do tempo

Na realidade, sob esta forma mítica, a neutralização ou escamoteação do Tempo manifesta «a contrario» um sentimento agudo desse mesmo Tempo. Se o ser encarnado, o Poeta, se entrevê como simulacro, como esboço da sua realidade oculta, aquém do tempo, não deixa de sentir, de uma maneira mais conforme à glosa lírica da temporalidade vivida como nostalgia de si mesmo, ou busca dilacerante de ser, a ausência da substância, a irrealidade de uma existência emersa, por assim dizer, confundida com a «passagem das horas», a inconsistência dolorosa do que passa, do puro devir. Esta «velha música» que ressoa na poesia do poeta ortónimo, poesia sem aparente ambição metafórica, quase popular na sua inspiração é aquela onde se inscreve o sentimento de uma temporalidade simultaneamente real e vã, porque desdobrada, como no célebre pequeno poema em que Pessoa evoca «os sinos da minha aldeia»:

E é tão lento o teu soar  
Tão como triste da vida,  
que já a primeira pancada  
Tem o som de repetida.

Todos conhecemos a melancolia romântica característica da vivência da temporalidade como realidade evanescente. Aqui nós temos, por assim dizer, uma melancolia em segundo grau, de que só a ideia do sonho de um mundo-outro, soterrado, mas presente pela sua própria ausência, nos pode curar. Esta melancolia, eco de uma temporalidade fictícia, que dá corpo à glosa constante do tédio, em Pessoa, pode, todavia, ser também fonte de uma felicidade, não menos fictícia,

EXPRESSO, SÁBADO, 4-JUNHO-1988

na medida em que o momento vivido sobrevive misteriosamente à sua própria evanescência:

Momento imperceptível,  
Que coisa foste, que há  
Já em mim qualquer coisa  
Que nunca passará?

Sei que passados anos,  
O que isto é lembrarei,  
Sem saber já o que era,  
Que até já o não sei.

Mas, nada só que fosse,  
Fica dele um ficar  
Que será suave ainda  
Quando eu o não lembrar...

## A morte da Morte

O tempo como pura evanescência encontra na peça de teatro *O Marinheiro* a sua expressão inultrapassável. Na verdade nem se trata aí de uma temporalidade própria da ordem da Queda da alma no corpo, como a que serve de trama e tema ao seu lirismo, mas de uma espécie de tempo morto que é, naturalmente, tempo da Morte. A morte da Morte que preside na sua mudez à conversa infinita e recorrente das veladoras. Nesse drama — que, como se sabe, Pessoa descreveu como *estático* — não se passa nada. Entre a vida e a morte, mais mortas do que vivas, três irmãs relembram, ou fazem que relembram, uma circularidade obsessiva, um puro Sonho — o de um *Marinheiro* que só existe para justificar esse sonho. Elas evocam indistintamente o seu passado, o seu presente, o seu futuro, sem atribuir a nenhuma destas três faces do inominado — o Tempo — mais credibilidade que ao Sonho que as faz existir porque elas falam.

Tudo isto podia ser o cúmulo do artifício e da preciosidade simbolistas — e em boa verdade o é —, mas esta temporalidade do Sonho, como um perfume tenaz, insinua-se nessa vaga maré das palavras, com a pungente nostalgia da Realidade. Pessoa, o Sonhador, tal como se define no *Livro do Desassossego*, mas também «o visual», recorta as coisas do mundo numa luz irreal e, de súbito, o mundo conhecido toma as cores do desconhecido, e o próprio tempo morto anima-se e nós entrevemos, para além do espelho do sonho, a incandescência pura da Vida: «Ao princípio ele criou as paisagens; depois criou as cidades; criou depois as ruas e as travessas, uma a uma, cinzelando-as na matéria da sua alma — uma a uma as ruas, bairro a bairro, até às muralhas do cais onde ele criou depois os portos... Uma a uma as ruas, e a gente que as percorria e que olhava sobre elas das janelas... Passou a conhecer certa gente, como quem a reconhece apenas... Ia-lhes conhecendo as vidas passadas e as conversas, e tudo isto era apenas como quem sonha apenas paisagens e as vai vendo... Depois viajava, recordando, através do país que criara... E assim foi construindo o seu passado... Breve tinha uma outra vida anterior... Tinha já nessa nova pátria, um lugar onde nascera, os lugares onde passara a juventude, os portos onde embarcar... Já tendo tido os companheiros da infância e depois os amigos e os inimigos da sua idade senil... Tudo era diferente de como ele o tivera — nem o país nem a gente nem o seu passado próprio se pareciam com o que haviam sido... Exigir que continue?...». Poucas passagens da obra de Pessoa comunicam como estas de *O Marinheiro*, a sua visão do Real como Irreal e de Irreal como Real, inextricavelmente soldados um ao outro. Era preciso não ter pátria, como todos a temos, para inventar uma outra de puro sonho para nem nela ter aquela que não terá jamais senão na nostalgia com que aqui a sonha. Esta passagem de *O Marinheiro* basta para mostrar que, mesmo na esfera do tempo irreal que se manifesta unicamente por uma repetição interminável da veleidade de falar para ser, a sombra da Queda, que é «o corpo» próprio da temporalidade, está sempre presente. No sonho do real atribuído ao *Marinheiro* (ele mesmo sonhado), a realidade sonhada desdobra-se sem cessar, torna-se outra, apenas entrevista ou nomeada.

## Do vazio à plenitude

A autêntica experiência da temporalidade, a vivência do Tempo com qualquer coisa ir-



No único país real que ele habitou, o do Sonho, nenhum rio correu jamais

reversível, apesar do sentimento da sua irrealidade original, só serão assumidos por Pessoa, em termos mais comuns, através dos seus duplos Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, e da comédia-drama de que são a manifestação. Com efeito, só a Heteronímia, jogo do desdobramento fictício do si, comporta um conjunto positivo com a realidade paradoxal do Tempo tal como S. Agostinho a descreveu de uma vez para sempre no Livro X das *Confissões*. Com os três heterónimos, aquilo que na sua linguagem Heidegger chama existências temporais recebe uma expressão poética própria. Os poemas dos três duplos de Pessoa não glossam a pura irrealidade do Tempo ou a sua evanescência; como é o caso da temporalidade mítica (a da *Mensagem* ou da poesia hermética) ou da temporalidade irreal (a do Pessoa ortónimo ou do *Marinheiro*). Os três avatares mais célebres de Pessoa representam a sua tentativa desesperada para se encontrar, baixar à Terra, penetrar na realidade, lutar com ela corpo a corpo. Em suma, a sua máxima tentativa para conferir um sentido a esse mesmo Tempo, apreendido agora pelo poeta simbolista que no fundo, nunca deixou de ser, sob o modo da ficção heteronímica.

Pedir ao Tempo, romanticamente, como Lamartine, que ele «suspenda o seu uso» era um acto impossível ou irrisório na óptica de Pessoa. Se nós pudéssemos interpretá-lo assim, isso significaria que o podíamos converter em objecto, que não podíamos ficar imunes à ausência de nós mesmos, de que o Tempo é o signo equívoco. Tudo o que nós podemos fazer, sob o modo da ficção verdadeira que é o da invenção poética deliberadamente mítica, é tentar dar uma figura ao vazio ou ao excesso de plenitude através dos quais a temporalidade se deixa aflorar ou nos aflora. Para um Tempo que, magicamente, se concentrasse num «ponto infinito» (a sensação, cada sensação e todas as sensações, como a matéria do universo, se podem concentrar num dedal da densidade infinita), Pessoa imaginou-se Alberto Caeiro, pastor do ser reduzido à expressão menos pensada da realidade: flor, árvore, rio, cor, contacto nosso, ao mesmo tempo imediato e irreal com um Todo como pura exterioridade:

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos  
sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E o nariz e a boca.  
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
Me sento triste de gozá-lo tanto,  
E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes,  
Sinto todo o meu corpo deitado na  
realidade,

Sei a verdade e sou feliz.

A voz do que Pessoa recusa, o inverso desta pobre euforia, ressoa na própria negação de que o poema vive, mas ele não descobriu estratégia mais eficaz para fixar o Tempo, crer ou fingir que crê na sua «realidade» do que conceber o universo como um conjunto de sensações fechadas sobre si mesmas, «verdadeiras», fonte de verdade e felicidade para aquele que vive na sua órbita, extasiado, como os anjos no meio do Paraíso. Este anjo do Tempo-sensação, ou apenas este novo Adão sem queda, é precisamente Alberto Caeiro. Através dele Pessoa oferece-se a ilusão de escapar ao tempo, recusando separá-lo do gozo puro da sensação. Não foi por acaso se, depois de ter realizado, como uma criação, essa operação de magia de estar no tempo sem o sentir como tempo, o que só a contemplação da Natureza nos permite, Pessoa descobre o anjo do tempo atrás da porta, o Álvaro de Campos. E nele e através dele a temporalidade esboracada, fragmentada em múltiplas sensações, percepções, movimentos, actos e actividades humanas contraditórios e inumeráveis, cada um exigindo a cada instante um eu diferente para ser apreendido. O que em Alberto Caeiro era tempo condensado, convertido à força em simulacro ou sucedâneo verosímil da eternidade, torna-se, em Álvaro de Campos, tempo fragmentado, duração sem nenhum laço interno, simples sucessão de fulgurações ou fosforescências da aparência, ruídos do nada e regressando sem cessar ao nada. Mas a realidade deste «nada» é como um fogo negro no qual o ser e a ideia de ser se consomem, e cuja queimadura nos atinge no cerne do que somos. É esta temporalidade apreendida como angústia e escoamento inexorável da nossa pouca realidade que sugere a Pessoa-Álvaro de Campos a mais profunda e mais dolorosa das suas metáforas do Tempo: «nada vivo em que estamos».

Para dar forma a esta visão de uma temporalidade enquanto não-ser oculto no coração do ser, fonte de angústia pura ou tédio absoluto, Pessoa-Álvaro de Campos escreveu alguns dos mais dilacerantes poemas da nossa literatura e mesmo do nosso século como a «*Ode Marítima*», a «*Lisboa Revisitada*» e a «*A Tabacaria*». À luz de um Tempo que nem perdido pode ser, pois jamais consente que o façamos nosso, Pessoa descreve-se (e descreve-nos) como

Uma sombra que desliza entre as  
sombas e brilha  
Um momento de uma claridade fúnebre  
desconhecida  
E entra na noite como o sulco de um  
barco que se perde  
Na água e nós deixamos de ouvir...

## Indiferença estóica

Entre o tempo falsamente eterno do pastor Caeiro e o tempo rotineiro de Álvaro de Campos, frequentador, como Conrad, do «coração das trevas», existe o tempo intemporal, o tempo de pura ficção horaciana das

Odes de Ricardo Reis. E um tempo de paz — de uma certa paz dos cemitérios, é verdade — da paz da indiferença estóica ao agulhão da temporalidade, mas também do prazer um pouco epicurista da dor melancólica do devir:

Vem sentar-te comigo Lúdia, à beira do  
rio.  
Sossegadamente fitemos o seu curso e  
aprendamos  
Que a vida passa, e não estamos de mãos  
enlaçadas.  
(Enlacemos as mãos)

Depois pensemos, crianças, adultos, que  
a vida  
Passa e não fica, nada deixa e nunca  
regressa.  
Vai para um mar muito longe, para o pé  
do Fado,  
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale  
a pena cansarmo-nos.  
Quer gozemos, quer não gozemos,  
passamos com o rio.  
Mais vale saber passar silenciosamente  
E sem desassossegos grandes.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as  
No colo, e que o seu perfume suavize  
o momento —  
Este momento em que sossegadamente  
não cremos em nada.

Pagãos inocentes da decadência.  
Assim como um dos seus fantasmas, o «Mostrengo» da *Mensagem*, Fernando Pessoa cumpriu as três voltas rituais para exorcisar o que ele mesmo chamou «o enigma visível do tempo». O enigma permaneceu indecifrado e melhor do que ninguém, ele sabia, à partida, que o que ele esconde é da ordem do indecifrável. Mas destes três exorcismos nasceram Alberto Caeiro, Campos, Reis, três metáforas vivas da temporalidade, três maneiras de fingir, sublimemente, que o enigma podia ser resolvido.

Poeticamente o foi na medida em que cada um dos poetas-poemas ou dos poemas-poetas, nos mostra — mas desta vez numa espécie de luz sensível e cegante — até que ponto o Tempo e o Espaço não pertencem, para o homem do sonho Fernando Pessoa, ao domínio do verdadeiro Real. Este último, no seu mistério irreductível, releva da ordem do Oculto, diante do qual todas as nossas palavras, mesmo as mais carregadas de luz, são como ele dizia, «esgares». Aqueles que estão no Tempo — a todos nós — os deuses concederam apenas viver o momento tremulamente sobre águas eternas como está escrito no poema claro e iniciático da «*Ode Marítima*».

No nosso século, poucos poetas terão deslizado sobre essas «águas eternas» de que o Tempo e o Espaço são puro exílio, com tanta melancolia e esplendor como Fernando Pessoa.



## conversa

*Esta é a história de dois encontros singulares com Fernando Pessoa.*

*Um, italiano, comprou uma plaquete com o título Bureau de Tabac numa gare de comboios. Corriam os anos 60 e o jovem estudante viria a tornar-se o escritor Antonio Tabucchi. O outro, espanhol, comprou nos anos 50 as Odes de Ricardo Reis numa rua de Madrid. É o poeta Angel Crespo. Assim nasceram dois pessoanos*

# Um amigo português

Clara Ferreira Alves

**É** UM senhor magro, de olhar fino, preso ao horizonte por um fio. Tem óculos de aros dourados, um bigode ligeiro a arrebatar nas pontas, e uma inteligência rapidíssima e discreta. Todos lhe revelaram já que o escritor António Tabucchi se parecia com o fingidor Fernando Pessoa. Nada de espantos: conheceram-se há anos, muitos anos, numa gare de comboios. Podia ter sido num cais... desde então, fizeram sempre boa companhia um ao outro, e se Tabucchi deu Pessoa a muitos italianos, Pessoa deu a Tabucchi uma cumplicidade fiel. Desta relação íntima entre um italiano e um português fala alguém que de fútil, quotidiano e tributável, tem muito pouco...

### Na gare de Lyon

**EXPRESSO** — Com que idade é que, pela primeira vez, ouviu o nome de Pessoa?

**ANTÓNIO TABUCCHI** — Já não me lembro, passaram tantos anos. Eu sou velho sabe... sei que quando conheci o Pessoa não falava ainda uma palavra de português. Era um jovem estudante em Paris, em 63 ou 64, e ia regressar a Itália. Antes de apanhar o comboio na gare de Lyon, comprei numa banca uma «plaquete» que se chamava **Bureau de Tabac**, a Tabacaria se não me engano traduzida por Pierre Hourcade. Fiquei impressionado.

**EXP.** — Quando se lê um poema de um desconhecido que nos impressiona, o que é que se faz a seguir? Vai-se à procura do poeta...

**A.T.** — Sim, a minha viagem a Portugal, dois anos depois, foi influenciada por essa descoberta. Estava nessa altura em Madrid, a estudar literatura espanhola, a preparar uma tese, e deu-me de repente um grande desejo de visitar Portugal. Tinha um pequeno carro, um Fiat 500, pus-me a caminho. Cheguei a Portugal, onde tive a oportunidade de conhecer logo pessoas, que ficaram amigos. Cheguei sem conhecer ninguém. Tive a sorte de encontrar um poeta, um romancista...

**EXP.** — ... Um era o Alexandre O'Neill...

**A.T.** — Sim, era ele.

**EXP.** — Estamos em Lisboa, você tem 23 anos. É Pessoa?

**A.T.** — Uma amiga minha dá-me de presente a colecção da Ática. Do Pessoa, na época, já tinha

saído muita coisa. Aprendi português e comecei, de facto, a ler o poeta com o qual só tinha tido um encontro no comboio. E a partir daí cresce a minha amizade — chamo-lhe amizade — com o Pessoa.

**EXP.** — Uma amizade e uma convivência tão antigas não fazem com que Pessoa tivesse ganho entretanto, um corpo, uma identidade física, aos seus olhos?

**A.T.** — Pessoa é um daqueles raros escritores que são também personagens de ficção. Quando o meu conhecimento com Pessoa já era muito forte, pensei que ele, que tinha criado tantas personagens, que como «personagens» se tinha proposto, podia também ser criado por mim. Eu podia apoderar-me dele e metê-lo dentro de uma novela, dentro do **Jogo do Reverso**.

**EXP.** — Que acumulação de atracções, de seduções, teve Pessoa ao longo dos anos?

**A.T.** — Primeiro pensei, só, que ele fosse um grande poeta. E bastaria! Depois apercebi-me que ele era um poeta especial, era mais um ficcionista, no sentido em que era o autor de um mundo ficcional e a sua poesia participava do romanesco. Nunca tinha encontrado um poeta que tivesse concebido uma obra poética como se fosse um romance, que tivesse uma obra

poética com confins tão movediços entre a poesia, o teatro e a ficção, sendo o seu conjunto um universo romanesco. E eu, como narrador, não resistia à sedução.

### A obra e a biografia

**EXP.** — E na biografia dele, o que é que o seduzia?

**A.T.** — Tenho uma teoria: ele faz parte de um grupo de escritores do século XX, um grupo de gente que vive como ele, que vive como o Pessoa. Gente para a qual a biografia conta menos do que a obra, e cito já o Kafka, o Joyce, o Svevo, o Beckett, cuja biografia é a obra que faz. Uma das definições mais inteligentes a este propósito é do Octavio Paz, que a Maria José de Lancastre citou na **Fotobiografia**: «Os poetas não têm biografia, a sua obra é a sua biografia.» E não referi o Montale, do meu país, grande poeta que dizia de si mesmo: «De viver, há cinco por cento.» O que não é verdade, obviamente; é um jogo mais subtil que as aparências, implica uma dupla ficção. Estou convencido que toda esta gente viveu uma vida normal, às vezes intensa, embora tenha procurado esconder, ocultar uma vida pessoal em benefício de uma vida literária.

**EXP.** — Viajantes à volta do seu quarto, mui-

tos deles, ou viajantes dentro de si mesmos.

**A.T.** — Sim, dentro do quarto, mas quando descobrimos as cartas, os diários, descobrimos também a intensidade, os sentimentos, as ligações, as amizades, amores, ódios.

**EXP.** — Mas há em Pessoa uma solidão essencial. «Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável...»

**A.T.** — Solidão intransponível. Nos outros também, mas nesse tal jogo de subtilidades eles preparam já a biografia, dão pinceladas na vida com a cor que escolheram, pinceladas de um quadro para os vindouros.

**EXP.** — O Pessoa baralhou muito as pistas.

**A.T.** — Faz parte do jogo. Deve haver qualquer coisa que o incomoda no olhar alheio. Não vou fazer psicanálise barata mas há nesse comportamento qualquer coisa a merecer uma análise freudiana. Não falo da obra mas do «modus vivendi». O olhar dos outros é incómodo, há em todos eles um pequeno complexo da perseguição, querem desaparecer, disfarçar-se, travestir-se. Travestir-se, aí está, chegámos ao verdadeiro coração do Pessoa.

**EXP.** — Um jogo de máscaras.

**A.T.** — Como é jogo de máscaras os cinco por cento do Montale, as faces de Kafka. Mas em Pessoa

o jogo de máscaras é levado quase à perfeição.

**EXP.** — Você, que conhece tão bem Portugal e os portugueses, e conhece tão bem Pessoa, acha que ele reflecte um temperamento português, se acaso existe um temperamento português?

**A.T.** — Acho que existe em Pessoa um forte temperamento português, que participa da sua natureza, que é introvertida, sonhadora, esquiva aos olhares. É difícil generalizar, mas acho que há povos que gostam de ser observados, de ser vistos, que se repare neles — os italianos, os franceses — e há os que gostam de passar despercebidos, como os portugueses.

**EXP.** — Você é italiano mas penso que detesta que olhem para si. O António Tabucchi escritor, tem uma ligação frágil com as solicitações da fama, vê-se que faz um esforço imenso para não perder o fio que o liga à realidade, às homenagens, aos obséquios. A sua atenção resulta da simpatia, não se oferece, não está disponível. Pessoa seria assim, penso...

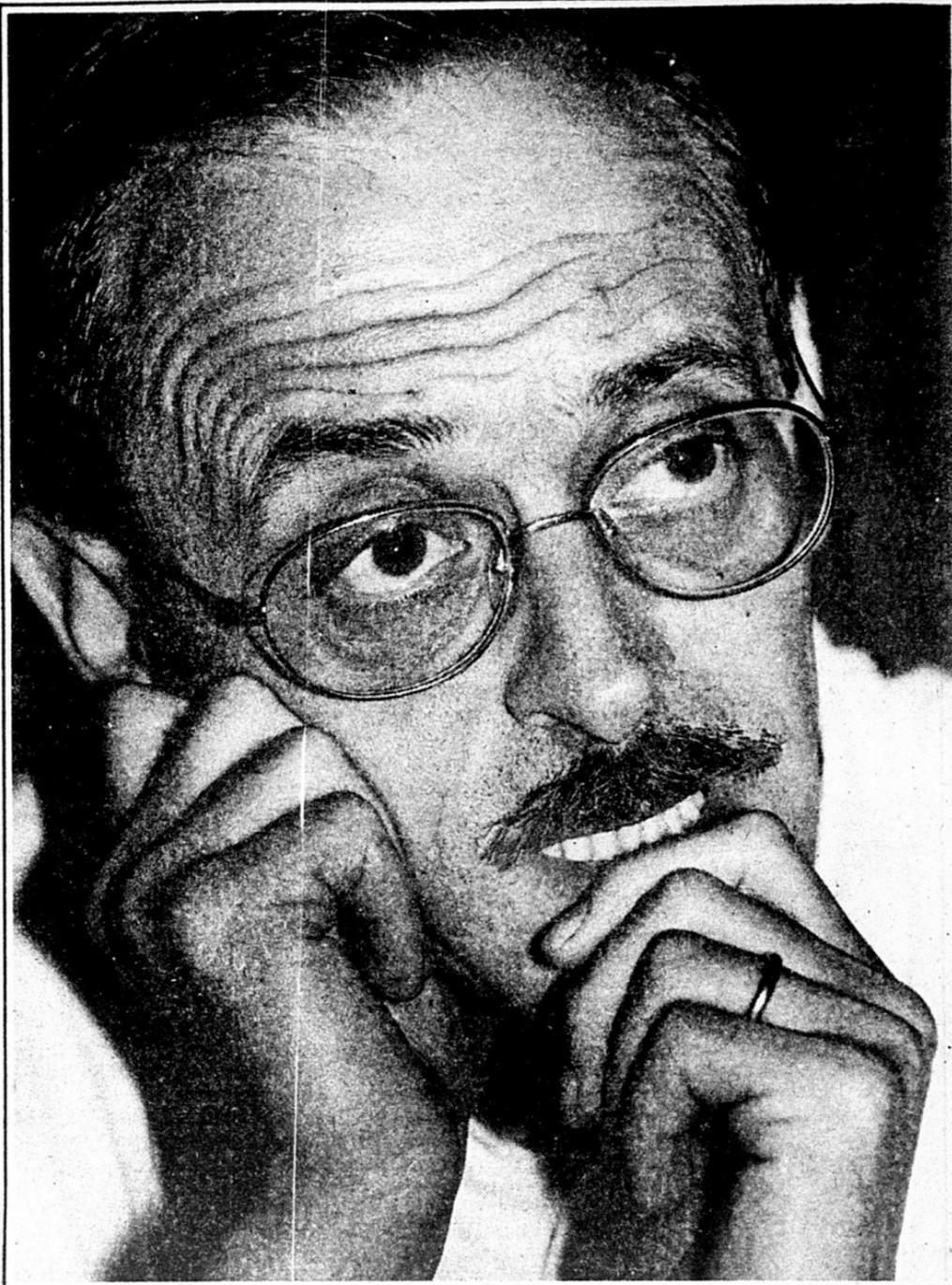
**A.T.** — Gosto mais de observar, essa é a posição de privilégio que o escritor procura conquistar. Sem um ponto de observação o escritor não existe. Mas, infelizmente, a observação não se faz em sentido único. O escritor observa, observa, e a certa altura há quem comece também

a reparar nele, e começa o mal-estar.

### Um romance do século XX

**EXP.** — Há sempre identificação com os escritores que amamos. Você identifica-se com que Pessoa?

**A.T.** — Francamente, com o do Livro do Desassossego, que acho um curioso romance do século XX. É um romance que contém a dissolução do romance, a sua morte. Quando as últimas vanguardas clamaram, nos anos 60, que o romance tinha morrido ou ia morrer, a operação necrológica já estava completa através do diário de Bernardino Soares, daquela «rêverie», daquela insónia. É um romance quase sem acontecimentos, o acontecimento é a própria escrita. Também já estive — e ainda estou — ligado ao Álvaro de Campos, especialmente o Campos mais velho. O Campos não tem uma vida sincrónica, como os outros, que nasceram e morreram na cabeça do Pessoa quase ao mesmo tempo. O Campos acompanhou-o, teve uma vida, teve uns amores. Foi um «dandy» ocioso, em Lisboa, que andava troçando de si e dos outros, e seguiu um itinerário. Há um Campos que amadurece e há, por fim, um Campos velho, acompanhando a vida do



Luís Ramos



Tres olhares sobre Pessoa: o de Tabucchi, o de Tulio Pericoli, cartoonista italiano, e o de António, português...

seu criador. É nesta dia-  
cronia da personagem que  
lhe encontro o maior fasci-  
nismo. Campos é o verdade-  
iro «alter ego», a sombra  
de Pessoa. Amo o  
Campos cínico, céptico,  
sem renunciar à sua meta-  
física, à metafísica que o  
perseguia a vida inteira e  
da qual queria libertar-se.

**EXP. — Come chocolates... falemos da morte física de Pessoa. Morrer assim, é o corolário normal daquela vida? Pode-se imaginar outra morte?**

**A.T. —** É difícil imaginar como poderiam ter sido as mortes, as mortes que conhecemos. Para Flaubert não se poderia imaginar morte diferente da que teve, nem para Stendhal. Para Pessoa seria impossível imaginar uma morte mais perfeita, mais em pontas dos pés. Ele foi internado de urgência num hospital, ficou um dia, e no dia seguinte morreu. Na ficha clínica não consta uma razão da morte que seja elucidativa, porque uma crise hepática não quer dizer nada, qualquer pessoa pode ter uma e não morrer.

**EXP. — E a ligação fígado-álcool?**

**A.T. —** Talvez, talvez, mas a crise hepática do alcoólico não é uma crise cujo óbito se verifique num dia.

**EXP. — Podemos imaginar Pessoa velho?**

**A.T. —** Não é difícil. Ele teria aperfeiçoado certos traços e uma certa

maneira de ser que perten-  
ciam à sua maturidade. E o  
Pessoa velho não seria  
muito diferente do Pessoa  
dos 46, 47 anos. Uma  
grande parte da sua obra  
já estava escrita, e imagi-  
no-o muitas vezes, mais  
velho, dedicado a ser um  
organizador do que já es-  
crevera, e não como cria-  
dor.

**EXP. — Pessoa tendo o trabalho que os outros tiveram, os encarregados de lhe arrumar a posteridade?**

**A.T. —** Sim, e fazendo ele mesmo o trabalho que outros têm feito com tanta dificuldade. E até dando indicações sobre a obra, quem sabe? A obra permanece misteriosa porque se sabe que há nela um desenho, uma vontade unificadora, e não conseguimos captar o sentido efectivo dessa unificação.

**EXP. — Em que sentido essa sistematização teria contribuído para modificar a posteridade de Pessoa? Afectar o mito?**

**A.T. —** Estaríamos agora em frente de um monstro, em frente de uma pessoa que conseguira fazer uma obra monstra. Teríamos um universo com os confins mais claros do que tem agora. Assim, a sua obra é um ponto de interrogação, é uma grande hipótese.

**EXP. — Pessoa tem as suas vítimas, desde aquele nadador português que se suicidou com um livro aberto de Álvaro de Campos até aos que estão**

possuídos pela sua figura,  
o seu fantasma, mesmo  
tratando-se de um fan-  
tasma literário. Você tem  
consciência desta vitimo-  
logia...

**A.T. —** É mais fácil ser vítima de um poeta do próprio país. Se ele pertencesse à minha literatura tudo seria pior, o peso seria maior, seria esmagador.

#### Um pacto

**EXP. — Há pouco falou em apoderar-se do poeta e metê-lo numa ficção, mas ele também se apoderou de si.**

**A.T. —** Claro, é um contrato, com um pacto mútuo. É como o inquilino e o senhorio. Durante muitos anos morei na casa de Pessoa, fui seu hóspede e frequentador. A certa altura achei que tinha chegado o momento de convidá-lo para minha casa e passei a ser o proprietário e ele a figura que deambula lá dentro.

**EXP. — Nota-se a sua extraordinária aparência física com Pessoa, todos já lhe devem ter dito.**

**A.T. —** Sempre existiu, sempre fui magro e com a cara comprida e desde miúdo usava óculos com aro atrás da orelha, porque partia muito os óculos. Quando cheguei a Portugal já tinha bigode. Depois, houve alguém que me disse: Aquele poeta de que tanto gosta, você parece-se com ele. Respon-  
di:

Que curioso, que curio-  
so...

**EXP. —** Já reparou que se não tivesse tido aquele primeiro encontro no comboio, talvez toda a sua vida fosse diferente? Não teria vindo a Portugal, não teria casado com uma portuguesa, não seria hoje director do Instituto Italiano em Portugal... É como se a Tabacaria tivesse determinado a sua vida. É plausível dizer isto?

**A.T. —** Sim, é plausível porque é romanesco e eu gosto muito do romanesco. Acredito nas pequenas coisas que determinam as vidas, escrevi até uma série de contos que a Clara conhece... raramente somos os senhores das grandes escolhas. A nossa pobre vida de mortais é um rio que corre num leito de pequenas opções.

**EXP. — Disse que já não há grandes gestos, fala em pequenas opções. Há duas personagens literárias isoladas na mitologia romântica do escritor: o herói activo, mentiroso, combatente e aventureiro, tipo Hemingway; e o anti-herói: discreto, apagado, cinzento e ignorável, como Pessoa. Qual dos dois será o protagonista fundamental do século XX?**

**A.T. —** Vivemos numa época de anti-heróis. Basta avaliar os resultados literários. A grande personagem do século XX nunca poderia ser D'Annunzio, sobre o qual o

Álvaro de Campos tem uma frase muito dura no «Ultimatum». Não, a personagem fundamental é o aparente burguês, e aparentemente porque insatisfeito, inquieto. Sob o fato cinzento do empregado modesto esconde-se uma inquietação, inquietação revolucionária porque a vida o inquieta e ele inquieta a vida. O anti-herói torna-se um herói, recipiente das inquietações do século, sofrendo-as na pele. Assim se mantém acesa a chama da literatura, mesmo que o século XX não seja um século de tochas acessas que se passam de mão em mão. É um século de fósforos, minúscula chama a brilhar com uma luz forte.

**EXP. — Pessoa-poeta-da-decadência?**

**A.T. —** Diria mais: intérprete de uma época de decadência. Pessoa como uma grande antena captando o espírito da época: a decadência, o medo, a perda de valores. Se não bastassem os versos bastaria ler certas cartas ao Sá-Carneiro. Ou, por exemplo, Campos e a sua recusa das escolhas — as escolhas filosóficas, religiosas, ideológicas — tem um som contemporâneo! Parece quase um homem «del pensiero debole».

**EXP. — Pessoa e Lisboa. A luz branca, o Atlântico, os lugares que ele habitou e de certo modo assombrou. Poderemos compreender Pes-**

soa e Lisboa, como com-  
preendemos Praga e  
Kafka?

**A.T. —** Sim, os grandes escritores conseguem metaforizar os lugares, e não vivê-los como «décor». Dão-lhes ressonâncias. A sua Lisboa é uma grande metáfora. De quê? Talvez de uma grande tabacaria com a porta aberta para o nada.

**EXP. — Escreveu uma entrevista imaginária a Pessoa, publicada no «Diário 16» e no «Il Manifesto». Faz-lhe perguntas sobre os amores.**

**A.T. —** Muito indiscretas. Fui ao Bernardo Soares e às Cartas à Ophélia para retirar as respostas e escolhi a frase «o amor é essencial, o sexo é um acidente». É assim que ele responde.

**EXP. — Se encontrasse Pessoa em pessoa como reagiria?**

**A.T. —** Compungido, diz-se assim em português? Não haveria meio de comunicar senão através do estilo que ele gostava e o estilo que ele gostava era de grande afastamento. Embora ele seja há tantos anos o meu amigo, o meu próximo...

#### Pessoa e James: a infelicidade

**EXP. — Se o génio da lâmpada lhe oferecesse 15 minutos à mesa do Martinho com Fernando Pes-**

(Continua na pág. 40-R)

(Continuação da pág. 39-R)

soa e um escritor à sua escolha?

**A.T.** — Eu estaria a ouvir, simplesmente, uma conversa entre Pessoa e Henry James. O James poderia estar em Lisboa a passar férias, como um inglês, e teria um encontro marcado com Pessoa. Tomam uma bica juntos, no Martinho. Na mesa ao lado, de costas voltadas, estou eu.

**EXP.** — E que conversa seria?

**A.T.** — Divertida, um bocadinho cáustica e sobretudo infeliz. Porque cada um está desesperadamente à procura da sua infelicidade, sem a conhecer bem. E falei agora em James porque tinha esgotado dentro de mim outro encontro, entre Pessoa e Pirandello. Pirandello esteve cá em 31 e não consta que se tenham encontrado. Escrevi uma coisinha sobre o encontro deles, e eles faziam-se uma mútua homenagem. Pessoa contava a Pirandello uma história à maneira de Pirandello, e esta história consta de um livrinho agora publicado em Itália chamado *Os Voláteis do Beato Angélico*. Pessoa conta a história portu-

# Coração de trevas

guesa de D. Pedro e Inês, e chama-se *O Amor de D. Pedro*. Uma bonita história sobre a loucura, que tanto obcecava Pirandello.

**EXP.** — Mas escreveu também uma peça: Chamam o sr. Pirandello ao Telefone...

**A.T.** — Sim, e tem a ver com o Pessoa. É um actor que tem de dar um recital num hospital psiquiátrico e escolhe para dizer poemas a figura de Pessoa. Veste-se à maneira de Pessoa, sobe ao palco e recita-lhe os versos. Mas como é um actor falido, medíocre, no fim da carreira, que só fez teatro de feira, ele fica cansado de recitar poemas que não percebe e começa a ter a ideia esquisita, quando o bigode começa a cair, a gabardine, o chapéu, de telefonar ao Pirandello. Porque o Pirandello perdeu a grande ocasião da sua vida ao não ter conhecido Pessoa. E ele, o actor, perdeu a ocasião da

sua vida ao não ter conhecido Pirandello, ele era o actor de que Pirandello precisava. A partir daqui, é um monólogo delirante.

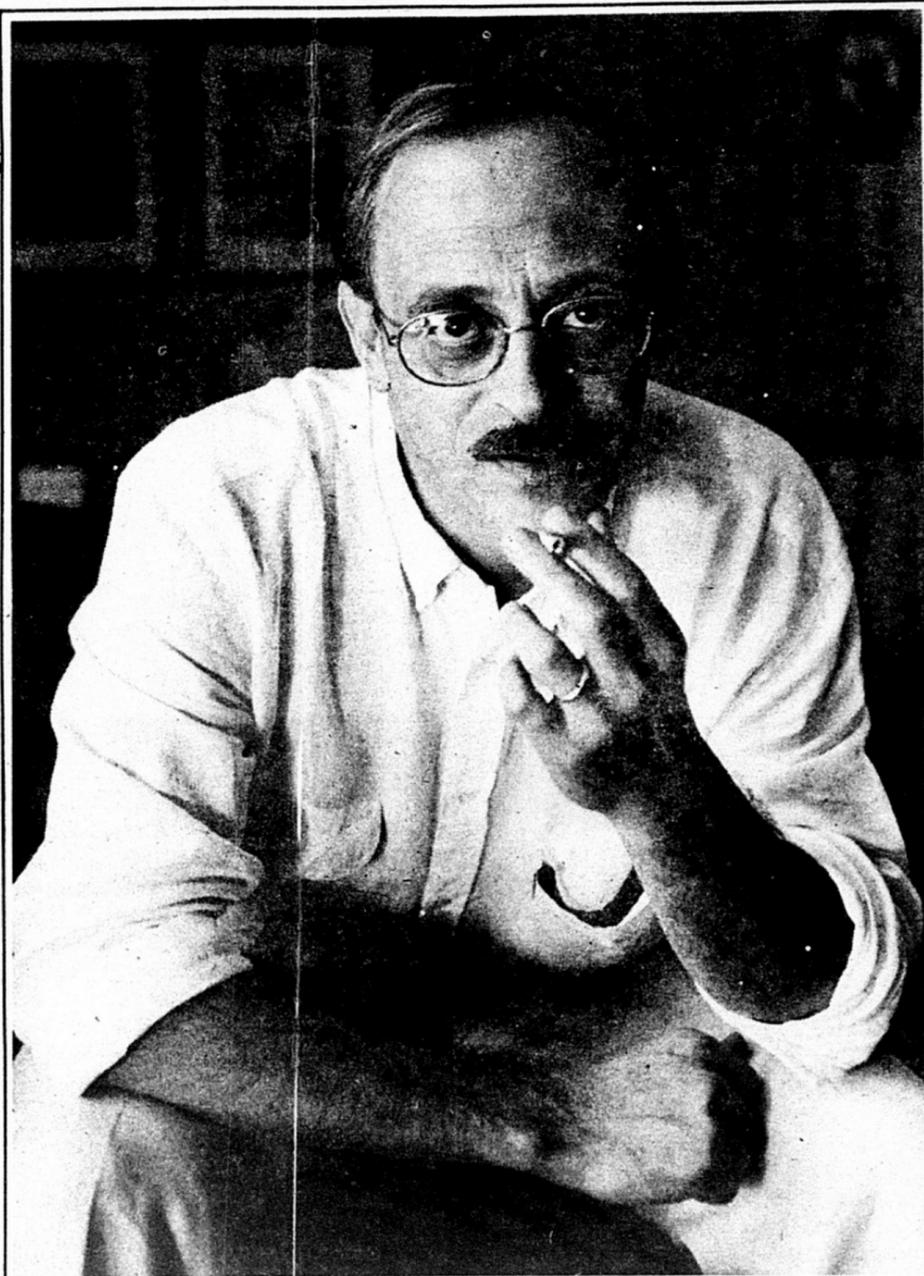
**EXP.** — Voltando atrás, a Pessoa e James. Que infelicidade é aquela?

**A.T.** — É mistério para mim, essa infelicidade é misteriosa, e talvez seja por isso que gosto tanto deles. Há um coração de trevas, um carço negro. Uma infelicidade enorme. Talvez a de James seja mais difícil de dizer porque em Pessoa encontramos logo uma infância cancelada.

**EXP.** — A infelicidade e a pena. A pena de escrever, e a outra, a que se sente. Você também escreve com elas?

**A.T.** — Ninguém escreve sem pena, e não esclareço mais.

**EXP.** — Pequenos equívocos com importância...



«Existe em Pessoa um forte temperamento português, que participa da sua natureza, que é introvertida, sonhadora, esquivada aos olhares»

Luís Ramos



2.º CONCURSO DE PROJECTOS DE JOVENS PARA A CRIAÇÃO DE COOPERATIVAS

CONCURSO NACIONAL «Cooperativa - uma opção jovem de emprego»

#### SE TEM...

- entre 18 e 30 anos
- a sua situação face ao emprego por resolver
- um espírito dinâmico e empreendedor
- uma ideia susceptível de ser transformada num projecto de empresa viável

#### CONHECE...

- outros jovens em situação idêntica

Apresente o seu projecto até 15 de Dezembro de 1988

MAIS DE 5.000 CONTOS EM PRÉMIOS

#### INFORMAÇÕES:

Secretariado do Concurso, Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo, R. D. Carlos Mascarenhas, 46-1 — 1000 Lisboa — Tel. 65 80 46 e R. Jorge Viterbo Ferreira, 12-1 Dto — 4000 Porto — Tel. 6 49 30, ou ainda em qualquer Centro de Emprego do IEFP e Agências da Caixa Geral de Depósitos

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSCOOP INSTITUTO ANTÓNIO SÉRGIO DO SECTOR COOPERATIVO

FUNDO DE APOIO AOS ORGANISMOS JUVENIS

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE PRODUTORES DE SERVIÇOS FCAL

FINCOOP FEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO OPERÁRIA FCAL

IV/88 TRIPÓLIS

## FEIRA DO LIVRO

INSTITUTO CULTURAL DE MACAU

compre as edições do instituto cultural de macau no pavilhão do instituto de investigação científica tropical

Macau é uma obra da cultura. As mãos de dois povos a ergueram. Pedra a pedra. Escritores, investigadores, poetas, construíram-lhe a Memória. Deram-lhe a Alma. Página a página. O livro é emocionante. O livro continua. Nos livros, Macau perdura. Publicar é dar mais alma ao futuro. Página a página.



# Pessoa e eu

Angel Crespo

Em meados dos anos 50, comprei a muito baixo preço, num posto de venda de livros da Encosta de Moyano, em Madrid, um exemplar, que continuo a conservar como uma relíquia, das **Odes** de Ricardo Reis. Há anos que eu lia facilmente em português, conhecia bem **Os Lusíadas** e a poesia lírica de Camões, tinha vários livros, originais ou traduzidos, de Antero, Guerra Junqueiro, Eugénio de Castro e Pascoaes, e costumava comprar, num quiosque da Cibeles, «O Século Ilustrado» que, se bem me lembro, era a única revista portuguesa que chegava a uma Espanha isolada pelo regime do resto do mundo, inclusive das demais ditaduras.

Alguns dias depois de ter feito esta aquisição, comentei, entusiasmado, a Eduardo Freitas da Costa, que, na altura, trabalhava na Embaixada de Portugal, a profunda impressão que aquelas odes me tinham causado, que descobri, de seguida, serem obra de um espírito superior. O que mais me intrigava, pois essa edição das **Odes** não tem prólogo nem aparato crítico, era o nome, Ricardo Reis, que as acompanhava. Eduardo pôs-me ao corrente da questão dos heterónimos, emprestou-me alguns dos livros de poesia pessoana editados pela Ática, sendo um deles o dos poemas homónimos e ofereceu-me um exemplar do livro que tinha sido publicado alguns anos antes, em 1951, cheio de anotações e correcções à biografia do poeta, escrita por João Gaspar Simões.

## Leitura aturada e primeira tradução

Pouco tempo depois, Joaquín de Entrambasaguas publicou **Fernando Pessoa y su creación poética**, um livro entusiasta cuja informação me foi muito útil, apesar de não estar de acordo com alguns dos seus pontos de vista críticos, claramente condicionados pela sua ideologia conservadora. Estudei também avidamente a «Breve orientação bibliográfica» que encerrava aquele volume, e não parei enquanto não arranjei a já mencionada biografia de Gaspar Simões e outros livros nela citados. É uma dívida que tenho para com Entrambasaguas — com que só me relacionei anos mais tarde, por volta de 1970, quando eu já estava em Mayagüez —, que creio um dever reconhecer aqui. Curiosamente, durante esses meses nem dom

Joaquín nem eu falámos alguma vez de Pessoa.

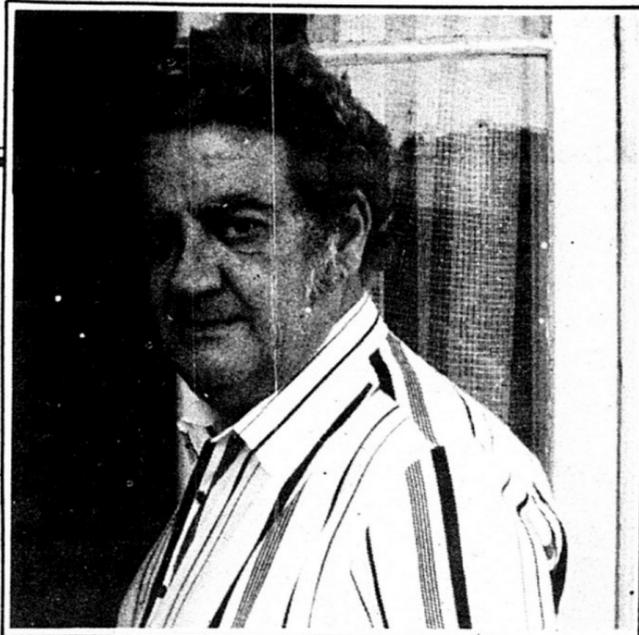
Eugénio de Andrade, que eu conhecera em Madrid em 1952, e que não voltaria a ver até 1959, enviou-me vários livros de Pessoa, sendo um deles os **Poemas de Alberto Caeiro**, que comeci a traduzir mal os recebi, pois «O guardador de rebanhos» causou-me uma impressão tão funda quanto estimulante. Em 1956, fiz a minha primeira viagem a Portugal, que aproveitei para adquirir vários livros sobre Pessoa e sobre a poesia portuguesa em geral.

Nessa altura, eu falava muito de Pessoa com os meus amigos; quando disse a José Luís Cano, um dos mais fiéis e queridos desde que nos conhecemos, que estava a traduzir Caeiro, propôs-me a publicação dessas traduções na Adonais, que era, nesse momento, a colecção mais prestigiada de livros de poesia que se editava em Espanha. Não sei que diligências terá feito Freitas da Costa junto dos herdeiros de Pessoa, seus familiares como se sabe, para conseguir que autorizassem aquela publicação sem receberem direitos de autor, mas a verdade é que o conseguiu e os **Poemas de Alberto Caeiro**

— isto é, uma selecção de 33 desses poemas — apareceram, com um pequeno prólogo da minha autoria, em finais de 1957. Dois anos antes, Armand Guibert publicara em Paris dois livros de traduções de poemas de Pessoa, a **Ode Maritime e Bureau de tabac et autres poèmes**, de modo que Espanha foi o segundo país onde apareceram livros de poesia pessoana.

## Um certo desinteresse

Nem o estudo de Entrambasaguas nem as minhas traduções de Caeiro tiveram muita repercussão nos meios literários espanhóis, o que se compreende bem porque o que então começava a estar na moda era a poesia social, cujas exigências intelectuais e estéticas quase sempre eram mínimas — apesar de as suas intenções serem excelentes — e, por conseguinte, nada aptas para a compreensão de uma obra como a de Pessoa. É possível que, se se tivesse sabido então que este poeta acabou por se opor à ditadura salazaris-



ta, o interesse por ele tivesse sido maior, mas duvido.

Em 1961, e depois de ter começado a colaborar na Imprensa literária de Portugal e a relacionar-me bastante, neste país e em Espanha, com os poetas portugueses, publiquei, também na Adonais, a **Antologia de la nueva poesia portuguesa**, isto é, da poesia posterior à II Guerra Mundial, livro recebido com frieza em Portugal — salvo raras excepções —, dado que nele figuravam poetas que embirravam uns com os outros. Além disso, tive de interromper as minhas frequentes viagens a Lisboa porque, por mais de uma vez, me senti ameaçado pela PIDE.

Um ano depois, fundei em Madrid, estimulado por João Cabral de Melo Neto, a **Revista de Cultura Brasileña**, que me desviou um pouco dos meus estudos pessoanos, os quais, contudo, nunca abandonaria. Em 1967, a minha situação política e social em Espanha começava a tornar-se insustentável e, por isso, decidi ir ensinar para a Universidade de Porto Rico, onde já tinham estado a fazer o mesmo, e por razões semelhantes às minhas, Juan

Ramón Jiménez, Federico de Onís, Jorge Guillén, Pedro Salinas e outros escritores espanhóis. Deixei em Madrid a minha biblioteca mas levei para as Caraíbas as suas secções portuguesa e brasileira. Pessoa foi um dos meus dilectos companheiros de exílio e, por mais de uma vez, comparei a Durban da sua infância e da sua adolescência à Mayagüez da juventude que me fugia.

## Um maior interesse de sectores literários

No começo de 1978, fui convidado por Arnaldo Saraiva a participar com uma comunicação no I Congresso de Estudos Pessoaanos, que se realizou no Porto nos primeiros dias de Abril, e lá encontrei velhos amigos e tive a satisfação de conhecer vários estudiosos do mesmo poeta. A partir de então, retomei as minhas publicações na Imprensa espanhola de estudos sobre Pessoa e de traduções da sua poesia. Foi nesses anos que comprovei, com alegria e fundadas esperanças, o interesse que a obra do grande poeta português começava a

despertar em sectores literários cada vez mais amplos do meu país.

Em 1980, a revista madrileña «Poesía» dedicou um luxuoso e informativo número-duplo a Fernando Pessoa, em que não seriam convidados a colaborar aqueles que tinham introduzido e divulgado a sua obra em Espanha, o que causou grande surpresa entre os velhos leitores do indisciplinador de almas. Um ano depois, José Corredor Matheos pediu-me que preparasse uma antologia poética para a editorial Espasa-Calpe. Foram tantas as inesperadas demoras com que este empreendimento deparou para que os detentores com direitos do poeta autorizassem a sua publicação, que tive de me deslocar a Lisboa, onde consegui a assinatura do respectivo contrato graças à entusiástica colaboração de Fernando Assis Pacheco. Quem os predispuera a adoptar aquela atitude foi algo que me foi difícil imaginar.

## Presença nos Congressos

Desde então, alternei constantemente, e sem interrupção, os meus trabalhos sobre Pessoa com muitos outros — incluída, em primeiro lugar, a minha poesia — a que me tenho vindo a dedicar. Apresentei comunicações sobre ele e sobre a sua obra nos II e III Congressos Internacionais de Estudos Pessoaanos (Mashville, 1983; e Lisboa, 1985) e no I Congresso Internacional de Lusitanistas

(Continua na pág. 42-R)



# Religioso e não confessional

(Continuação da pág. 41-R)

(Poitiers, 1984) e inaugurei um ciclo de conferências sobre o poeta (Barcelona, 1986). Alguns destes trabalhos, juntamente com outros aparecidos em revistas ou inéditos, foram publicados no volume **Estudos sobre Pessoa** (Barcelona, Bruguera, 1984), recentemente lançado, numa magnífica tradução de José Bento, pela Editorial Teorema de Lisboa.

Vejo-me obrigado a dizer — pelo que peço desculpa ao leitor — que a implantação de Pessoa em Espanha como um dos escritores contemporâneos mais lidos e admirados se

deu a partir do aparecimento, em 1984 e por iniciativa de Pere Gimferrer, da minha tradução do **Livro do Desassossego**, que já atingiu a 9.ª edição na Seix Barral, além de uma, destinada aos quiosques de Imprensa, e de carácter popular, que se esgotou em poucas se-

manas. Neste livro, organizei os fragmentos que o constituem de acordo com critérios semelhantes aos da edição portuguesa mas com variações que facilitassem a leitura aos não iniciados na obra pessoana. Um deles consistiu em agrupar num apêndice os fragmentos do primeiro

projecto — muito influenciados pelo espírito decadente «fin de siècle» —, dos quais o seu autor começara a desconfiar, como demonstra uma das suas notas. O ritmo das edições do **Livro do Desassossego** parece ter-me dado a razão neste sentido.

## Obra de Saramago aumenta aura pessoana

Em Espanha, também influenciou muito na fama de Pessoa a tradução, a todos os títulos excelente, feita por Basilio Losada, do romance de José Saramago, **O Ano da Morte de**

**Ricardo Reis**, que constituiu um grande êxito editorial e de livraria, pois, graças aos escritos atribuídos a Bernardo Soares e à interpretação do heterónimo Reis por parte de Saramago, foi possível aos leitores espanhóis abordar com maior informação estética e crítica as inúmeras traduções de poesia pessoana feitas em Espanha, das quais é justo destacar as de J.A. Llardent, Ángel Campos Pápano, Rafael Morales, Pablo del Barco e Rafael Santos Torroella.

As minhas constantes leituras de Pessoa e dos seus muitos críticos e estudiosos levaram-me, como é natural, a inquirir acerca do sentido geral da totalidade da sua impressionante obra em prosa e em verso — sem descurar aspectos tão actuais como o seu iberismo — por a considerar imprescindível para uma leitura com certas garantias de compreensão despreconceituada. Não é o momento de expor aqui as ideias que já figuram noutras publicações minhas, mas direi sim que, ao tentar dar uma resposta — sei que incompleta — a uma questão tão importante, aceitei sem reservas a proposta pessoana do **drama em gente** e cheguei à conclusão, depois de ter estudado e sistematizado os seus escritos neopagãos, de que o problema geral da escrita de Pessoa é de carácter religioso, mas não confessional, e de que o seu esoterismo e o seu sebastianismo também merecem uma atenção preferencial quando se trata de aprofundar, quer no **drama em gente** quer nos restantes aspectos da sua obra.

Quando propus a Pere Gimferrer e a Mario Lacruz a publicação, na Seix Barral, da minha tentativa de «reconstrução» de **O Regresso dos Deuses** (já tinha este trabalho muito avançado), publicado há dois anos, e que procura mostrar a importância fundamental — e que acabei de me referir — que teve para a arte e para o pensamento de Pessoa a sua visão neopagã e que considero a verdadeira justificação da sua heteronímia. É algo em que insisti na minha colaboração para o número-duplo que a revista «*Anthronos*», dirigida por Ramón Gabarrós, e completado por um extenso suplemento, publicou em Barcelona em 1987. Este número demonstrou o grande enraizamento da obra de Pessoa entre os estudiosos e leitores espanhóis. Além de versões de alguns dos tradutores mencionados, e de outros

ainda, figuram neles estudos de Javier Urdanibis, César Antonio Molina, José Ángel Cilleruelo, António Crespo Massieu, Mikel Irondo, Perfecto Quadrado, Joaquim Salas-Sanahuja, A. Cardona e J.M. Gibert, juntamente com os dos estudiosos portugueses Teresa Rita Lopes, António Quadros e Alfredo Margarido.

## Livro sobre as ideias de Fernando Pessoa

A minha colaboração neste número é uma antecipação resumida do meu livro, recentemente publicado, **La vida plural de Fernando Pessoa** (Seix Barral, 1988), no qual procuro dar ao cada vez maior número de leitores da língua espanhola da obra de Pessoa uma síntese crítica dos conhecimentos actuais acerca da sua vida e da sua obra, interpretada à luz do **drama em gente**, e onde tento esclarecer até onde creio possível os aspectos que mais apaixonam esses leitores, e a mim mesmo, entre os quais se contam as suas ideias religiosas, esotéricas e políticas, bem como aquilo a que Gaspar Simões chamou «o enigma de Eros».

No momento em que redijo estas linhas, acabo de enviar ao Grupo Editorial Z, de Barcelona, a minha tradução das **Cartas de Amor de Fernando Pessoa**, precedida de uma introdução com a qual, prevejo, alguns dos meus queridos e admirados amigos pessoanos não vão estar inteiramente de acordo, e seguida da tradução de 22 poemas ortónicos e heterónimos relacionados com o namoro do poeta com Ofélia Queiroz.

O facto de neste momento estar a preparar o meu regresso definitivo a Espanha impediu-me — para grande mágoa minha — de assistir ao congresso pessoano de São Paulo e de aceitar convites para comemorações celebradas ou a celebrar em Lisboa, Paris, Madrid e Barcelona, mas consola-me pensar que os muitos e mui queridos amigos que participaram ou vão participar nesses eventos não me considerarão alheio à celebração do centenário de Pessoa; e conforta-me ainda pensar nos trabalhos que sobre ele estou a realizar ou projecto realizar, entre os quais se conta a tradução de **Fausto**, obra recentemente estruturada pela minha querida e admirada amiga Feresa Sobral Cunha. Muito resta ainda fazer em torno da obra ímpar de Fernando Pessoa...



**Nestlé**

CHOCOLATE PRETO

Chocolate preto semiamargo, também na variedade com amêndoas.  
Alguns prazeres são eternos...  
Alguns momentos são únicos...

SABOR PLENO E REQUINTADO

o chocolate é Nestlé

DOAS

## itinerário

*Seguir os passos do poeta na cidade é seguir o ritmo do seu coração, num itinerário de solidão, desfeito pelo tempo. A ausência arrancou rebocos, enferrujou grades, roeu pedras e afugentou tertúlias pondo Bancos no lugar. Lisboa. Só a nostalgia nos devolve Pessoa e Tejo e tudo...*

**José Amaro Dionísio**



**A**TÉ MESMO visto do Largo de S. Carlos o carrilhão parece tocar a casa. Percebe-se bem que as «dolentes badaladas» dessa torre tenham marcado para sempre os passos do poeta na cidade e o ritmo do seu coração. Ei-lo de olhos muito gravados agarrado ao ferro da varanda, ou de braço estendido na direcção dos sinos ao colo da mãe — seios esplêndidos, mãos íntimas, os cabelos de um castanho-claro que a brisa do Tejo desalinha agitada pelas colunas do teatro. «Pobre velha casa da minha infância perdida / Quem te diria que eu me desacolhecesse tanto! / Que é do teu menino? Está maluco. / Que é de quem dormia sossegado sob o teu tecto provinciano? / Está maluco.» A aldeia morreu. E o largo um cemitério de automóveis em que a própria PSP inscreveu no chão alcatroado matrículas e cercas de tinta. Às paredes do 4.º andar caiu-lhes o reboco, a grade da sacada enferrujou — e o destino da casa continua num impasse entre ameaças de falência do senhorio e promessas de compra da Câmara. O muro contra o qual o «menino da sua mãe» lançava a bola de borracha, pondo o mundo a seus pés, jaz tapado pelos carros. Tudo assim já então fora e talvez Fernando Pessoa, essa totalidade fragmentada, não tivesse sentido o abandono de casa aos cinco anos a caminho de Durban pela mão do padrasto intruso como um trauma irremediável. A mítica partida «pela escadaria espaçosa e clara» permaneceria decerto um dos tormentos centrais da sua errância, mas sem a nostalgia «da música lânguida e triste» que desde então o levará a deslocar tudo para a morte — e sem dar nas vistas, porque é de um corpo trémulo que se trata.

### O itinerário desfeito

Passado o interregno de Durban vamos encontrá-lo nos números 38 e 40 da rua da Conceição da Glória. Com 19 anos, sem vocação corrente e de posse de uma pequena herança, aqui tenta a sua primeira sorte de homem: montar uma tipografia. Rua hoje de má vida e de má fama, foi-o ontem de pouca fortuna para o jovem estrangeirado. Íbis faliu, se porventura as tais máquinas a vapor compradas de saldo em Portalegre alguma vez chegaram a trabalhar. O lugar do fracasso é agora tasca de bairro, como convém a

uma biografia que trouxe a vida sussurada ao vidro vermelho dos metais, essa cor do vinho.

A peregrinação do «correspondente em línguas estrangeiras» por comissões e consignações vai começar. Durará 30 anos, numa geografia do tédio por toda a baixa pombalina, donde não mais voltará a sair — até a Sintra foi ao volante de um Chevrolet que nunca conduziu! Rossio e Terreiro do Paço, Praça do Comércio e Campo das Cebolas, Rua da Prata e do Arsenal, da Vitória e da Betesga, da Madalena e de S. Julião, eis o itinerário alheado do «Sr. Pessoa», empregado de escritório avulso. A criatura que por aí se mexe será sempre um drama em gente, acossado, naufrago e amargo. Um nome para isto? Solidão, claro, se a palavra ainda fizesse algum sentido. «Amo pelas tardes demoradas de Verão o socégo da cidade baixa... Tudo me conforta de tristeza... Não há diferença entre mim e as ruas

para o lado da alfândega, salvo elas serem ruas e eu ser alma, o que pode ser que nada valha.»

A maior parte deste mapa desapareceu — Lisboa e Tejo e tudo. Logo descendo da tipografia Íbis, já no Rossio o poeta não poderia reencontrar a tertúlia do Martinho — é o Banco Fonecas & Burnay. Mais abaixo, onde no n.º 52 a seguir ao Gelo foi a Brasileira do Rossio, é agora outro banco, Português do Atlântico. A Brasileira do Chiado ainda existe, é verdade, mas com tudo a monte: bifés, bicas e turistas. No 74 da rua da Assunção, mais um banco. Ou melhor: a União de Bancos Portugueses. No 1.º andar foi o Café Moñtanha, assembleia mais ou menos ruidosa da trupe aos domingos: Pessoa, Almada, Botto, Sá-Carneiro e tantos outros. Aqui o poeta conheceu João Gaspar Simões, o biógrafo de quem todos falam mal mas aonde todos vão beber, e sem o trabalho do qual muito da

# Os passos da morte

E contudo estamos na época áurea do primeiro número de Orpheu, de **Céu em Fogo**, do **Manifesto Anti-Dantas**. Pessoa, escanzelado, com os ossos a furar-lhe a pele, escreve a uma mesa de canto à conta do papel da leitaria. «É uma circunstância violenta e aflitiva — diz num SOS a Armando Cortes Rodrigues —, você pode emprestar-me cinco mil réis até ao dia 1 do mês que vem?»

### Contra a vida

Como se tudo não bastasse — até de «O Jornal» vão pô-lo na rua por incompetência —, a mãe acaba de ter o ataque que a deixará entevada e disforme para o resto da vida e Sá-Carneiro está a suicidar-se em Paris e não pára de mandar recados a implorar remessas de dinheiro seja de que maneira fôr para as últimas extravagâncias. O poeta — prestes a parir a **Ode Marítima** e que bem poderia ser nesse período a encarnação viva de um qualquer M à Fritz Lang — vê-se obrigado a correr alfarrabistas e casas de prego em obedientes missões de urgência. Ao princípio da noite irá aos correios enviar o dinheiro ao amigo para de seguida descer à tasca onde come fiado — na Rua dos Douradores, o tal cenário mítico do ajudante de guarda-livros Bernardo Soares, que aqui inventará o escritório do patrão Vasques, do chefe Moreira, do caixa Borges, do moço de fretes António e do gato meigo. «É recolhido-me, como ao lar que os outros teem, à casa alheia, escriptório amplo, da Rua dos Douradores. Achego-me à minha secretária como a um baluarte contra a vida.» É o microcosmos nietzschiano do **Livro do Desassossego**. A matriz desta ficção estaria de facto no 1.º andar do número 71 da Rua da Prata, escritório da firma Moitinho de Almeida, para a qual o Sr. Pessoa trabalhou uns 15 anos. É no «tédio estival» desse andar de «prateleiras arrumadas», hoje armazém quase sempre encerrado de uma empresa de transportes marítimos, que fora de horas podemos encontrar o poeta a bater de empréstimo a obra «sobre a grande idade da secretária inclinada». Antes, a meio caminho do expediente da manhã, é muito provável que o vejamos levantar-se da Royal, meter um vale de 20\$00, pôr o chapéu, compor os óculos, murmurar: «**Vou ao Abel.**» E

(Continua na pág. 44-R)



A fotografia do «flagrante delíto» e um lugar no Mosteiro dos Jerónimos

coisa Pessoa teria para sempre ficado sepultada.

### Lôbrego sótão

Encontrar o roteiro vivo do pai de Orpheu não é ainda dar uma saltada aos Irmãos Unidos, nas costas da Suíça — também aqui tudo o que resta é o nome. O bar transformou-se num desses fantasmas de latão onde se come depressa e de pé, apesar de uma avarenta esplanada ao sol da Praça da Figueira. Há contudo um velho empregado que diz ter conhecido Pessoa. «Sou o único do tempo dele», afirma com orgulho e sem deixar de correr de um lado para outro. Que idade tinha? «Era miúdo». Como era o bar nessa altura? Está a trabalhar, e a contar dinheiro, não tem vagar para histórias do Fernando Pessoa.

Outros tempos, esses, de quando entre poetas e criados de café se estabelecia uma cumplicidade que neste mesmo bar salvou Pessoa dos fanáticos de Afonso Costa que o

queriam lixar — há quem diga que linchar. Prevenido pelos empregados escondeu-se numa galinheira e safou-se, talvez a caminho do «lôbrego sótão» que nessa altura habitava no n.º 12 da Almirante Barroso, uma tal Leitaria Alentejana de um sr. Sengo que acompanhara as noites da Brasileira do Chiado e que por amizade ofereceu abrigo ao cavalheiro esfingico que atravessava um dos seus cíclicos períodos de literal miséria. O lugar é hoje uma tasca de balcão corrido e postas de carapau do alto fritas. O dono não faz evidentemente ideia nenhuma desse passado, nem se esperaria que fizesse. Já ouviu falar de Fernando Pessoa, como toda a gente, e como toda a gente acha que pessoas em Portugal só são boas depois de mortas. Constatação que o leva a pensar que assim como assim mais valia escrever-se um artigo sobre o Benfica. Esse ao menos chegou à final do campeonato da Europa!

(Continuação da pág. 43-R)

## «Primeiro estranha-se, depois entranha-se...»

no depósito vizinho de Pereira da Fonseca toma um cálice de aguardente, ou vários cálices, ele que faz questão de beber como uma esponja. Melhor dito: «Como um armazém de esponjas com anexo.» Num certo dia de 1929 deixar-se-á fotografar com um copo de vinho tinto na boca para em seguida mandar o «flagrante delíto» a Ophélia e desse modo propor-lhe um segundo período de namoro — «namoro para bom fim», claro; nada de amantes.

Por uma dessas tardes volta ao escritório e escreve o «slogan» à coca-cola que quase levaria o sr. Moitinho à falência: «Primeiro estranha-se. Depois entranha-se.» O dr. Ricardo Jorge não gostou e manda apreender e inutilizar o produto... tóxico, como bem se vê pela publicidade descarada.

### Fashion e arrings

Na esquina em frente, outros dos parapeiros célebres da «peregrinação ad loca pessoana»: a tabacaria Havaneza dos Retroseiros. «O dono da tabacaria chegou à porta e fi-

cou à porta... Ele morrerá e eu morrerei... Ele deixará a tabuleta e eu deixarei versos... Sempre uma coisa tão inútil como a outra... Sempre o impossível tão estúpido como o real... Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra...» A tabacaria do Alves é hoje uma loja de malas de pele e carteiras de «calf», porta-chaves de cabedal e sacos de verga, «fashion e arrings», onde se pode comprar em eurocheque, «maxi card» ou executivo BNU. O tédio estival deu lugar a um «week-end» permanente de carros, buzinas, aceleras, rostos crispados, gente aos encontrões, «losers» de trouxas de cartão às costas, zaragatas, apalpas,

carteiristas, simulacros de esplanadas, e a envolver tudo a bênção de óleo dos tubos de escape de um trânsito para o inferno.

Encontrar uma primeira relíquia de topografia ainda pessoana seria a gente deixar-se cair na Leitaria Camponeza, à esquina da Rua dos Sapateiros, refúgio de meia dúzia de românticos e abrigo de putas deserddas a quem o patrão vai dando fiado. Neste sábado à tarde é já morta de alma a mulher que ao balcão pede um bolo de chocolate e uma garrafa de leite. «É para fazer as contas hoje?», quer saber o proprietário. Não, ainda não. «Cuidadinho, cuidadinho...» «Ainda não devo três contos, já devi mais.»

«Bem.» Uma equipa da televisão dinamarquesa prepara-se para filmar este espaço de 1908 e outros sobreviventes da cidade, lá na ponta da rua, o cinema Animatógrafo, que se vai safando com «hard core» de 1.º escalão. Hoje em cartaz Traci Lords e Little Oral Annie nos principais papéis de **No Pinhal É Que É Bom.**

Em frente e conforme ao Livro do Desassossego, a Rua dos Douradores é das artérias mais áridas de toda a baixa pombalina, a única que à distância não desfalece no cheiro de vinhos e petiscos. Quase tudo aqui são armadilhas de vidro acrílico, acetatos e «nylon», chapas onduladas e placas de cobertura. Sim, há aquela Casa Chung, de artigos orientais... Só na ponta final, paredes meias com a Praça da Figueira, a rua se torna um pouco mais humana graças a três ou quatro aposentos de comes e bebes, um dos quais de nome Pessoa, precisamente.

### Crepúsculo

Perto daqui está o número 42 da Rua da Assunção, cujo 2.º andar é igualmente outra das mecas do sepulcro pessoano: aí funcionava a firma Félix, Valladas & Freitas, Lda., onde por finais de 1919 o poeta conheceu a dactilógrafa Ophélia Queiroz, rapariguinha casta e casadoira que ora se deixava seduzir ora lhe fazia as cruces. «Porque não é franca comigo? Que empenho tem em fazer sofrer (...) a quem já tem por peso e dor bastante a própria vida isolada e triste (...)?»

Este desassossego, que noutro 2.º andar da mesma rua mas no n.º 58 recebeu novo golpe com a tentativa falhada da Olysipto, ia o poeta afogá-lo a dois passos dali, ao Terreiro do Paço, no que ficaria como sendo o lugar por excelência lendário da sua rota em vida: o Martinho da Arcada. O homem que aí vemos entrar para ir sentar-se àquela mesa de mármore preto, meio bêbado, a fralda da camisa descaída, será cada vez mais um pária de si mesmo, nariz judaico, tronco débil, peito chato herdado do pai turberculoso, doente de gripes e bronquites duas e três vezes em cada Inverno. Tal como a Brasileira do Chiado fora o palco da sua relativa juventude, o Martinho da Arcada estará, ao longo de década e meia, no caminho de um crepúsculo de ruínas. «A solidão desola-me, a companhia oprime-me.» Botto, outro marginal, será um dos que mais se

sentarão à sua mesa. Aqui faz Pessoa a redacção final de **O Guardador de Rebanhos**, escreve algumas das suas poucas cartas de amor («Estou no Martinho da Arcada, são três e meia da tarde...»), dará andamento a horóscopos, versos, fragmentos; traduções, prefácios, estudos, preceitos de contabilidade e a parte da correspondência com Sá-Carneiro. Sá-Carneiro que anos antes, profético como é próprio dos visionários, lhe havia dito numa carta: «Acima de tudo me arrepiava a ideia sem espelhos de, sem remédio, novamente fundear no Martinho... Não sei porque esse café — não os outros cafés de Lisboa, esse — deu-me sempre a ideia de um local onde se vem findar uma vida: estranho refúgio, talvez, dos que perderam todas as ilusões, ficando-lhes só, como magro resto, o tostão para o café quotidiano — e ainda assim, vamos lá, com dificuldade.»

Com dificuldade, de facto. Muitas vezes a mulher do sr. Sá Mourão, dono do Arcada, lhe dá de comer. E, no entanto, este homem que tenta manter o aspecto «british» de um «gentleman», mas que está de facto um alcoólico de nariz vermelho e beijo flácido, era já a figura tutelar de uma geração de génios escangalhados que só não mudaram Portugal porque em Portugal tudo foi mudando de tal maneira para pior que chegámos onde estamos: de Sá-Carneiro a Santa Rita Pintor, de Amadeo a Almada, Botto e Ângelo de Lima, Florbela, Gomes Leal ou Camilo Pessanha. De nada lhes serviu a consciência do mal: «Há três coisas com que um espírito nobre nunca brinca: os Deuses, a morte e a loucura.»

Testemunha viva desse passado, a filha de Sá Mourão, D. Albertina, tem ao longo do tempo resistido às mais tentadoras ofertas para ceder o café, e o Arcada mantém-se. Mal dando para as despesas, mas mantém-se. A velha senhora não esconde que tem com aquele espaço uma relação afectiva particular, que lhe vem justamente do tempo em que, criança, via a mãe acolher ao fundo da sala uma criatura já então com o fato amarrado, as calças curtas, os braços a fugir-lhe das mangas.

Apesar da tinta a cair das paredes e dessas latas de sumo empalidecidas que são o primeiro sinal da decadência de uma venda, o Arcada mantém um certo ar fim de século, sombrio, cúmplice, inti-

(Continua na pág. 46-R)

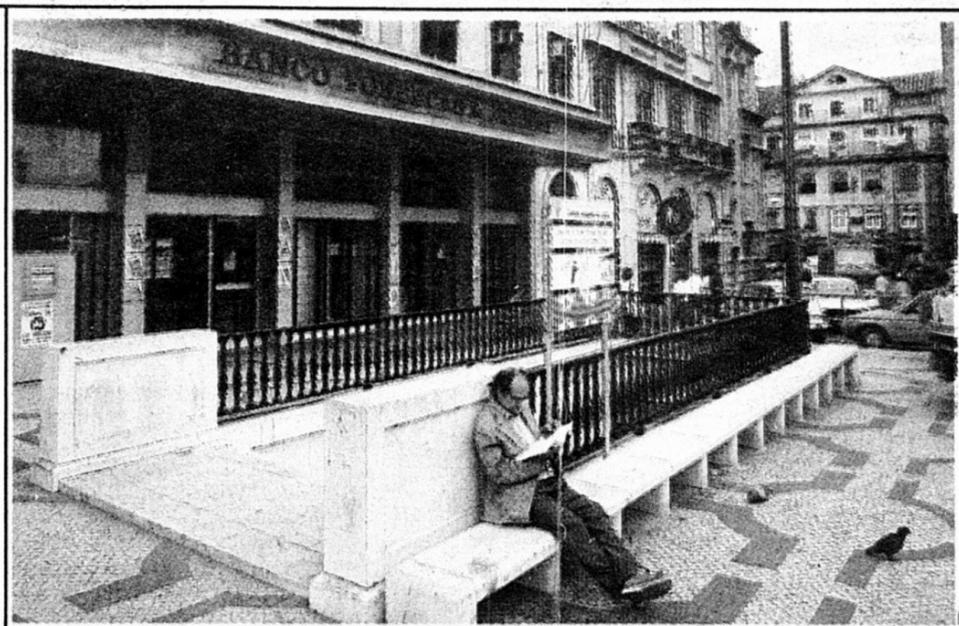


Fotos António Pedro Ferreira

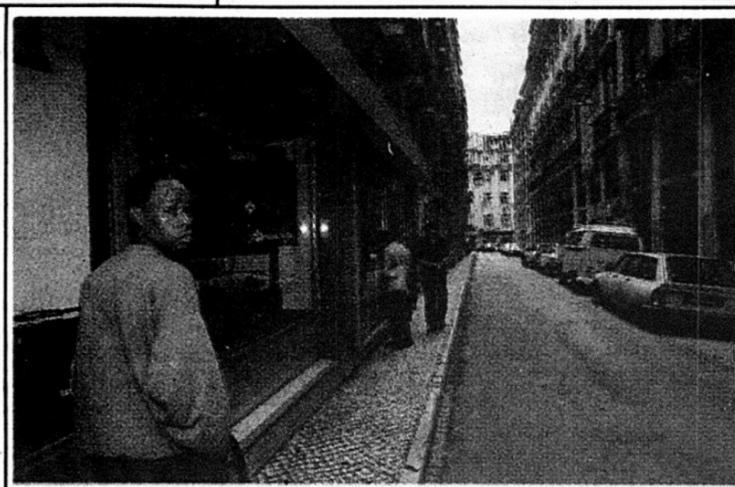


# A rapidez de um serviço de qualidade.

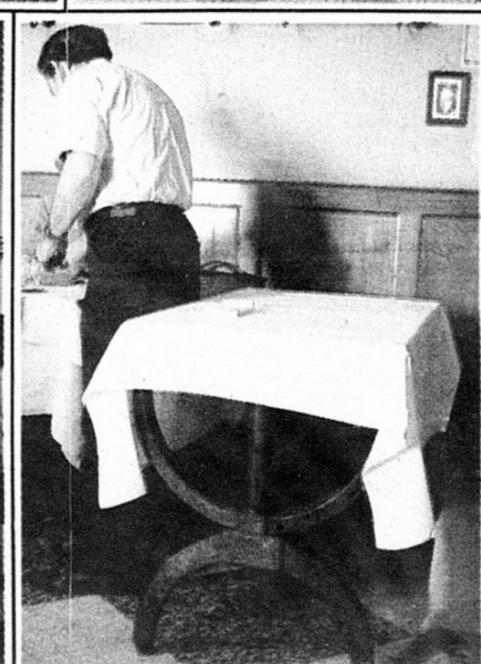
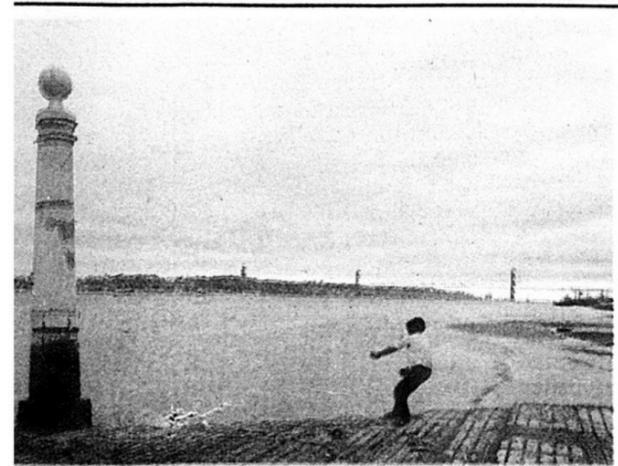
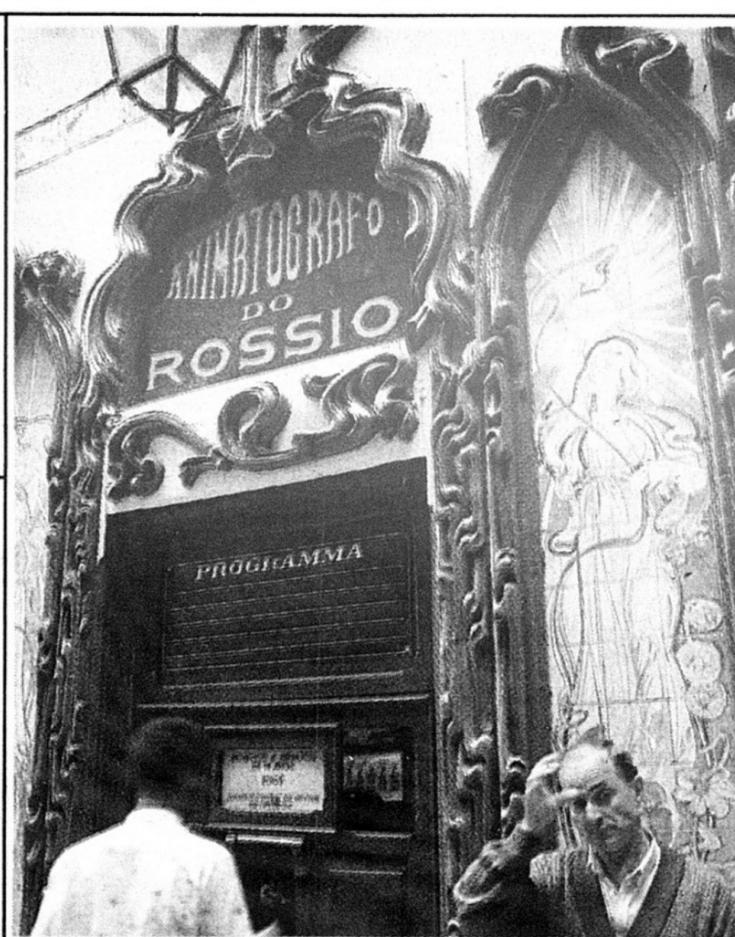
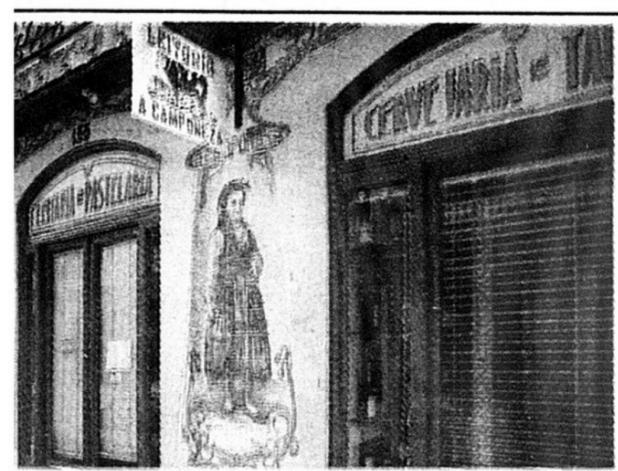
Sabemos como é difícil unir a rapidez e a qualidade num único serviço. No entanto, a tecnologia Kodak alia a rapidez dos mini-labs ao controlo de qualidade do sistema computadorizado Technet. Onde vir o símbolo KODAK EXPRESS tem, portanto, a garantia de receber as suas fotografias com rapidez e qualidade.



**A** casa do nascimento, no Largo de S. Carlos e o banco onde no Rossio foi o Martinho da Arcada. O futuro da primeira continua num impasse e o destino da segunda repete o que aconteceu a outros lugares do itinerário pessoano.



**A** Brasileira do Chiado, hoje mais ou menos um «snack», e a Ruada Douradores, cenário do Livro do Desassossego e de um «Restaurante Pessoa»



**A** Leitaria Camponeza e o Animatógrafo, em cima à esquerda: duas reliquias numa paisagem destruída. Na esquina em frente ao Moitinho foi a tabacaria do Alves, e do Álvaro, o de Campos. Do cais das Colunas ao Martinho, na mesa que foi de Pessoa nos últimos 15 anos, para uma luz crepuscular.

# «Fiz de mim o que não soube»

(Continuação da pág. 44-R)

mo, onde a meio da tarde pode ter-se a sensação de que o tempo parou. E oferece essa coisa rara nos cafés da Lisboa de hoje que são mesas separadas entre si — e mesas de tempo de pedra, suficientemente altas para que se possa cruzar as pernas.

Graças à teimosia da D. Albertina e à ajuda da Associação Pessoaana dos Amigos do Martinho da Arcada (APAMA), o espaço foi declarado de interesse público e o arquitecto Raul Hestnes Ferreira — filho de um poeta, ainda bem, José Gomes Ferreira — trabalha num projecto que irá rentabilizar o café não apenas sem o destruir mas restituindo-lhe o rosto original. As obras custam 30 mil contos. O mecenato privado dá 15 mil, a D. Albertina outros 15 mil, de um empréstimo, e o Estado, para manter a tradição, fica a olhar.

No rasto de algumas iniciativas da APAMA, os jovens voltam a aparecer pelo Martinho da Arcada e revimos essa saudosa pose de criaturas de caneta na mão e olhar vago, espécies ao que parece finalmente inteligentes de uma raça — romântica, graças a Deus! — que se julgaria perdida na indecorosa brasa dos últimos anos. E acresce que nem tudo nesse clima são poetas de ruga franzida à procura de inspiração, o que pareceria monótono. Com um pouco de sorte ouvir-se-ão as confidências de um qualquer «winner» de pasta à Bond ou de um verdadeiro alentejano de boné puxado e cigarro ao canto da boca a congregarem negócios e subsídios da CEE — a Bolsa fica ao lado e o Terreiro do Paço continua a ser o berço dos ministérios. E que negócios, santo Deus! Um tinha ganho 15 mil contos em 5 minutos 5, luxúria só comparável a poemas assim: «*Outra vez te revejo, Lisboa e Tejo e Tudo / Transeunto inútil de ti e de mim / Estrangeiro aqui como em toda a parte / Casual na vida como na alma.*»

## Os sonhos também se abatem

**Ode Marítima, Lisboa Revisitada** — mas também **O Sentimento dum Ocidental** —, o Cais das Colunas não é exactamente a aldeia morta do Largo de S. Carlos, mas a maré negra dos esgotos da cidade onde ratazanas de quilo e meio fazem o seu palácio. Há uma luz límpida pelos fins de Maio que ao nascer do dia abre o Tejo desde o Mar da

Palha à barra. É a altura, muito breve, em que as padarias emprestam um cheiro quase saloio a certas ruas de Lisboa, em que os empregados do talho vêm à porta acabar de abotoar a bata, os eléctricos passam quase vazios, os homens da praça chegam ao mercado com as mulheres enfiadas no atrelado das couves, o tráfego e o tráfego da cidade estão por um instante suspensos. Nessa passagem sem horas, garotos da babugem armados de

arame e com os pés na lama atacam nos buracos da escadaria, que passou à história como uma «**saudade de pedra**», pequenos caranguejos que ainda não aprenderam a viver ao largo. 130 mil pessoas irão embarcar e desembarcar ao longo do dia destes cacilheiros de uma água que foi outrora «**a pequena verdade onde o céu se reflecte**», mas que hoje serve de latrina diária a 244 toneladas de uma porcaria ao que parece chamada carência bio-

química de oxigénio. Cachos humanos uns sobre os outros atropelar-se-ão nas zebras de peões à mesma velocidade e com a indiferença dos rodados «scania» que fazem tremer o macadame — esse deus cidadão de Krus Abecasis. Ao fim da tarde, quando as grandes chaminés do Seixal e do Barreiro já povoaram o céu de uma morte imprópria, pescadores de águas turvas esperam o nada. No meio da praça, na que terá sido uma das mais belas contemplações da cidade, um parque obscuro cavará mais um cemitério de automóveis. E sobre os passeios, a atravessar arcadas e corredores, colunas e talhas, estarão os próprios volvos, mercedes e solaras dos nossos ministérios. Com os motoristas à maneira, mãos nas

algibeiras, fatos azul-escuro, a dar cavaco às últimas cotações da Bolsa — e o maldito parque de estacionamento em frente, senhores! «**Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito!**»

## De pessoa a pessoa

Hora absurda à luz de uma sexualidade que tem alimentado lendas mas que a ser verdade nos devolveria um homem bem mais terrestre e casual do que a biografia deixa pensar, essa em que o poeta, a acreditar no seu amigo Peixoto Bourbon, desceria à Rua do Ferragial para se encontrar com uma amante — num bordel, nem mais nem menos. Fernando Pessoa com uma amante na rua do Ferragial! Bah!

Foi esta de facto uma

das catedrais da antiga Lisboa das prostitutas. Quase tudo eram casas de perdição: do 7 ao 29 e do 32 ao 38. A última a fechar, sob o manto diáfano da hipocrisia salazarista, teria sido o número 11, que servia em dois andares: o 1.º para os pobres e o 2.º para os ricos. É possível que o poeta na última fase da sua vida, saído de tabernas e carroarias, deambulando a desoras pelas ruas de Lisboa, precocemente envelhecido, passasse mais ou menos em pessoa por aqui — ele ou um seu duplo por descobrir. Diz a história do bairro ter sido a Rua do Ferragial frequentada por notáveis que em grandes espadas traziam as suas senhoras (senhoras amantes, já se vê) à revista, ou seja: à inspecção sanitária. Umhas vezes subiam com elas, outras não. Quando não, esperavam cá em baixo entre a familiaridade da vizinhança, alargados em cadeiras gentilmente oferecidas, escutando empenhos e fazendo promessas. Ou aproveitavam a ocasião para sentirem de perto o tal cheirinho a alecrim da casa portuguesa com certeza. O bairro era de resto conhecido pelo timoneiro de Orpheu, que na rua de cima, a Vitor Cordon, se reunira anos a fio com o grupo que viria a lançar a revista na Cervejaria Jensen, que foi no lugar onde hoje está o muro que faz esquina com a António Maria Cardoso.

O Ferragial veio a transformar-se em mais uma das ruas caídas de Lisboa, com prédios inteireiros em derrocada. Apenas um barzinho pulha, vizinho de uma pensão, guarda a lembrança do passado com raparigas que fazem aí as suas permanências.

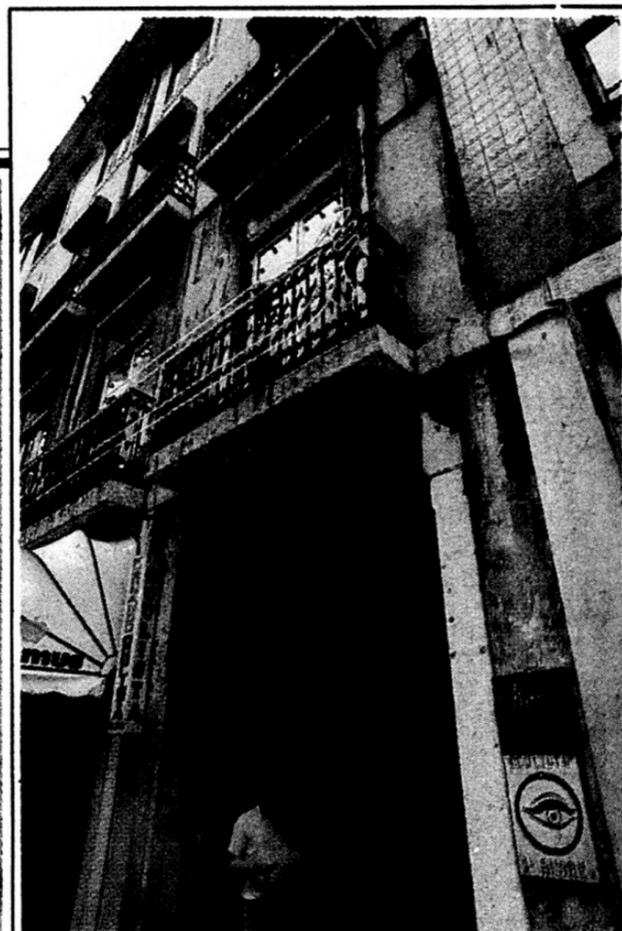
## «E-xis-tir»

O poeta está agora no 1.º andar dt.º do n.º 16 da Rua Coelho da Rocha, a Campo de Ourique, sua morada dos últimos 15 anos de vida. É a casa do reencontro com a mãe, que de volta de África e semiparalisada lhe pede que a alugue.

Cabalístico, mediúnico, convencido pelo horóscopo que a si próprio comete de que vai morrer cedo, Pessoa passa noites acordado a ordenar a obra mal parada pelas malas e caixotes que arrastou por mais de quarenta casas e quartos alugados: 30 mil papéis onde não faltam poemas em indecifráveis envelopes, facturas comerciais, folhas de agenda, bilhetes, impressos, guardanapos de taberna. A última foto-

O último retrato. Pessoa cabalístico, mediúnico e recusado num concurso para bibliotecário





Fotos António Pedro Ferreira

**Rua do Ferragial, onde o poeta teria tido uma amante num bordel, e o escritório do namoro platónico com Ophélia**

grafia, de 1935, mostra-o com grandes entradas, uma ligeira barriga, óculos de lentes finas mas aros muitos grossos, o colarinho da camisa a fugir-lhe para cima do casaco. Recusado num concurso para bibliotecário, finalmente incompatibilizado com o regime, continua a fazer «escritas» durante o dia. Fica depois acordado pela noite fora, fuma cigarros atrás de cigarros, bebe até ter que beber, caminha do quarto para os corredores e dos corredores para o quarto na casa muitas vezes na penumbra. Antes de subir ao primeiro andar desse prédio, também hoje, despejado de quase a cair, passa pela Leitaria Trindade, à esquina da rua, no exacto sítio onde agora está um pequeno passeio triangular com sinalizações de trânsito, e pede uma caixa de fósforos, um ou dois maços de cigarros e uma

macieira. Não tem dinheiro, mas o seu amigo Trindade dá-lhe fiado. Quando morreu ainda aqui devia 600 mil réis, o dobro do que ganhava ao fim do mês pela sua burocracia ambulante — e pouco antes tinha pago parte da dívida com o dinheiro que recebera do célebre segundo prémio do SNI que em primeiro lugar distinguira o sr. frade Vasco Reis. Guarda os cigarros e os fósforos, tira a garrafinha preta da pasta de cabedal que o taberneiro vai lá atrás encher de aguardente e bebe, de um trago, a macieira em cima do balcão. Já foi proibido várias vezes de beber, mas continua. «Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me? / Não: vou existir. Arre! Vou existir./ E-xis-tir. / E-xis-tir...» Tosse, tosse muito, tem agora um pigarro de alcoólico que se ouve ao longe. Põe a gar-

rafinha na pasta e retoma à socapa as ruas dessa pequena burguesia de Campo de Ourique mais ou menos remediada, mais ou menos sonolenta, espreitando atrás das cortinas ao menor ruído, temente a Deus e ao Estado Novo, que ele tanto exaltara ao longo de tantos anos. «Fiz de mim o que não soube / E o que podia fazer de mim não o fiz. / O dominó que vesti era errado. / Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. / Quando quis tirar a máscara / Estava pegada à cara. / Quando a tirei e me vi ao espelho / Já tinha envelhecido.»

**«Nunca te deixes vencer pelos incompetentes»**

Na noite de 27 para 28 de Novembro, sozinho em casa, cai fulminado por uma cólica hepática. Não

é a primeira vez e resiste a ser internado. Um primo médico, que o vem tratando, insiste. «Gentleman» até aonde ainda pode, Pessoa quer ser barbeado antes, e o sr. Manacés vem servi-lo pela última vez. O filho do barbeiro, que ainda hoje mora na Coelho da Rocha, lembra-se de ter subido muitas vezes de manhã com o pai ao 1.º andar do número 16 e ouvi-lo ralar com Pessoa por ter os cinzeiros a abarrotar de beatas, «montes de cinzeiros espalhados por toda a casa». Era uma criança de 3 ou 4 anos, e de pouco mais se recorda. Mas há uma coisa de que o filho do sr. Manacés, hoje com 58 anos, nunca mais se esqueceu: um dia, o poeta pôs-lhe a mão na cabeça a propósito de uma pergunta qualquer que o miúdo lhe tinha feito, e disse-lhe, pausadamente,

uma mesma frase três vezes: «Nunca te deixes vencer pelos incompetentes». Conduzido ao hospital de S. Luís dos Franceses, o pai do Modernismo português alcança à cabeceira três pessoas: o primo médico, um enfermeiro e o capelão. «Considero-me feliz por não ter parentes», murmurará a certa altura. Agoniza. Acabará por tomar consciência de que já não distingue o que vê, e pede os óculos. Gasta nesse pedido as suas últimas palavras, e na véspera escrevera a derradeira frase: «I know not what tomorrow will bring».

No enterro estarão alguns amigos e poucos familiares. Os jornais noticiam com parcimónia a morte do sonhador que prevenira um certo Álvaro de Campos: «Descansa, poucos te chorarão...» É conduzido ao jazigo 4371 da rua I Direita do Cemitério dos Prazeres, para aí

reencontrar a tia maluca, Dionísia, cujo rosto desdentado e fixo fora um dos que primeiro vira debruçar-se sobre o seu berço de bebé. Transformado em mais um discurso morto da Nação, o cadáver deste contemporâneo em negativo de Alves dos Reis para sempre ficará preso às malhas que ele próprio teceu e acaba no Mosteiro dos Jerónimos. Por obra do acaso — que tem causas matemáticas — o enterro do seu último e porventura involuntário confidente, esse barbeiro Manacés, dirige-se para o Cemitério do Alto de S. João no preciso dia e à épica hora em que o corpo de Pessoa é trasladado. Os cortejos chegaram a cruzar-se pelas ruas de Lisboa, mas nunca se encontraram. Está escrito nas tábuas da vida que amigos amigos negócios à parte. E também, o diabo não dorme.

**A última morada, em Campo de Ourique, e o Hospital S. Luis dos Franceses para uma morte súbita**



**T**RADUZIDO na China e no Japão, estudado em Paris e em Moscovo, recitado nas Américas, publicado em todo o Mundo, o maior vulto da literatura portuguesa contemporânea continua a revelar-se, 50 anos depois da sua morte, um mistério a desafiar biógrafos e especialistas. À medida que o século em que se afirmou se aproxima do fim, vão-se tornando cada vez mais raros de ouvir os testemunhos dos que o conheceram de perto, tanto nos círculos fechados da família como nos espaços públicos da criação artística. E a circunstância de os seus méritos e talento não lhe terem sido reconhecidos em vida apenas contribui também para que, ainda hoje, no centenário do seu nascimento, as revelações mais insólitas sejam possíveis quer sobre a obra quer sobre a vida de Fernando António Nogueira Pessoa. É como se, de algum modo, uma pergunta continuasse sem resposta: quem foi ele, afinal? Um poeta genial ou, acima de tudo, precisamente isso, uma pessoa única e singular, um percurso ainda não completamente revisitado?

Ao mesmo tempo que do baú em que deixou arrumada a maioria dos seus originais os estudiosos continuam a retirar novas e inesperadas facetas do artista, os últimos relatos possíveis de recolher junto de quem com ele privou podem ainda surpreender: o poeta, por exemplo, dizia-se «parente próximo» de Francisco Franco, generalíssimo de Espanha, como dizem dele, agora, que era «a cara chapada de Florindo Abelha», o prefeito de Asa Branca na telenovela «Roque Santeiro». E se, apesar de um esforço de investigação invulgar, a sua vida e obra se prestam a dúvidas e equívocos, do mesmo modo as circunstâncias que rodearam a sua morte insistem em alimentar incertezas...

Quem foi, finalmente, Fernando Pessoa? Como era na convivência com os outros? Que facetas da sua personalidade lhe conheceram parentes e amigos? Que traços mais marcantes recordam hoje companheiros mais ou menos chegados de aventuras e desventuras?

#### Perguntas e intenções

Terá sido o «pelintra», «infeliz e quase desconhecido», bêbado e desamparado que pretendem uns? Ou o «janota», de calça vinçada e sapato a brilhar, que não perdia uma «première»



## testemunhos

*Quem foi Pessoa, afinal? Que facetas da sua personalidade lhe conheceram parentes e amigos? Dos testemunhos possíveis de quem com ele privou fica um retrato dispar e surpreendente*

# Divididos na vida e na morte

Fernando Gaspar

e alimentava «peneiras de fidalguia», como asseguram outros? Um «filósofo profundo» que iluminou quem o quis escutar, ou o «gênio inútil» como o rotulam quantos lhe viraram costas? «Ocultista» e «iniciado», ou um «agente secreto» entre monárquicos ao tempo das juntas militares? Gostava realmente de crianças, ou não podia com elas, à semelhança dos cães e gatos que detestava? Frequentava prostíbulos, onde teria as suas eleitas, ou ficava-se por paixões pretensamente platónicas como a que terá alimentado por Ofélia Queiroz? Era «soturno» e «introvertido», «mau conversador», ou, pelo contrário, «afável» e «comunicativo», «bem humorado» até? Homossexual não assumido? Dependente do álcool e da cocaína? Ou prezava a saúde e começava o dia com «gimnástica sueca e duches frios» para manter em forma uma «resistência invulgar»?

A avaliar pelo que ainda hoje se pode ouvir a quem, de mais perto ou mais longe, o conheceu, todas as respostas são possíveis. Nem é de estranhar que assim aconteça. Esta multiplicidade de testemunhos, se comprova a invulgar «pluralidade» de um autor que se exprimiu através de dezenas de «eus» — «senhor da posse plena do meu Gênio e da divina consciência da minha Missão», como afirmou — revela também concordância com as suas próprias palavras: «Não tenho princípios. Hoje defendo uma coisa e amanhã outra. Mas não acredito no que defendo hoje, nem amanhã terei fé no que hei-de defender. Jogar com as ideias e com os sentimentos sempre me pareceu um destino supramente belo.»

E a dificuldade, a impossibilidade talvez, de traçar com precisão os contornos da sua personalidade teste-

munhará, simplesmente, a mestria com que soube contruir a sua obra: «Criador de anarquias sempre me pareceu o papel digno de um intelectual», escreveu. E neste objectivo confesso terá ele posto o melhor das suas capacidades, para desespero de quantos pretendem hoje saber ao certo quando é que fingia ou fingia que não fingia. «O poeta é um fingidor», disse o próprio num dos seus versos mais conhecidos. E «fingir é conhecer-se», afirmou em prosa. «Mas atenção, era ele, afinal, o fingidor-mor!», como defendeu ao EXPRESO um dos seus contemporâneos...

#### Silêncio forçado

Hospital da Ordem de S. Francisco, no Porto, 16 e 30 horas de quarta-feira, 11 de Maio. À porta do quarto 307 um letreiro proíbe a entrada a estranhos. «Por ordem médica, não recebe visitas». O encontro com Alberto Serpa, último sobrevivente do grupo de intelectuais que fundou em Coimbra, em Março de 1927, a revista «Presença», é de todo impossível. A porta abre-se e é uma irmã do poeta quem primeiro vem explicar que o paciente recupera de uma broncopneumonia que o deixou «à beira da morte» 15 dias atrás. «Vou chamar a minha cunhada, é só um momento.» Pouco depois, Emília Serpa confirma, por seu lado, que, mesmo que quisesse contrariar as instruções do médico, o marido não está em condições de falar. «É quase um milagre estar vivo! É como se tivesse ressuscitado, graças a Deus!»

Desaparecidos que estão praticamente todos os nomes mais destacados do movimento presencista — José Régio, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt, Adolfo Casais

Monteiro, entre outros — que ao longo de 14 anos contribuiria para a divulgação da obra ortónima e heterónima de Fernando Pessoa, o silêncio forçado de Alberto Serpa é um derradeiro testemunho que se não ouve na evocação do escritor. Da mesma forma, a grande maioria dos seus companheiros mais chegados, nomeadamente os que com ele compartilharam aventuras literárias — do «Orpheu» ao «Portugal

Futurista», do «Exílio» e do «Centauro» à «Athena» e à «Contemporânea» — não pode mais lembrá-lo. Hoje, relatos narrados na primeira pessoa só já os de alguns familiares, mais ou menos próximos, e os de um punhado de amigos, os mais novos que o poeta terá tido em vida. Neste cenário de escassez, que de ano para ano se agrava, apenas dois depoimentos marcados pela intimidade são ainda possíveis: o da

meia-irmã, Henriqueta Madalena, e o de Ofélia Queiroz, sua única paixão conhecida. A primeira, com 92 anos; apesar de uma impressionante frescura, nada de novo acrescenta agora ao que já repetiu «até à exaustão»; a segunda, ao contrário, não parece disposta a acrescentar pormenores novos às escassas confidências que prestou anos atrás, aquando da publicação da correspondência amorosa que trocaram, empenhando-se aparentemente em apagar todas as pistas que pudessem conduzir ao seu íntimo a curiosidade alheia.

#### Recordações antigas

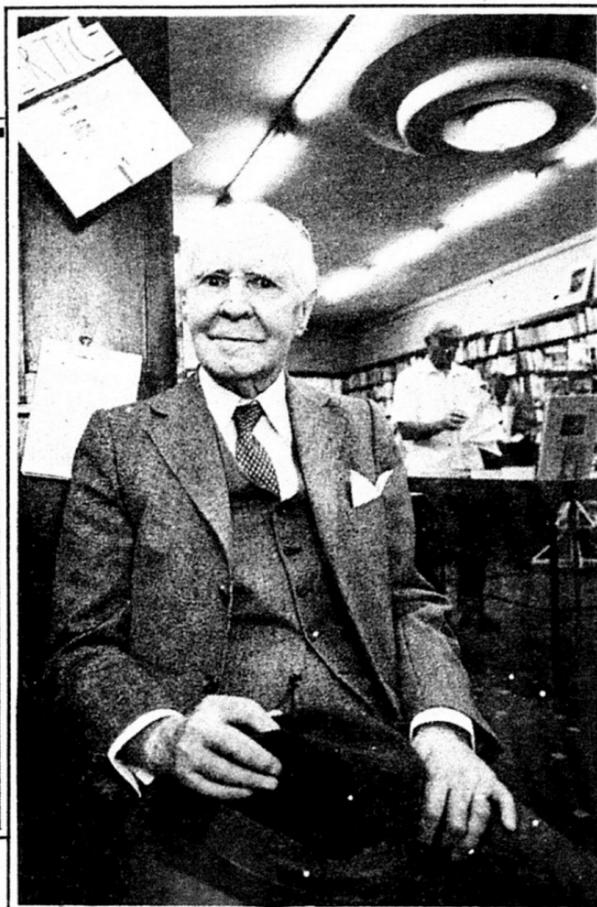
Apesar de estar de pé o prédio onde nasceu, às 15 e 20 horas de 13 de Junho de 1888, nada no 4.º Esq. do número 4 do Largo de S. Carlos, bem no centro de Lisboa, lembra que foi ali que Fernando Pessoa passou os primeiros cinco anos da sua vida. Talvez só o sino da igreja dos Mártires, mesmo ao lado, «dolente na tarde calma», continue em badaladas repetidas,

Os primos José Jayme Neves (na parede o retrato do





Costa Brochado, com Pessoa no «Martinho da Arcada» e hoje na «Sá da Costa»



Antonio Pedro Ferreira

iguais à primeira, a evocar a «aldeia» onde o poeta se sentiu nascer. O edifício é hoje sede de uma empresa falida, a Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, e o projecto anunciado de vir a instalar nele um futuro Museu Fernando Pessoa está dependente de o Estado exercer o seu direito de opção sobre a melhor oferta que a companhia venha a receber pelos locais.

Foi ali, também, que lhe morreu o pai, Joaquim Pessoa, um crítico musical, em 1893. A mãe, Maria Madalena Xavier Pinheiro Nogueira, casou por procuração em segundas núpcias dois anos mais tarde, embarcando em Janeiro de 1896, com o filho, para Durban, na África do Sul, onde o padrasto, João Miguel Rosa, passara a ser cônsul de Portugal. Deste segundo casamento nasceu,

em 1896, a primeira dos seus três meios-irmãos, Henriqueta Madalena, a única ainda viva e hoje depositária das mais antigas recordações sobre Fernando Pessoa.

«Mas as minhas memórias mais intensas não vêm daí. Eu era muito nova quando o Fernando veio estudar para Lisboa, em 1905. Recordo-me que era uma criança que gostava muito de se isolar no seu

próprio mundo, embora fosse dócil, inteligente e já cheio de personalidade — conta Henriqueta Madalena, a 'Teca' na intimidade. Só mais tarde, depois da morte do meu pai, quando vim de vez para Portugal com a minha mãe já doente e os meus dois irmãos (que estudariam e viveriam, depois, em Inglaterra), em 1920, é que voltámos a coabitar de perto. Foi quando viemos viver para a casa da Rua Coelho da Rocha, que o Fernando tinha alugado meses antes, em Campo de Ourique.»

Para além da irmã, os únicos parentes que recordam Fernando Pessoa, ainda vivos, são primos que o conheceram precisamente quando, por via do regresso da mãe e dos irmãos à sua companhia, retomou o contacto alargado com outros familiares. «Vinha almoçar ou jantar a casa dos meus pais todas as semanas», conta José Jayme Neves, um advogado com escritório na Rua Nova do Almada, seu primo em terceiro grau e filho do médico que terá assistido o poeta na sua morte. «As nossas avós eram irmãs, materna a dele, paterna a minha.» Fernando Pessoa frequentava, igualmente, «no mínimo uma vez por semana», a casa de outros primos, os Freitas da Costa e os Nogueira de Freitas. «A minha avó era irmã da mãe do Fernando, a tia Anica, talvez a sua tia preferida», recorda Helena Madalena Freitas da Costa Nogueira de Freitas.

Uns e outros o conheceram com olhos de criança e repetem dele imagens idênticas. «Quando aparecia era sempre uma festa! Pendurávamo-nos todos nele, ao pescoço e pelos braços, e era uma brincadeira pegada! — conta o marido, Fernando Godofredo da Costa Nogueira de Freitas, um coronel de Infantaria reformado. Recitava-nos versos,

dava bofetadas na cara a si próprio, se fosse preciso, para contar uma história, até os óculos lhe saltarem do rosto, e nós ríamos a bandeiras despregadas. Tinha imensa paciência. Ao pé dele as crianças estavam sempre bem dispostas!»

Mas o riso do «Íbis» ou «Fernando desponderado», como era conhecido nesses círculos íntimos da família, era um riso «contraído», lembra Helena de Freitas. «No fundo, acho que era uma pessoa muito tímida. Quando se ia embora púnhamo-nos todos à janela para lhe dizer adeus. Havia um candeeiro em frente e fazia sempre de conta que chocava contra ele, distraído. E antes que desaparecesse na esquina gritávamos-lhe: 'Ó Fernando, faz o íbis'. E ele, que tinha um ar muito sério, ainda mais engraçado ficava quando se punha naquela posição, com a perna no ar!»

Entre os familiares, as opiniões não se dividem, no geral. Para além desta «facilidade em entrar no mundo lúdico das crianças», irmã e primos lembram a sua «capacidade de inventar histórias e personagens, desde muito novo». Ao longo de anos, a irmã foi «o tenente francês», como um dos irmãos era «o pirata», os primos «o ibisoutro» e o «íbis combativo». Ao mesmo tempo, Fernando Pessoa é lembrado como um homem «muito reservado mas extremamente delicado, educadíssimo, um verdadeiro gentleman», segundo as palavras da irmã.

#### Aguardente e cocaína

Outro parente, mais afastado embora sensivelmente com a mesma idade, tem memórias ligeiramente diferentes. «Devia ter os meus 12, 13 anos, tinha aprendido a falar muito bem o inglês, em Moçambi-

que e na África do Sul, mas em gramática era um zero — conta o professor Calvet de Magalhães, um dos fundadores da Cooperativa de Ensino Árvore, no Porto. O meu pai, preocupado, falou com o Vitoriano Braga, que era primo direito do Pessoa e primo direito nosso pelo lado materno, e, com mais dois amigos, fui tomar lições de inglês com ele, três vezes por semana, num escritório onde trabalhava na Rua de S. Paulo.»

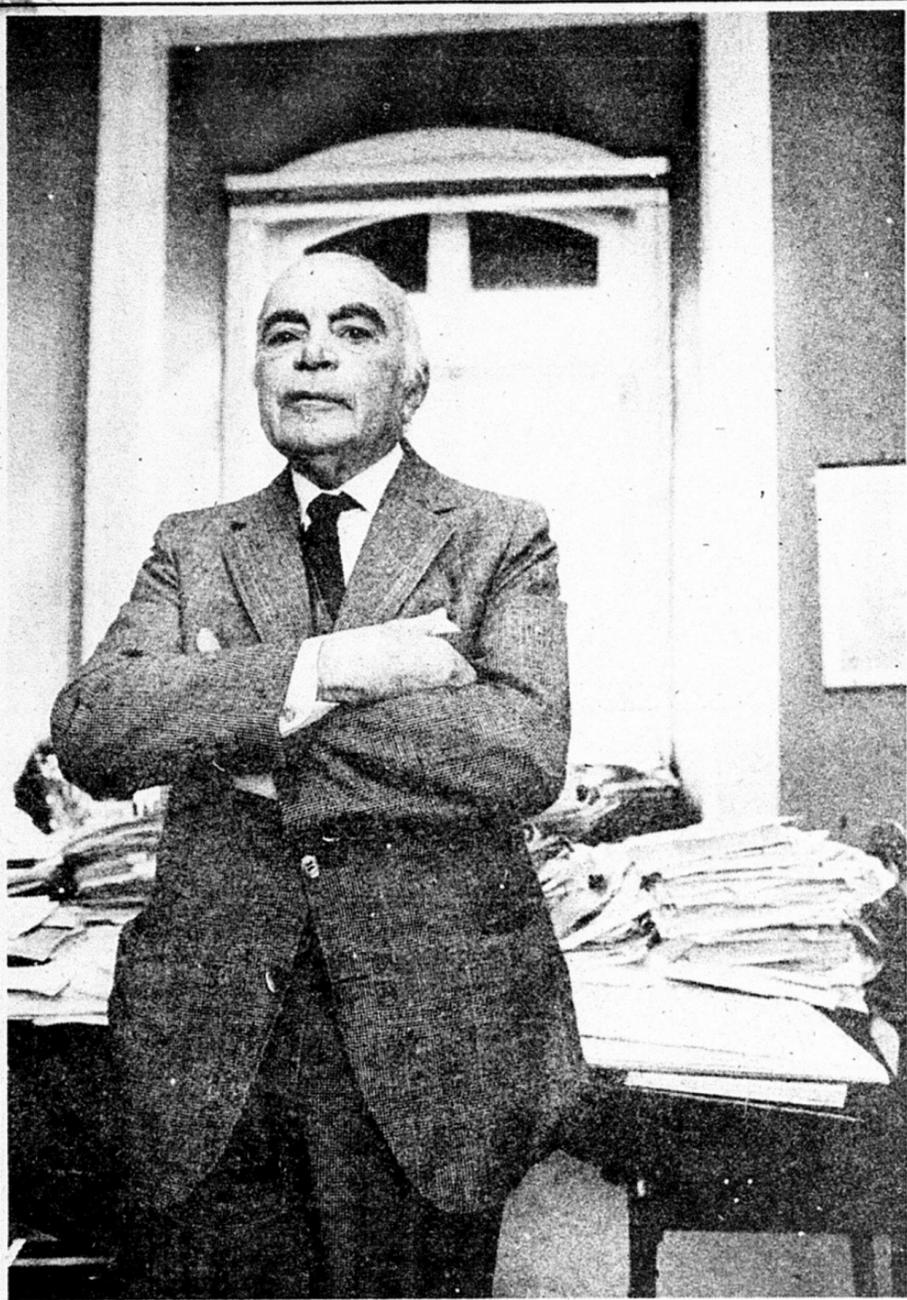
Calvet de Magalhães, que viria a tornar-se, mais tarde, no «primeiro editor» de Fernando Pessoa após a sua morte — «o que me haveria de custar ainda 15 dias de prisão, no Torel, como resultado de um processo que a Ática nos moveu mas que não ganhou», lembra ele — recorda uma «impressão» de que nunca mais se esqueceria: «Era um tipo muito esquisito, que não olhava as pessoas de frente, coisa que sempre me impressionou muito. Para além disso, era um bocadinho careca, só tirava o chapéu quando se sentava, à nossa frente, para dar a explicação. Tinha sempre os dedos amarelos, de tanto fumar, e mandava um bafo a aguardente que era demais. As vezes, de resto, fazia um intervalo, entregava-me cinco tostões e mandava-me à Dona Maria, lá em baixo, buscar uma garrafa de branco e pirrolitos...»

Para o professor, aliás, nada disto surpreendia. «Lembro-me da mulher do Vitoriano Braga, que era filho do dr. Sousa Martins que tem estátua no Campo de Santa Ana — cuja casa o Pessoa frequentava e onde se faziam, segundo ouvia dizer, altas sessões de espiritismo e se consumia muita cocaína — me ter perguntado um dia: então, pequeno, tens aprendido alguma coisa com aquele bêbado?»

(Continua na pág. 50-R)

bisavô comum, nas mãos o do pai) e Nogueira de Freitas





António Pedro Ferreira

**Luis Moitinho de Almeida: «Era a cara do Florindo Abelha»**

# «Ninguém o viu bêbedo»

(Continuação da pág. 49-R)

Bebia? Não bebia? São célebres os «vales à caixa», nos escritórios onde trabalhou como correspondente comercial; as «idas ao Abel» (um armazém de vinhos e bebidas brancas por baixo de um deles); como a dedicatória numa fotografia oferecida a Ofélia Queiroz («Apanhado em flagrante delitro») e a resposta a Luís Moitinho de Almeida, filho de um dos patrões: «Bebo como uma esponja, não. Como uma loja de esponjas, e com armazém anexo!» Unanimidade há apenas em torno do facto de que «nunca ninguém o viu bêbedo». Para uns, porém, lá que bebia, bebia, o que lhe terá, de resto, causado a morte precoce; para outros, ao contrário, «não bebia tanto assim, cultivava era essa fama, para chocar as pessoas, 'blagueur' como sempre foi»...

As divergências quanto à bebida não são as únicas a registar nos relatos dos que conheceram Fernando Pessoa. A sua ligação à família é outro pomo de discórdia. Se bem que os depoimentos

dos familiares ainda vivos apontem para um relacionamento «assíduo e afectuoso», outros defendem o contrário. «Tinha uma relação péssima com a família, que não queria saber dele para nada — sustenta Albertina Mourão, de 73 anos, proprietária do Martinho da Arcada, um dos cafés mais frequentados pelo poeta. Lembro-me perfeitamente dele, fazia daqui o seu escritório. Passava horas e horas metido com os seus papéis, um café e o bagaço na mesa, ou então à conversa com os amigos que sempre o rodeavam. A minha mãe dizia-lhe: 'Não pense tanto, senhor Pessoa!' Tinha muita pena dele. Sabia que era um homem de valor, mas muito abandonado. À noite convidava-o a vir para a nossa mesa, jantar. Ele di-

zia sempre o mesmo: só se for uma sopinha. Mas depois acabava por comer tudo...»

Idêntica opinião sobre este aspecto sustenta Luís Moitinho de Almeida, cujo primeiro livro de poemas (Acrónios) foi prefaciado por Fernando Pessoa, e para quem o poeta, «embora com um pouco menos de cabelo, era a cara chapada de Florindo Abelha». Opinião esta, de resto, corroborada pelos primos Freitas. E o próprio Calvet de Magalhães defende, também, que a relação do poeta com os familiares «era péssima, e apercebi-me disso sobretudo pelas conversas que ouvia em casa dos meus pais e dos meus primos».

A personalidade múltipla de Fernando Pessoa prestava-se a divergências

Molda-se às suas ideias

Transparente ou opaco em várias cores e com diferentes espessuras, o vidro acrílico da Paraglas permite-lhe obter, com perfeição, a forma adequada às suas múltiplas aplicações.

Painéis decorativos, iluminação de ambientes interiores e exteriores, instalações sanitárias e painéis publicitários, são apenas alguns exemplos que demonstraram já a grande "performance" do vidro acrílico da Paraglas.

Trabalhado em chapas, blocos, tubos, varões ou barras, é fácil de cortar, furar e moldar, apresentando uma óptima resistência às intempéries.

Duro e leve, com excelentes características ópticas, o vidro acrílico é o material ideal para dar forma às suas ideias.

**Paraglas**

Uma beleza de acrílico

Paraglas Sociedade de Acrílicos, Lda. Apartado 10 P-2135 Samora Correia

de testemunho repetidas. Se num ponto todos parecem estar de acordo — «raros foram os que souberam apreciar o seu valor durante a sua vida» —, em muitos outros as posições são opostas. A inimizade com António Ferro, por exemplo, que foi o primeiro editor do «Orpheu», escolhido para o cargo precisamente por ser «o único menor do grupo, o que poderia evitar-lhes problemas com as autoridades». Amigos do poeta, como Francisco Peixoto de Bourbon, o seu mais novo companheiro na tertúlia do Café Montanha, sustentam que «foi a única inimizade que Fernando Pessoa manteve até à morte». Ao contrário, Fernanda de Castro, a viúva do propagandista de Salazar e do Estado Novo, assegura que não: «É verdade que o Fernando, que visitava muito o António enquanto o meu marido foi solteiro e viveu na casa dos pais, nunca veio a nossa casa depois de termos casado. Mas que foram amigos até ao fim, disso não tenho a menor dúvida!»

Muitos outros aspectos da sua vida e obra são também polémicos. «Há muitas ideias feitas à sua volta que não correspondem à verdade, e insinuam-se coisas, como um pretense homossexualismo, que não passam de calúnias», sustenta Peixoto de Bourbon, que conviveu com o poeta assiduamente ao longo dos seus últimos cinco anos de vida. «No que respeita à sua maneira de ser e de estar na vida, o Fernando Pessoa era a antítese de tudo o que se tem dito dele — afirma o velho companheiro do Montanha. Um aristocrata no verdadeiro sentido da palavra, um puritano, um estóico e um espartano.»

E não é, apenas, a «personalidade plural» do poeta que pode explicar tudo isso. Com frequência, quem o conheceu de perto acusa estudiosos e biógrafos de terem contribuído para tanto equívoco. «Realmente, também achamos que é um pouco assim. O próprio João Gaspar Simões, autor da mais completa biografia sobre o tio Fernando, romanceou o trabalho, distorcendo factos, aqui e ali, só para poder provar as ideias preconcebidas que já devia ter à partida», afirma Maria Manuela Nogueira, filha da irmã Henriqueta Madalena e sobrinha-neta do artista. Os primos Freitas da Costa são da mesma opinião. «O meu irmão, Eduardo Freitas da Costa,

(Continua na pág. 52-R)



António Pedro Ferreira



**F**rancisco Peixoto de Bourbon, que foi o mais jovem companheiro de Pessoa na Tertúlia do Café Montanha, na Casa do Melhorado, em Celorico de Basto: «Ele era a antítese de tudo o que se tem escrito sobre ele». Calvet de Magalhães, em baixo: um «bafo de aguardente» e um «olhar de lado» que o explicando não esqueceu

# Vários aspectos por esclarecer

(Continuação da pág. 51-R)

que foi jornalista e era quem mais se interessava por estas coisas, na família, chegou mesmo a escrever um livro, Notas a uma Biografia Romanceada, respondendo a verdade de muitos factos», lembra, por seu turno, Helena de Freitas.

## Infâmias e disparates

«Mesmo o senhor Costa Brochado escreveu nas suas memórias uma série de infâmias. Não me admira. O Fernando Pessoa estava ligado com ele por causa da fotografia que o Brochado conseguiu tirar ao seu lado no Martinho da Arcada», acusa Peixoto de Bourbon.

Costa Brochado, outro jornalista que conheceu de perto Fernando Pessoa, defende-se: «Falei com ele muita vez, horas seguidas, no Martinho, com vista a publicar um conjunto de artigos no jornal 'A Verdade', que o António Ferro me convidara a dirigir. Um dia, não percebi bem porquê, mostrei-lhe os originais e ele, de repente, mudou de opinião e não deixou publicar nada daquilo», conta ele, no seu poiso habitual na Livraria Sá da Costa.

«O Pessoa tinha-me sido apresentado pelo António Ferreira Gomes, outro jornalista, que era muito seu amigo. Depois desse episódio, vi o Ferreira Gomes e disse-lhe: 'Finalmente, o teu amigo Pessoa não sabe o que quer!' Sabe o que é que ele me respondeu? 'Ó homem, mas essa é a especialidade dele...»

Brochado é um dos mais acérrimos críticos de Fernando Pessoa. No seu entender, o poeta «não passou de um génio inútil», que não trouxe a Portugal «nada de novo, antes se limitou a repetir o que os filósofos alemães do iluminismo, o Nietzsche sobretudo, já tinham dito ao mundo». Para ele, «o culto pessoano a que hoje se assiste não passa de uma vergonha nacional, até porque revela a incultura de quantos se abismam com a sua obra!» A culpa de tudo isto, diz ainda Costa Brochado, «é da ignorância, um grande mal que ainda há-de matar este país...»

Na casa solarenga do Melhorado, nos arredores de Celorico de Basto, onde vive, Francisco Peixoto de Bourbon clama contra «infâmias e disparates desta natureza».

## O interesse por Franco

O seu depoimento sobre os cinco anos de convivência com Fernando Pessoa é

dos mais ricos que nos foi possível registar, e as suas memórias são, de resto, frequentemente consultadas por estudiosos da obra pessoana. Para ele, Pessoa não era apenas «um escritor genial, mas um indivíduo ávido do saber, senhor de uma cultura e inteligência invulgares». Em sua opinião, «mais importante que a poética é a obra filosófica de Pessoa. Ouvilhe isso muitas vezes, eu e outros, e ele próprio achava que, uma vez ela publicada, Portugal passaria a ocupar o lugar a que tinha

juz!»

De acordo com o seu relato, «muitos aspectos da vida de Pessoa estão ainda por esclarecer devidamente»: o seu empenhamento político, por exemplo, e o atentado a que teria escapado por um triz, uma noite, no restaurante Irmãos Unidos que frequentava com assiduidade; as suas preocupações «ecológicas»; o seu «lúcido anti-americanismo», entre muitos outros. Um destes «aspectos por esclarecer» merece ainda hoje particular atenção a peixoto de Bour-

bon. Trata-se do parentesco que o poeta descobrira existir entre si e Francisco Franco, de Espanha, pelo lado Araújo.

«Pessoa sempre se interessou vivamente por questões relacionadas com a vida militar, tanto de Portugal como de Espanha. Em determinado momento, creio que em início de 1933, vi-o em grande agitação a propósito da chegada a Portugal de um grupo de foragidos políticos espanhóis, prisioneiros da República que se haviam escapado de um forte em Vila

Cisneros, no Sahara espanhol. Não descansou enquanto não lhes foi apresentado, o que acabou por ser fácil já que o cunhado, Caetano Dias, era capitão do exército.»

Segundo Peixoto de Bourbon, Pessoa começou a interessar-se por Franco quando este é promovido a general, com apenas 33 anos. «Acho um extraordinário simbolismo que a sua promoção tivesse ocorrido com a idade com que Cristo foi crucificado e, ao estudar a sua figura, não só lhe previu um futuro brilhante com decisiva influência mundial, como concluiu que era, afinal, um seu parente próximo. Amigos comuns se encarregaram de demonstrar, ge-

neologicamente, essa ligação mas, infelizmente, toda essa documentação está ainda por vir a público.»

## Mais dez anos de vida

Se a vida do poeta se tem prestado a tantas posições dispares e, nalguns casos, contraditórias, é curioso que os depoimentos ainda possíveis de recolher apontem, igualmente, para «zonas menos esclarecidas» no que respeita à sua própria morte. Foi vítima de cirrose hepática, como consta da certidão de óbito? Faleceu realmente no Hospital de S. Luiz dos Franceses? «Não é verdade! — afirma Calvet de Magalhães. Adoeceu com uma crise, foi ao hospital, onde chegou a estar internado, mas depois, pelo seu próprio pé, foi para casa do meu primo Vitoriano Braga, onde veio, aí sim, realmente a falecer.»

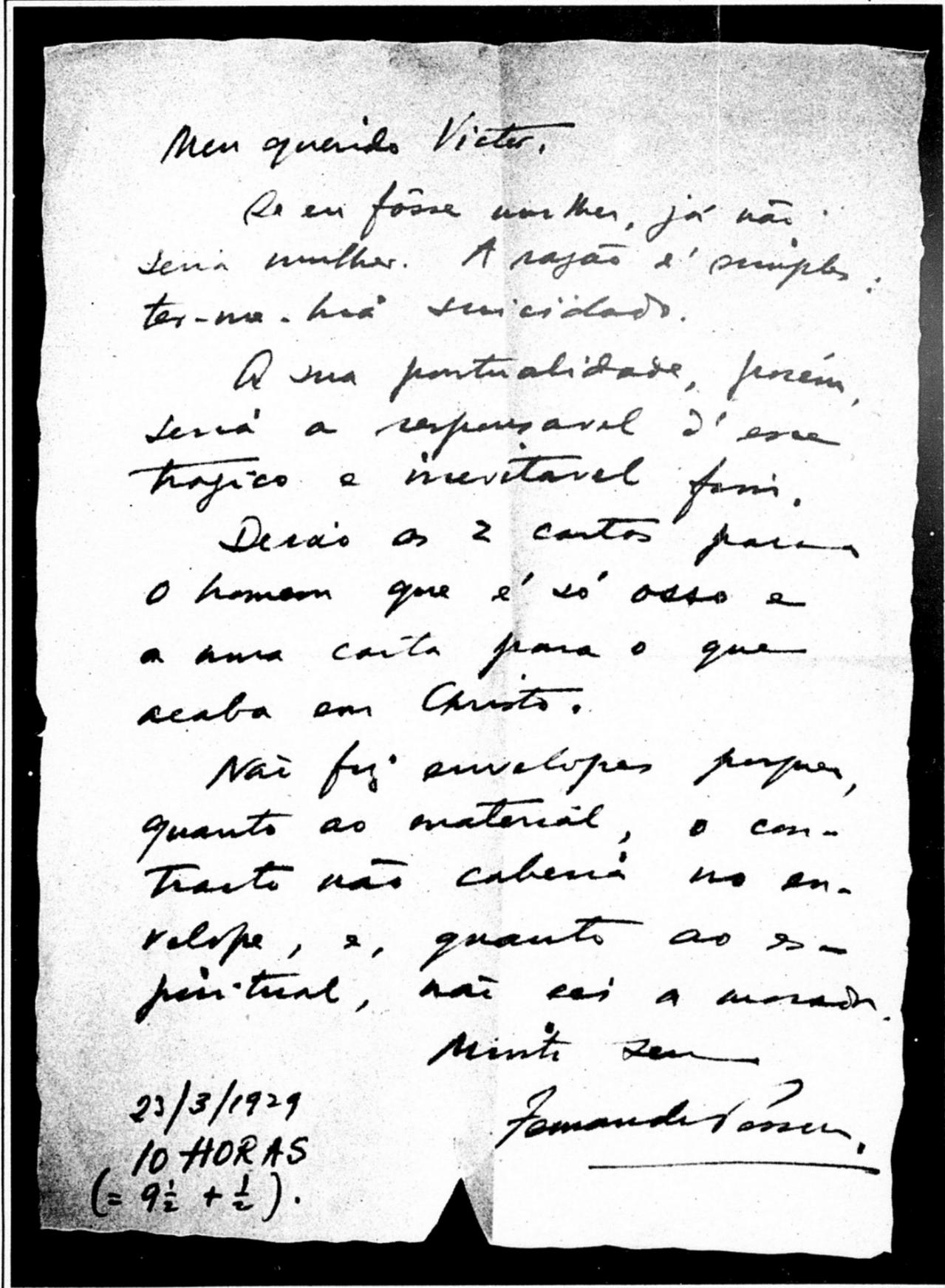
As dúvidas não se ficam por aqui. São do domínio público rumores segundo os quais, aquando da transladação para os Jerónimos, em 1985, o seu corpo estaria «incorruto». «A ser verdade, e segundo me disse um ilustre clínico, essa circunstância destrói a hipótese de que teria morrido de uma cirrose hepática», segundo Peixoto de Bourbon.

De acordo com este seu amigo, o poeta teria «a noção de que a morte o andava a rondar». Conta Peixoto de Bourbon que «por essa altura estava ele cheio de projectos como nunca e pedia a Deus que lhe desse mais dez anos de vida para poder completar o muito trabalho de lima e de torno, como dizia, que a sua obra requeria.»

Que Fernando Pessoa pensava na sua própria morte provam-no os inúmeros horóscopos que elaborou sobre si mesmo. Num deles, curiosamente, chega a prever a data para Maio de 1935. «Esta diferença de seis meses entre a previsão e a sua morte de facto pode ser o resultado de uma diferença de dois minutos apenas na hora exacta do seu nascimento», explicou ao EXPRESSO Paulo Cardoso, um especialista em astrologia que estuda, há seis anos, os cerca de 2700 documentos encontrados no baú e que constituem o «espólio astrológico» do poeta, a editar brevemente.

E no horóscopo em causa, foi o próprio Fernando Pessoa que concluiu que seria vítima de «doença rápida e violenta, relacionada com os rins» mas que a sua morte ocorreria «não num hospital»...

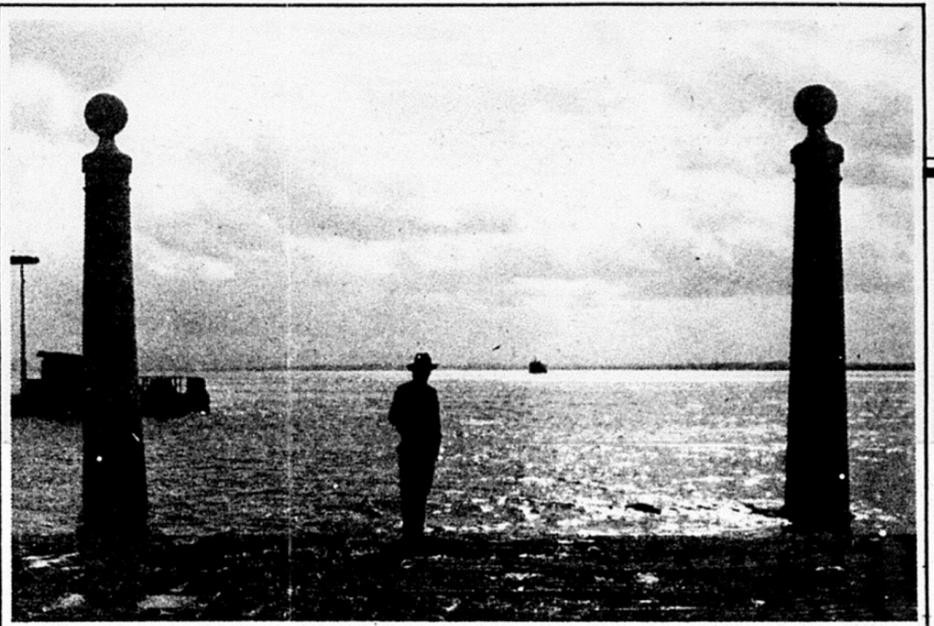
Carta inédita de Fernando Pessoa a um amigo (Vitor Lopes): frases enigmáticas como tantos outros aspectos da sua vida





*O que leva uma pessoa a querer ser Pessoa? O que há de fascinante nesta figura*

*austera e apagada contradizendo a ânsia de uma obra feita de provocação? Dividido entre a entrega dedicada ao estudo e a caricata banalização do fetiche, Pessoa vive na morte o seu maior desafio visões*



Entre o estudo da obra e a banalização comercial alguém vai escolher por Pessoa?

ENTRE os esotéricos praticantes que denunciam todos os estudos já publicados sobre Fernando Pessoa como «meramente parcelares» e empresas privadas que fazem da imagem do poeta um utensílio publicitário para lançar café de máquina, entre a roupa escura e os redondos óculos «à Pessoa» e as «performances» em que alguém se mascara de Fernando e sai à rua, o autor de Mensagem vive na passagem deste centenário a sua mais renhida disputa: que entre o aprofundamento do estudo da obra e a caricata banalização comercial não seja encontrado o ponto de equilíbrio.

Mas o que há de invejável em Pessoa? O que leva uma pessoa a querer ser Pessoa? Para Yvette Centeno, uma das mais prolíferas estudiosas da obra do poeta, a verdadeira questão consiste em deslindar não o que é invejável mas o que é fascinante nele: «Podemos sentir-nos fascinados pela obra do autor ou pela sua vida sem necessariamente a invejar. Pode parecer arrogante, mas não sinto necessidade de ser Fernando Pessoa. Não sinto inveja do que ele foi mas sinto-me fascinada e tenho uma admiração infinita pela sua obra».

É a aparente contradição entre uma vida austera, de grande simplicidade, modéstia e apagamento e uma ânsia de uma obra que é toda feita de provocação que, segundo Centeno, assinala o pomo da curiosidade dos seus leitores por Fernando Pessoa enquanto personagem: «A juventude de hoje sente-se atraída por Pessoa mas não é pela personagem, não é pelo poeta enquanto homem (que foi apagado, discreto e modesto no seu quotidiano, na sua simplicidade de vida) mas será certamente pela riqueza genial da sua obra. Esse fascínio vem do facto de ela ter sido de uma modernidade tal, no momento em que surgiu como ainda hoje, que sempre que precisamos de a reler, ou sempre que precisamos de a relembrar, descobrimos aí uma constante fonte de inspiração que não se desactualiza, e essa é a marca dos grandes génios. Só os grandes génios é que não se desactualizam».

É sabido, porém, que o próprio Fernando Pessoa «embarcou» em modas, como as explosões futuristas e vanguardista. Para Yvette Centeno esses casos não são sintomáticos: «Ele diz claramente, a certa altura, que cortou com os exercícios dos 'ismos', ou

seja, que se afastou dos movimentos que teorizam à partida, para se entregar à expressão daquilo que é vivência profunda. Talvez por isso Pessoa não é datável e será sempre o poeta de cada geração que o for ler».

Mas, à excepção de Miguel Yeco que institucionalizou a figura de Fernando Pessoa como manifestação artística em si mesma, existem admiradores incondicionais querendo ser, em tudo, como o Supra Camões? Pedro Teixeira da Mota, esoterista estudioso da obra ocultista pessoana, admite que sim: «O Pessoa como moda é uma característica deste tipo de sociedade e deste tipo de informação. Não acho mal que tais casos ocorram se ao mesmo tempo forem veiculados os aspectos mais profundos que existem nele, bem como uma consciência crítica do que é positivo e negativo». Quanto a Centeno, assu-

mir uma sociedade que alimenta as suas «estrelas» é constatar o facto irreversível: «Fala-se hoje de usar óculos 'à Pessoa', mas também há cintos 'à Elvis'. Quando alguém de repente cai na moda, e os 'media' tomam conta desse alguém, a dita figura automaticamente se banaliza e comercializa. É óbvio que agora, por altura do centenário, se alguém resolver produzir 't-shirts' ou camisas com a figura do Pessoa elas se venderão às centenas, mas se as fizerem com o carimbo do Eusébio vendem-se na mesma. Isso passa por outro aspecto que é o da comercialização de um autor de quem se celebra o centenário do nascimento. São fenómenos que têm a ver com o típico da vida moderna, que é o de facilmente banalizar e comercializar as suas estrelas. Mas isso não tem nada a ver com a profundidade ou a genialidade da obra. Acontecerá com um

futebolista, acontecerá com um jogador de golfe, acontecerá com o Julio Iglesias e acontece com o Pessoa. Não é coisa que tire ou ponha nada ao valor da obra ou da personagem em si mesma».

### O reino do fetichismo

No caso de Pessoa há quem veja neste assalto do «marketing» e da sua promoção o perigo de uma situação até há pouco impensável: a de que o fetichismo da moda possa desvirtuar o valor intrínseco da obra. Para Yvette Centeno, esse perigo é inexistente pela simples razão de que Pessoa estará inequivocamente morto: «Neste momento, Pessoa está entre parentesis em relação a estes fenómenos de comercialização. No fundo, talvez possa fazer perigar uma certa seriedade com que devemos encarar o estudo de uma obra literária deste valor

ou fazer correr o risco de qualquer um poder dizer qualquer coisa sobre seja o que for e isso, do meu ponto de vista de universitária, é um risco. Mas não será interessante nem útil porque não se prende com a verdadeira curiosidade para com a obra mas antes para com os fenómenos próprios do 'marketing' e da publicidade».

Pessoa, de facto, parece ser uma das mais recentes aquisições do universo publicitário: «Mas é próprio da nossa época, refere Yvette Centeno. O marketing e a publicidade estão ligados a tudo. Por exemplo, a Câmara Municipal de Lisboa tem vindo a dar, e pelos vistos continuará a dar, uma grande promoção à volta da vida e da obra de Pessoa, não porque de repente a nossa Câmara se tenha tornado mais culta mas porque isto propicia a própria imagem da edilidade. O que acontece nos centenários e nos cin-

quentenários é que, através dos 'media', se autopromovem entidades outras e fenómenos outros que nada têm a ver com o estudo apaixonado e sério que algum autor nos mereça. Mas como o Pessoa já não sofre com isso não tem mal nenhum que aconteça. Pode até fazer com que mais livros do Pessoa se vendam e até propiciar um ou outro acontecimento de nível artístico interessante, mas eu diferencio o tal nível artístico da banalização do fetiche. É o mesmo que fazer a comemoração dos Descobrimentos e colocar uma pequena caravela em cada embalagem de detergente, que é o lado banal das celebrações».

Mas, com a irreversibilidade do processo iniciada com as comemorações do centenário da morte do poeta, em 1985, outras vozes se levantam reivindicando incongruências na pesquisa e no

(Continua na pág. 54-R)



Yvette Centeno: «Não sinto necessidade de ser Pessoa». Miguel Yeco: institucionalizar a figura do poeta como manifestação artística em si mesma

Fotos: António Pedro Ferreira

# O temor da morte e o amor da vida

(Continuação da pág. 53-R)

efeito da obra de Pessoa por parte dos estudiosos «oficiais». Um dos aspectos mais controversos da obra do poeta é o ocultista. Para o tentar desvendar está prevista para a próxima semana a publicação de uma colectânea de textos esotéricos de Fernando Pessoa, na sua esmagadora maioria inéditos, e da responsabilidade de Pedro Teixeira da Mota. Para ele, a influência de Pessoa nos seus leitores, quer enquanto figura quer enquanto obra, não é ainda clara «porque até agora os tratamentos foram muito parcelares. Para conhecer a fundo a obra de Pessoa seria necessário que essa equipa de estudiosos possuísse profundos conhecimentos teóricos e práticos do esoterismo».

Mas que caminhos tomou aquele que escreveu: «Eu não evoluo, viajo», até chegar a vencer o «temor da morte e o amor da vida»? Teixeira da Mota tenta deslindar o trajecto ocultista do poeta de Mensagem.

## A inclinação para a verdade

«Ele começou, diz-nos Teixeira da Mota, por uma curiosidade muito precoce e aos dez anos já se interessava pelo estranho e pelo misterioso, como o demonstram poesias dessa altura. O aspecto religioso também o motivava e pude consultar a sua biblioteca onde encontrei livros de novecen-

tas e mais páginas anotados em nome de Alexander Search, incidindo sobre aspectos do cristianismo e do protestantismo. É possível compreender pelos papéis que deixou que resolveu adquirir um conhecimento aprofundado de uma visão mais forte da religião e ler um ou dois livros sobre questões mágicas, por exemplo, os rosacruzes e o Egipto».

Com o regresso definitivo a Portugal o jovem Pessoa é convidado para traduzir diversos livros teosóficos e, ao entrar em contacto com uma sistematização mais completa do ocultismo, surge o embate: «Esse encontro marca-o porque, com a sua inteligência, ele já estava na pista de um paganismo transcendental.

Depois ocorre uma grande luta entre as conclusões a que ele tinha chegado através desse paganismo e os aspectos esotéricos e iniciáticos que a teosofia veiculou. A sua primeira reacção foi rejeitar a teosofia, mas era de tal modo forte nele a inclinação pa-

ra a verdade que Pessoa foi continuando a investigar, enveredando então pelas linhas rosacruz, templária e gnóstica. Nessa altura as posições pagãs vão diminuindo: Alberto Caeiro morre rapidamente, Reis diminui o seu ritmo de escrita e, no fundo, quem sobrevive é o esotérico ele próprio (que está sempre a escrever e nos últimos meses de vida ainda encomenda livros esoteristas) e Álvaro de Campos».

Esse combate entre o esoterista e o poeta é, segundo a visão de Teixeira da Mota, uma das causas da «morte» de Fernando Pessoa: «Sim, de facto a inexistência desse equilíbrio de forças é a causa de uma certa morte, do álcool, impedindo que ele atingisse uma felicidade e uma iluminação que quem quer que entre no esoterismo com uma certa força pode aspirar a obter. Creio que a posição de Pessoa é a de quem vai procurar investigar com a sua inteligência os aspectos do ocultismo, tomando-o como uma doutrina que tem uma série de



Os primeiros anos em Lisboa: «Ele já estava na pista de um paganismo transcendental»

princípios que depois são hipóteses de trabalho, intelectuais e intuitivas. Ele, intelectualmente, apercebeu-se que muitas daquelas coisas funcionavam. O Pessoa não duvida que existe a reencarnação, a vida depois da morte...

agora o que ele não possuía era a visão clara disso. Um dos valores do esoterismo nele acaba por ser a procura de uma teorização de uma forma de desenvolver a intuição».

Existem provas de que Fernando Pessoa não

constava morrer tão cedo. Em alguns textos astrológicos, o poeta «faz contas» em relação à vida futura para anos muito posteriores a 1935. «Falei com a irmã dele, refere Teixeira da Mota, e ela disse-me que o Pessoa tinha um certo medo da morte o que, esotericamente, não faz muito sentido. Suponho que era um medo mais visceral e físico, até porque em 1933 ele escreve que uma das condições para se atingir o grau de mestre da Ordem Templária de Portugal é vencer o 'temor da morte e o amor da vida'. Nesse ano ele diz tê-los vencido...»

O novo clima que o aparecimento de revoluções quanto ao universo esotérico de Pessoa podem propiciar não faz esquecer um outro ambiente, muito mais forte, que é o da aceitação mundial do poeta, transformando as comemorações do centenário num acontecimento de imenso eco internacional. Com manifestações condignas, ou demonstrações de caricato fetiche, passaremos por elas o melhor que pudermos desde que o importante seja, como o acentuou Yvette Centeno, que se propicie o conhecimento da obra «porque o Fernando Pessoa merece».

«Desenhos (Dois)», de Mário Botas. A visão de Bernardo Marques: «Ele tinha medo da morte»





## espólio

*Agora que os 27 543 originais de Pessoa já não estão no lugar original e fazem parte da área de espólios da Biblioteca Nacional, a «arca» é já só a metáfora onde toda a mitologia pessoana se reconhece: uma herança inesgotável que preenche cabalmente todo o tipo de representações*

# Os tesouros da arca inesgotável

António Guerreiro

**N**O PRINCÍPIO, a «arca» era ainda uma metonímia: assim se designava o enorme conjunto de originais de Pessoa pelo continente que os incluía. Na verdade, o nomadismo domiciliário do poeta tinha-o obrigado a servir-se de uma arca para transportar a multidão de manuscritos e papéis vários que tinha juntado laboriosamente ao longo da vida. Um tal zelo na acumulação e acondicionamento dos materiais inéditos não é de estranhar em quem tinha feito deles a motivação única da sua vida. Foi precisamente essa arca (ou melhor, essas arcas, já que existe uma outra mais pequena), juntamente com a biblioteca e os objectos pessoais, que, pela sua morte, ficaram em casa de sua irmã, D. Henriqueta, na Av. da República.

Os primeiros «salteadores» conhecidos desta arca foram Gaspar Simões e Luís de Montalvor que começaram a publicar em 1942 aquilo que do longo acervo de inéditos eles consideraram ser a obra acabada: a poesia de F.P. órtónimo e a dos seus três heterónimos, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. Gaspar Simões, como se sabe, mostrou sempre muita relutância quanto à revelação da obra inacabada de F. Pessoa e daquilo que ele considerava ser de menor qualidade.

Agora, que os 27 543 originais (incluindo autógrafos, dactiloscritos, autógrafos de terceiros, fragmentos impressos, folhetos e outras publicações, recortes de Imprensa, etc.) já não estão no seu lugar original e fazem parte da Área de Espólios da Biblioteca Nacional, a «arca» é já só uma metáfora, mas aquela onde toda a mitologia pessoana mais profundamente se reconhece: um espólio que nunca mais se esgota, e de onde continuam a sair insuspeitadas criaturas com nomes próprios bastante verosímeis («uma arca cheia de gente», como diz Antonio Tabucchi) vem preencher cabalmente um certo tipo de representações que projectámos irreversivelmente sobre o poeta e que determina a imagem que dele hoje circula por toda a parte.

### Um risco para papéis frágeis

António Brás de Oliveira, responsável pelo Arquivo de Literatura Portuguesa da Biblioteca Nacional, e que por isso,

tem a seu cargo, entre muitos outros, o espólio pessoano, traça-lhe a sua breve história: em 1969, por intervenção governamental, é designado um grupo de trabalho presidido por Jacinto do Prado Coelho, que faz a inventariação do espólio, ainda em casa de D. Henriqueta; em 1975, quando se dá por concluído este primeiro trabalho de inventariação, a grande parte do espólio entra em depósito na Biblioteca Nacional, acabando por ser adquirido em 1980 e incorporado no património desta Biblioteca.

Convém recordar que a generosidade da família de Pessoa e a disponibilidade de que sempre deram provas no que diz respeito ao acesso aos originais ameaçavam tornar-se um risco para a integridade dos frágeis papéis, ou mesmo para a sua permanência no lugar legítimo. Mesmo assim, não se conseguiu impedir que desaparecessem alguns materiais (em número, aliás, pouco significativo). Maria Aliete Galhoz, uma das mais profundas conhecedoras da «arca» do poeta, quando fez em 1960 a edição da obra de

Pessoa para a editora brasileira Aguilar já não encontrou a matriz da edição da Ática, feita por G. Simões e Luís de Montalvor. Yvette Centeno conta que, quando começou a trabalhar no espólio, a casa de D. Henriqueta estava sempre povoada de pessoanos que começavam a atropelar-se, sem condições mínimas de trabalho e, sobretudo, devassando toda a privacidade daquela casa particular. Por tudo isto, algumas pessoas começaram a movimentar-se para que o espólio fosse adquirido pelo Estado e devidamente

conservado e catalogado. Segundo Arnaldo Saraiva, foi o Centro de Estudos Pessoaanos, fundado em 1976 no Porto, de que ele hoje é director, que exerceu decisiva pressão para que tal acontecesse. A proposta deste Centro para que o espólio fosse depositado no Museu Nacional de Literatura (situado no Porto) acabaria por tornar-se um episódio polémico que desencadeou um abaixo-assinado, enviado ao secretário de Estado da Cultura, de alguns intelectuais e estudiosos da obra do poeta, contra o

«desvio» do espólio pessoano da sua cidade legítima: Lisboa. E assim o espólio acabaria por ficar em Lisboa, na Biblioteca Nacional, onde qualquer leitor pode hoje consultá-lo nas 117 bobinas (cerca de 45 mil imagens) de microfilme que dele entretanto foram feitas, e que lhe asseguram uma longa posteridade, mais não seja sob a forma de simulacro. Quanto aos manuscritos, esses foram ordenados e introduzidos individualmente dentro de uma capa de papel almaço, para além de devidamente catalogados.

Ivo de Castro, que dirige o grupo a quem foi confiada a missão da edição crítica da obra de Pessoa, sublinha no entanto que o microfilme não substitui, em muitos casos onde a decifração é particularmente difícil, os originais, que são de uma grande fragilidade, já que o poeta se servia de toda a espécie de suportes para escrever e fazia-o muitas vezes a lápis. O trabalho directo sobre os originais, como aquele que é exigido por uma edição crítica, torna-se assim uma corrida contra o tempo.

Desta arca continuam a sair insuspeitadas criaturas com nomes bastante verosímeis



### A imagem para o futuro

O que o conjunto heteróclito de materiais encontrados na arca revela, é que F. Pessoa não só projectou a sua obra a pensar na posteridade, mas sobretudo construiu calculadamente, nos mais ínfimos pormenores, a imagem em que gostaria de se ver representado no futuro. E, nesse aspecto, não restam dúvidas de que ele foi um mestre da simulação. Teresa Sobral Cunha, uma das responsáveis pela edição do *Livro do Desassossego* e que faz neste momento o levantamento de todos os planos e projectos editoriais, feitos por Pessoa, para a publicação da sua obra, diz que este mestre do fingimento chegava a alterar as datas dos poemas (como acontece frequentemente na *Mensagem*, mas aqui para criar um certo jogo de coincidências astrológicas) e a cometer outro tipo de «fraudes» (como aquela, já largamente desmentida pela data dos originais encontrados no espólio, de que teria escrito os 34 poemas de *O guardador de rebanhos* de um só jacto, conforme o relato que ele próprio faz do acontecimento na famosa carta sobre os heterónimos, enviada a Casais Monteiro),

(Continua na pág. 56-R)

UM CERTO totalitarismo do fenómeno Pessoa não encoraja muito as declarações de menor apreço pela obra do poeta, e quando surgem são quase sempre vistas como um signo de distinção, uma maneira de escapar ao gregarismo da massa.

Em 1985, ano do cinquentenário da morte do poeta, surgiu um pequeno panfleto publicado em jornais e assinado pelos Quatro Elementos Editores, onde se lia: «Tanto Pessoa já enjoa.» O que se punha aí em causa não era o valor intrínseco da obra de F. Pessoa, mas toda a parafernália comemorati-

## Menos- -pessoanos, apessoanos e anti- -pessoanos

va, com os seus cortejos oficiais e as necrófilas trasladações «ad majorem Patriae gloriam». As entidades oficiais procuraram sempre redimir a sua

má-consciência através de gestos enfáticos e alaridos discursivos. Houve uma certa altura em que, na Assembleia da República, era muito provável que

um discurso de exaltação patriótico-linguística acabasse com a célebre frase do semi-heterónimo Bernardo Soares: «A minha pátria é a língua portuguesa», sem que a repetição desta fórmula ganhasse alguma vez a ironia com que Andy Warhol reproduzia as latas de sopa Campbell. Mais discreto e enigmático, Ramalho Eanes terminou uma vez o seu discurso ao país com uma exortação retirada da Mensagem: «É a hora!»

Fatalmente, tudo isto cria suspeitas e resistências — mesmo nos intelectuais menos puritanos — que só indirectamente atingem o

poeta.

Mário Cesariny, com a sua peculiar irreverência, preocupa-se com o facto de «só existir o Fernando Pessoa num país que tem uma tradição literária que remonta ao séc. XII». E acrescenta que «ainda o ano passado o mais pesado silêncio pairou sobre o centenário do nascimento de um outro poeta do Orfeu, injustamente esquecido: Raúl Leal».

Esta preocupação pelo facto de a estrela pessoana encobrir o brilho dos outros astros da constelação é quase comum a todos os poetas que responderam a um inquérito que a revista «Colóquio-Letras» fez, sobre a importância de F. Pessoa na poesia portuguesa deste século. De qualquer modo, esta posição não se confunde com nenhuma espécie de antipessoanismo. Antipessoanismo que existe, na sua forma mais dura, em Maria Teresa Horta, que confessa abertamente «detestar F. Pessoa e sentir mesmo um grande desagrado na lei-

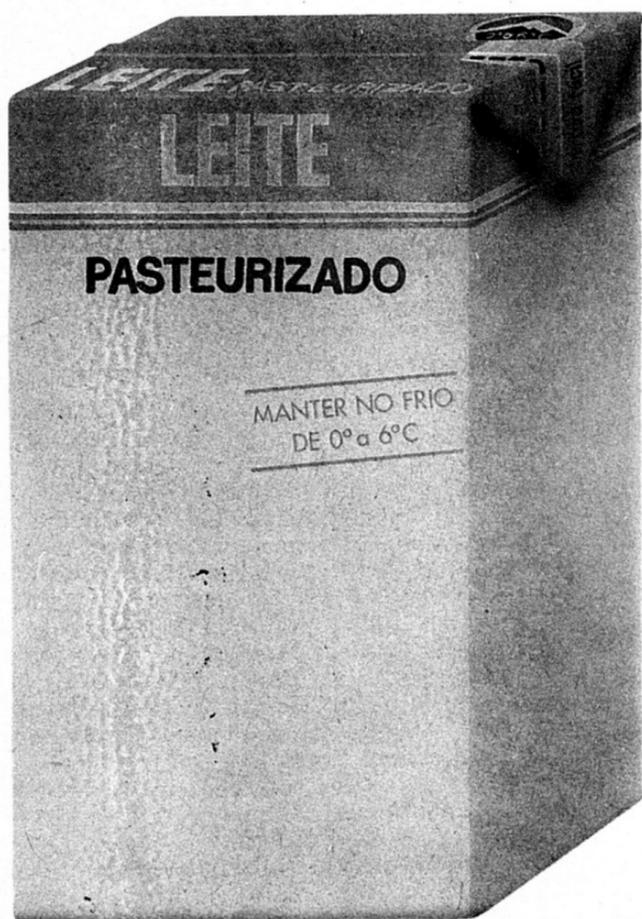
tura da sua poesia, que é chata e desagradável». As razões invocadas são a consabida «misoginia de Pessoa, o facto de a mulher estar arredada quer da sua vida, quer da sua escrita». «Bêbedo manga de alpaca» e «eunuco» são algumas das características menos generosas que M. Teresa Horta atribui ao poeta.

Entendida embora de outra maneira, a questão da a-sexualidade e recalçamento do corpo parecem constituir as razões fundamentais do «a-pessoanismo» (e já não antipessoanismo) de Mário Cláudio, posição neutra que conflui no «apocalipse de 'aa' com que ele se nos dirige: amoral e ascético e acríptico e assexual». E Mário Cláudio acrescenta:

«Poeta sem corpo que é, não me oferece ele obra maior do que a decantada heteronímia. Fernando é a negação de si mesmo e de nós todos, em vozes que não lhe pertencem, nem nos pertencem, nem a elas próprias, uma só vez, alcançam pertencer-se. Num

# OLHA P'RA COR!

## É VERMELHA. É NO FRIO.



## É O SEU LEITE DO DIA

**Tetra Brik**  
A EMBALAGEM  
SEM AR

(Continuação da pág. 55-R)

só para construir uma imagem e impor todas as regras do jogo que ele sabia vir um dia a desenrolar-se entre a sua obra e os críticos e biógrafos.

Segundo a descrição de Maria Aliete Galhoz, F. Pessoa deixou tudo em maços atados ou em sacos de papel, muitas vezes com indicações em inglês, do tipo: «old tings», «very old things», «bad, but not so bad», o que constituía já um certo princípio de ordenação. Retrato do gato, notas da mulher-a-dias, o convite para o casamento de Casais Monteiro, bilhetes da sobrinha ou de alguém a pedir-lhe alguma coisa, os mais insignificantes vestígios do quotidiano eram guardados, como se de peças importantes se tratasse, esperando pacientemente o dia em que cada um desses banais documentos se tornariam cobichados fetiches, para deleite do olhar lúbrico dos investigadores, e com direito a ficha na Biblioteca Nacional.

Acéder à «arca» é entrar no laboratório do poeta. Há quem defenda mesmo que o interesse em revelar os inéditos reside exclusivamente nisso, porque já nenhuma obra acabada ou de relevo virá a ser extraída da «arca». O Instituto de Estudos sobre o Modernismo, fundado por Teresa Rita Lopes e que aglomera cerca de duas dezenas de pessoas, alunos

## Espólio: decifrar é o problema maior

de mestrado e assistentes da Universidade Nova de Lisboa, tem uma opinião diferente: entende que, para além desse interesse mais reservado aos estudiosos, mas que de qualquer modo justifica a revelação pública de todos os inéditos, existe ainda nesse vasto material inédito obras de grande valor que virão ampliar um já longo sistema e, eventualmente, «transformar a visão crítica que se tem de F. Pessoa e revelar uma face oculta do poeta». Revelar todo o Pessoa inédito é a tarefa que esta equipa se propôs, com a convicção de que um tal trabalho deve ser feito colectivamente, por um grupo suficientemente vasto de investigadores, para que a revelação de inéditos não se continue a fazer um pouco aleatoriamente, em função dos interesses de cada estudioso e segundo a área do espólio que cada um elege. O Instituto de Estudos sobre o Modernismo está,



Mário Cesariny, Vergílio Ferreira, Agustina Bessa-Luis, Eugénio de Andrade: em causa a importância de Pessoa

século que teve Pessanha e Sá-Carneiro, Nemésio e Sena, será quase um insulto aos deuses, parece-me, agradecer-lhes a dívida afinal menor.»

A desvalorização da heteronímia é também feita por Eugénio de Andrade que a considera, nesse inquérito publicado no n.º 88 de «Colóquio-Letras», «uma debilidade». No entanto, da obra de Pessoa, E. de Andrade apenas manifesta indiferença pela produção em prosa, «que não me parece

determinante em nenhum sentido».

Para Virgílio Ferreira, que no seu diário manifestou algumas vezes a sua antipatia por Pessoa, há uma questão que deve ser formulada para denunciar «a artificialidade e gratuidade do jogo heteronímico: quem é a pessoa no Pessoa que diz que o eu não existe?» No entanto, V. Ferreira confessa ter vindo progressivamente a abandonar as reservas e a aceitar este jogo como «legítima resposta à crise

do nosso tempo, tão legítima como a de Raúl Brandão que seguiu uma via diferente».

Vasco Graça Moura, que em tempos chegou a declarar numa entrevista ser indiferente à obra de Pessoa, confessa no inquérito já referido «não ser excessivamente pessoano». E prossegue: «O mais importante nos vários Pessoa é que todos eles formam um grande poeta apátrida e pensante, mesmo quando eu não

gosto dele, ou quando ele me irrita, o que é muito frequente.»

Mais difícil de reduzir a uma simples proposição é a posição de Agustina Bessa-Luis, que também não parece muito interessada em torná-la mais explícita. Nas várias preferências ao poeta disseminadas na sua obra, a heteronímia parece ser encarada como algo negativo, como a marca insosfismável de uma «insuficiência intelectual». Na biografia da Florbela Es-

panca, ao comentar a frase pessoana «sei que compreendo a natureza por fora e não a compreendo por dentro», Agustina afirma: «Esta tendência à distração, à superficialidade da adaptação, é própria duma marcada insuficiência intelectual. E, porque é infinitamente ampla a seara deste tipo humano, Fernando Pessoa encontra uma larga audiência para a sua expressão. Expressão de insuficiência não só intelectual, como moral e

afectiva» (p. 28). Em suma, Agustina julga Fernando Pessoa a partir de um modelo de racionalidade e de completude que é o do poeta da Idade Clássica.

Significativo é o facto de Pessoa não suscitar hoje críticas de carácter político e ideológico, que foram precisamente as que, há algumas décadas, mais se fizeram sentir. Aparentemente, todos já perdoaram «o poeta da hora absurda».

A.G.

por isso, a fazer um levantamento dos inéditos e a reconstituir os conjuntos, isto é, a traçar uma cartografia do território pessoano, para melhor se poder orientar. Arnaldo Saraiva defende que pelo menos os resultados da inventariação exaustiva do espólio devem ser divulgados para conhecimento de todos os investigadores.

### A obra sob um único nome

O que este trabalho permite constatar, segundo Teresa Rita Lopes, é que Pessoa procedia por aproximações temáticas. Várias zonas temáticas vão sendo abordadas progressivamente, de modo que existem muitas vezes várias versões de um mesmo texto, como se fossem ensaios para uma versão final. É este procedimento que leva Pessoa a escrever incessantemente.

Segundo Yvette Centeno (uma outra conhecedora do espólio que tem trabalhado sobretudo com os textos herméticos), todo o material ensaístico inédito é constituído por todo um conjunto de textos fragmentários, notas soltas contendo ideias em gestação (muitas vezes incoerentes e contraditórias entre si), apontamentos para serem retomados e desenvolvidos posteriormente. E há também uma grande quantidade de poemas ingleses que, de acordo com Yvette Cen-

teno, estão cheios de incorrecções gramaticais e têm um valor literário muito relativo. É pois uma visão do espólio inédito um pouco diferente da de Teresa Rita Lopes. Uma diferença que é acentuada pelo facto de esta tender a sublinhar a importância da heteronímia (e Teresa Rita Lopes continua a descobrir «personalidades literárias» — expressão com que designa alguns nomes próprios, um interminável desfile deles, que não chegam a constituir heterónimos propriamente ditos), ao passo que Yvette Centeno relativiza bastante a questão da desmultiplicação heteronímica, defendendo mesmo que Pessoa projectava (e há documentos que o comprovam, assinala esta estudiosa) publicar toda a obra sob o

seu nome. Ideia porventura difícil de ser concebida por quem descortina mesmo grandes diferenças caligráficas na escrita de cada um dos heterónimos.

### Ser ou não homossexual

De qualquer modo, estas diferentes visões não são de estranhar, quando é sabido que a «arca» é uma espécie de poço sem fundo de onde se vai retirando o que se quer, para provar as teses mais contraditórias. Afinal, a «arca», na sua obscena transparência (por tudo exhibir), é talvez a mais ardilosa estratégia que Pessoa perfidamente concebeu para se esconder. Por isso, quando em recentes declarações ao EXPRESSO Teresa Rita Lopes declara ter desco-

berto elementos no espólio que desmentem a suposta homossexualidade de Pessoa, ocorre perguntar por que razão, neste caso, os documentos que desmentem têm mais importância do que os que confirmam. Provavelmente, uns e outros têm apenas a importância que as declarações enfáticas dos investigadores lhes atribuem. Vir desmentir a homossexualidade de Pessoa acaba sempre por ganhar a saborosa tonalidade de uma freudiana denegação, e corre o risco de surgir como uma vontade de resgatar o poeta, «in extremis», do opróbrio público.

No trabalho com o espólio, o problema maior é talvez o da decifração. Pessoa escrevia sobre toda a espécie de suportes (alguns deles bastante frá-

geis, como, por exemplo, guardanapos de papel) e utilizando por vezes a mais desvairada caligrafia, acusando talvez a rapidez do raciocínio ou mesmo o excesso de álcool. Obviamente, não existe uma paleografia pessoana como saber que possa ser transmitido. Como sublinha Ivo de Castro, a desventura para ler os originais manuscritos depende exclusivamente de uma longa habituação e uma obstinada paciência, que acabam por tornar relativamente familiar a caligrafia pessoana, mesmo nos seus piores momentos. Há, evidentemente, problemas insolúveis, tanto mais que, como nos relata Maria Aliete Galhoz, Pessoa escrevia muitas vezes em linhas atravessadas numa página já escrita, resultando daí um quase indecifrável palimpsesto. Os erros acumulados na edição de Gaspar Simões não derivam tanto desse facto, mas muito mais, segundo Ivo de Castro, do impressionismo com que este fez as transcrições, permitindo-se emendar o poeta onde pensa que este está errado, ou decidindo-se por uma palavra riscada em vez daquela que a substituíra por entender ser essa a melhor solução.

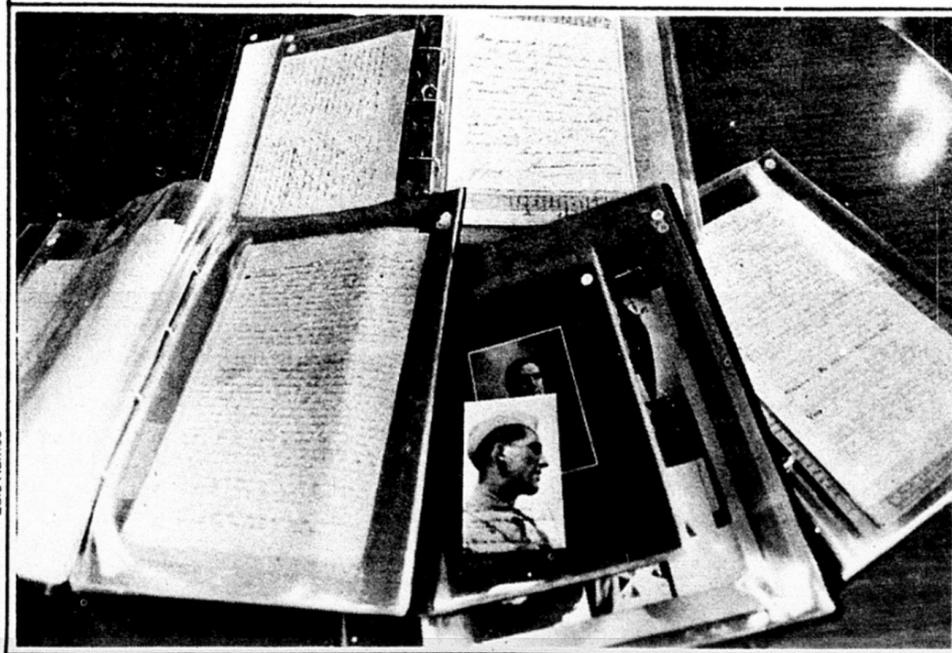
### A agilidade do decifrador

Decifrar os originais implica toda uma agili-

dade intuitiva que, a partir de um certo grau, se torna num saber que reconhece regularidades, identifica variantes e percebe ou prevê todos os avatares de uma forma caligráfica. Evidentemente, haverá sempre quem revele uma particular destreza para este trabalho que ficará sempre interdita a outros. Maria Aliete Galhoz, que é hoje uma das investigadoras que há mais tempo trabalha com o espólio pessoano (e com suficientes provas dadas), afirma que ninguém ainda revelou um dom tão apurado para decifrar os manuscritos do poeta como Teresa Sobral Cunha. É provável que alguém que tem consagrado muito do seu tempo (e esse é precisamente o caso de T. Sobral Cunha que trabalha exclusivamente no espólio) a ler originais de Pessoa, acabe por manter com os papéis e as formas caligráficas uma relação de entendimento que é quase uma sim-pathia.

De certo modo, perceber a caligrafia é também compreender os mecanismos mentais e de escrita de Fernando Pessoa, é aceder a um corpo ausente. Por isso, este trabalho acabará sempre por promover um certo fetichismo. Não era Barthes quem dizia que a caligrafia é o lugar de coincidência absoluta entre o corpo e a escrita?

### Inéditos «provam» as teses mais contraditórias



«**C**HEGUEI hoje, subitamente, a uma sensação absurda e justa. Reparei, num relâmpago íntimo, que não sou ninguém. Ninguém, absolutamente ninguém.» Obsessivamente, ao longo das páginas do Livro do Desassossego, é esta a fala de Bernardo Soares. Tudo o que lhe é exterior existe com plenitude. As coisas, as pessoas, o movimento, as cores, os odores, a luz. Mas a alma que tudo contempla e tudo absorve é apenas «um 'maelstrom' negro, enorme vertigem em torno do vazio».

Fernando Pessoa, que protegeu sempre este Bernardo Soares nunca oficializado em pública biografia, cedo inventou a effigie que fisicamente naturaliza a sombra concentrada que ele quis ser. Em 1914, ano que inclui aquele «dia triunfal» em que Alberto Caeiro se lhe impôs, Fernando Pessoa, então com 26 anos, ofereceu um retrato à «Tia Anica». Na dedicatória designa-o por «provisória representação visível de si próprio». Tendo em conta o cuidado com que o poeta fabricou a aventura da sua existência, esta afirmação deve ser entendida exactamente ao inverso: a imagem-representação que o retrato consubstanciava era um pleno e definitivo suporte que Fernando Pessoa explicitava sobre si próprio.

O corpo iludido pelo busto convencional, o rosto apagado em atributos britânicos de civilização: o chapéu, a gravata, os óculos, o pequeno bigode aparado. O poeta escolhera-se depois de algumas juvenis hesitações: colava-se ao retrato que o pintor Rodriguez Castañé dele realizara em 1912, e que é o resultado de uma pose estudada. No entanto, subtis transgressões separam o modelo pictórico da sua apropriação fotográfica, que recua o rosto para um espaço sem espessura, compo uma imagem despida de tensão.

Não conhecemos o espelho, possivelmente imaginário, em que Pessoa ensaiou com ironia (e nele a ironia é sempre o mesmo lado da dor) a figuração de si próprio. Um retrato seguinte, talvez de 1915 ou 1916, prolonga ainda este exercício de dramatização: o rosto descai para três quartos, o olhar desvia-se em ausência, o chapéu constitui-se como centro de equilíbrio da representação.

«**Ventas de contador de gás**»

Enquanto decorria a criação desta imagem fo-

*A imagem física e o trabalho literário de Pessoa têm sido um repetido desafio para a criação plástica, contrariando a rigidez e o carácter convencional das poses dos retratos, mas quase sempre servindo-se destes como imagem-mito a perpetuar. Como descobrir o outro lado da «realidade», superar pelo sonho a imperfeição das aparências?*

**retratos**

# O poeta ao espelho

Raquel Henriques da Silva/Maria Helena de Freitas



Retratos por Rodriguez Castañé (1912) e Alberto Cutileiro (1934): as memórias vivas

tográfica, a escrita de Fernando Pessoa revela quanto aquela era falsa e aparente. Entre as imagens, que a sua escrita sugere, e o ícone fotográfico que de si mesmo encenou, gera-se um equívoco, uma nítida deslocação de sentidos. Fernando Pessoa soube conciliar na sua personalidade uma enorme estranheza perante a existência de uma irremediável curiosidade por todos os modos de a sentir e experimentar, daí talvez a evidência de um conflito interior, que só pela escrita será resolvido. Melhor que ninguém, o poeta forneceu as possibilidades visuais de si mesmo: «Meu corpo é o centro de um volante estupendo e infinito / Em marcha sempre vertiginosamente em torno de si / Cruzando-se em todas as direcções com outros volantes / Que se entropenram e misturam (...).»

Sabemos no entanto como nele é mal assumido o confronto com a imagem mais inquietante do fenómeno de existir — o seu corpo, o invólucro desajustado em que (não)

se revê: «Aconselho V. Ex.ª a pegar na imagem mental que acaso tenha formado do indivíduo cuja citação está estragando este papel razoavelmente branco, e deitar essa imagem mental na pia, por ser materialmente impossível dar esse justo Destino à entidade fingidamente humana a quem ele competiria, se houvesse justiça no mundo (...).» Nas suas Cartas de Amor a Ofélia, são inúmeras e obsessivas as passagens a este propósito, culminando na interrogação básica que formula: «E porque é que a Ophelinha gosta de um meliante, de um javardo e de um indivíduo com ventas de contador de gás e expressão geral de não estar ali mas na pia da casa do lado...?»

Se alguma certeza é possível, é a de que Fernando Pessoa fica incomodado ao rever-se numa imagem de contorno naturalista. Os retratos executados ainda em vida do poeta, por Alberto Cutileiro, transportam, na memória viva do seu autor, um episódio sabo-

roso, que de algum modo vem confirmar esta altitude. Estimulado ao desdendo pela fixidez penetrante com que o modelo olhava em redor — curiosamente o mesmo fenómeno que justificou o interesse «literário» de Fernando Pessoa por Bernardo Soares: «Reparava extraordinariamente para as pessoas que estavam, não respeitadamente, mas com um interesse especial» — Alberto Cutileiro executa um conjunto de retratos ao vivo que, num traço fácil, lhe captaram o essencial da expressão. Mostrando-lhe o trabalho realizado, seguiu-se o comentário lacónico: «Os alentejanos julgam que são melhores que os outros, só porque o sol lhes prolonga a sombra na planície» (depoimento de Alberto Cutileiro). Aqui, ainda vivo, o poeta começou a assistir à história do seu desentendimento iconográfico que afinal perversamente encenou.

Fernando Pessoa, ansioso experimentador de sensações, não recusa o



«Porque eu não sou um sonhador, mas sou um sonhador exclusivamente. O hábito único de sonhar deu-me uma extraordinária nitidez de visão interior. Não só vejo com espantoso e às vezes perturbante relevo as figuras e os décors dos meus sonhos, mas com igual relevo vejo as minhas ideias abstractas, os meus sentimentos humanos — o que deles me resta — os meus secretos impulsos, as minhas atitudes físicas diante de mim próprio. Afirmo que as minhas próprias ideias abstractas eu as vejo em mim, eu com uma interior visão real as vejo num espaço interno, assim os seus meandros me são visíveis nos seus mínimos.»

Todo o trabalho literário de Fernando Pessoa se oferece assim com inúmeras possibilidades de dilação iconográfica, o que em absoluto contraria a rigidez e o carácter convencional da assumida pose dos seus retratos, em nada transgressora ou irreverente. Mas foi esse ícone exteriorizado de si mesmo que se instituiu como imagem-mito a perpetuar, criando um vazio suficientemente apelativo para incorporar a personalidade dos seus intérpretes.

**Almada: retrato mítico**

Almada foi o primeiro a colar-se ao venenoso espaço de disponibilidade que eram os retratos de Fernando Pessoa. O pintor agiu com agudo sentido de pesquisa — a mesa do Martinho com os seus apetrechos operativos a que se juntavam, em contraponto simbólico, a encenação dos volumes do «Orpheu» e os objectos mais íntimos do poeta: a folha de papel, a caneta quantas vezes substituída pelo cigarro. Fernando Pessoa no estreito fato completo com que percorria, suspenso, as ruas entre a Baixa e o Chiado. O rosto e as mãos conformes e irreais, esfinges desenhadas sobre a inexistência do mundo. Almada retomava a imagem-representação dos retratos, inundando-a numa intensa luz vermelha em que os «do Orpheu» utopicamente sonharam transfigurar a cidade.

Mas no ano de 1954 em que realizava este retrato, andava ele definitivamente enredado na trama dos Painéis de Nuno Gonçalves e nas reflexões que conduziram às quatro telas abstractas de 1957. São as sugestões visíveis dessa atenção que constituem o chão e o lugar do seu retrato, ou seja, a sua evidente razão de ser. Do

passado sobravam os sapatos do poeta, memória do arlequim provocante que Almada fora nos anos modernistas.

A inexistência de Fernando Pessoa, não porque estava finalmente morto mas porque assim se fabricara para os outros, era um espaço de onirismo que Almada recriou a partir da sua esfusante realidade. Que essa re-apresentação do ícone fosse publicamente consagrada como o retrato mítico e íntimo do poeta, corresponde e não à realidade: a total exterioridade com que Almada realiza Fernando Pessoa é um ritual de geometria sagrada, imagem plausível da teia do mundo e da história em que um e outro diversamente acreditaram. E onde o pintor se situa, através do recorte exacto do corpo do poeta. Nessa conformidade de contrários nenhum retrato poderia ocorrer mas apenas, e assim aconteceu, a celebração de uma mítica iconografia.

#### Costa Pinheiro: «paisagem de alma»

A tonalidade absoluta do retrato de Almada, em que o poeta era o corpo anulado de uma impossibilidade cultural, foi o ponto de partida dos retratos de Pessoa realizados por Costa Pinheiro.

O próprio pintor, que trabalhou no seu exílio alemão entre 1973 e 1980, foi anotando nos «CADERNOS DE ATELIER» as fases dos seus solitários encontros: «Penso nos heterónimos de Fernando Pessoa. A ilustração vulgar, utilizada, tem um valor iconológico na personalidade do poeta, fazendo dos símbolos valores pictóricos-literários. Mas é consciente em mim esta disparidade formal: é o poeta e não o eu-pintor que está em causa.»

Essa disparidade formal em que Costa Pinheiro se situa, pretendendo ser uma convivência com a representação literária do poeta, acabou por revelar-se o contorno estrito da sua atitude pictural. As sombras chinesas que recortam os ícones desdobrados de Fernando Pessoa são um suporte fantasmático da ausência, um soturno «diário de uma saudade portuguesa» (Fernando Pernes). Utilizando o motivo da célebre página do «Notícias Ilustrado» que, já em 1928, apresentava o poeta multiplicado em quatro fotografias iguais, Costa Pinheiro foi sobretudo inovador na sua concentrada

encenação: os óculos, a chávena de café, a caneta são coisificados, o próprio corpo do poeta participa nesse mesmo processo de fragmentação e integra também uma paisagem contida nos corpos minimizados dos navios e das gaiivotas. Fernando Pessoa é um território despaisado por as suas raízes serem excessivamente fundas e a sua esperança demasiado intensa. O seu país era só o rebordo do cais de partida e a consciente angústia de se saber sem retaguarda. Ou seja, Fernando Pessoa de Costa Pinheiro é um mito ritualizado, através do qual o pintor esconjura a distância e interpela o seu tempo: «De resto a minha homenagem a ele, poeta, será essa: estar de mãos dadas com uma 'paisagem de alma' que é muito nossa, de nós todos.»

Neste percurso encantatório, o modelo despido de olhar através da fulgência do mundo das coisas que o inundava, funcionou como total disponibilidade de sensações: o rosto, o gesto e as mãos do pintor foram absorvidos pela sedução da irrealidade: «Venho de longe e trago no perfil (...) O perfil de outro ser / Não sou eu quem descrevo / Eu sou a tela / E oculta mão colora alguém em mim.» («A Múmia»).

Costa Pinheiro assumiu precisamente esse estranho convite: «Estou sentado à mesa com o senhor eu...»

As suas mãos são as minhas (...). Não temos (os dois) 'visage' — o chapéu é nosso... As paisagens dos óculos (reflectidas) são minhas-suas.»

#### Pomar: ficção pictórica

Sensivelmente no mesmo período em que Costa Pinheiro, envolvido numa rede de sinais de ausência, foi captado pelo espaço de dissolução do poeta, vemos surgir, na produção plástica de Júlio Pomar, um desenvolvimento temático de outro sentido. Datados de 1973, estes retratos, de forte conotação plástica e semântica, evidenciam um exercício de distância e displicência face ao ícone de Fernando Pessoa.

Identificável o rosto, verificamos contudo a inexistência dos seus habituais acessórios, enquanto objectos-símbolo de uma imagem mitificada, transformados nas figurações abstractas de uma representação gráfica e visual. Nestas telas, é a memória do pintor que vai devolver um conjunto

(Continua na pág. 60-R)



Almada (1954): ritual de geometria sagrada. Pomar: «F. P. Encontra D. Sebastião...» (1985)

(Continuação da pág. 59-R)

de sinais fragmentados, invocatórios da identidade do referente, mas em que predomina uma intenção de síntese no rigoroso ordenamento formal do quadro.

É esta necessidade de síntese que vai presidir à elaboração do conjunto de desenhos executados para a decoração em azulejo de uma estação de metropolitano de Lisboa, e que constitui pretexto para um novo período dedicado ao retrato histórico. Uma vez mais, vemos a surgir a imagem de Fernando Pessoa associada ao seu referente fotográfico, no deliberado propósito do seu autor: «O que no desenho me tem interessado sempre (é) a vitalidade da linha e a justeza da alusão (...).»

Sentado à mesa do café, ou apanhado na fingida pose de um rápido esquisso, a imagem do poeta surge como uma aparição com toda a surpresa do imediato reconhecimento que esta comporta. No essencial Júlio Pomar fixa, com espantosa facilidade de traço, toda a expressão de movimento, que se pode confirmar na exacta equivalência dos instantâneos fotográficos.

O início deste conjunto de desenhos coincidiu, na obra de Pomar, com um progressivo regresso à pintura, em que, a pretexto da ilustração de poemas, ele vai desenvolver uma **ficção pictórica**, inutilizando o ícone das suas personagens, através de citações plásticas progressivamente autónomas e ordenadoras. A série sugerida pelo poema «O Corvo» de Edgar Poe clarifica uma atitude transgressora do pintor, que transforma a superfície das suas telas em espaço de **intervenção** cultural, ou seja, cruzando e confrontando no mesmo espaço pictórico, as personagens míticas que fazem o corpo da nossa identidade nacional, o pintor evidencia uma capacidade de jogo, naturalmente distanciada.

Se a presença de Fernando Pessoa e a matriz original dos desenhos permanecem reconhecíveis, as

# «De súbito reparei que não sou ninguém»

cenas evocadas instalam uma ficção, simultaneamente pictórica e cultural. Todo este processo é radicalizado a propósito ainda da ilustração de um poema — **A Mensagem** — **7 Histórias Portuguesas**

—, quando **Fernando Pessoa Encontra D. Sebastião**: num «caixão sobre um burro, ajazado à andaluz»; aqui, a infracção temporal é óbvia e o exercício do pintor tenta a **apropriação** dos personagens representados.

## A dimensão oculta

«Perde-se às vezes a **pintura na processão do pintado**» (João Miguel Fernandes Jorge), quando esta se torna o mito e a referência de si própria.

Assim acontece com António Dacosta que, reordenando a aparência das coisas, a partir da lógica

interna dos valores plásticos, lhes entrega a disponibilidade de criar os seus próprios espaços de aparição. Pela primeira vez, a imagem de Fernando Pessoa surge como um episódio, presença intrusa e esvaziada de qualquer intenção iconográfica que «bateu à porta» do pintor e se instalou no propósito desafiador de uma identificação: «No Sonho de F.P. Debaixo de uma Latada numa Tarde de Verão, a **pancada veio-me do rótulo de uma velha garrafa de vinho do Porto com vides e faunosinhos.**

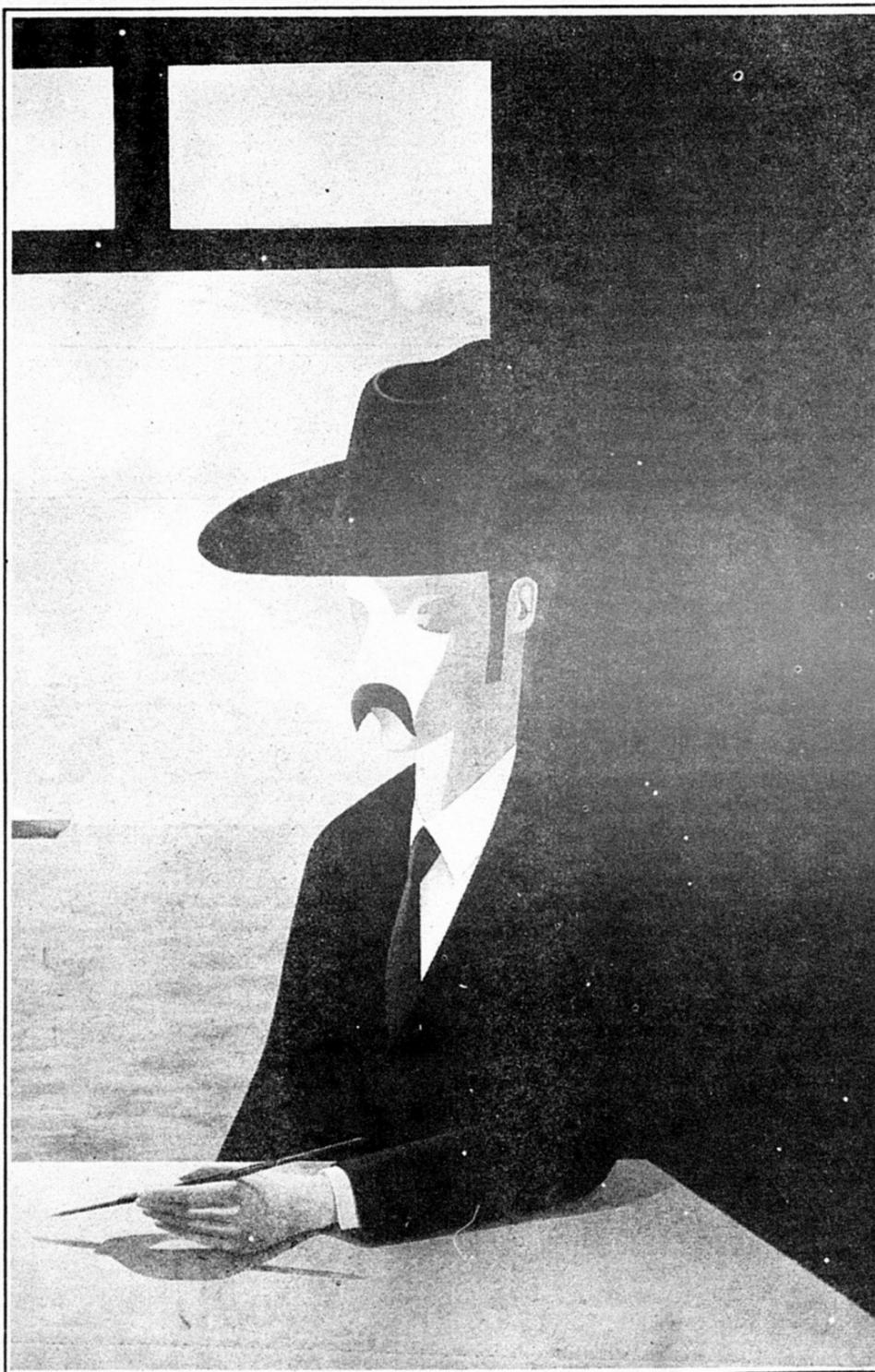
Perdi-a, mas ficou-me o pulsar cá dentro o desejo

de dar à pintura um certo calor, um certo cheiro a vinho. Uma simples latada (Dionísio) com uvas. Estas apareceram e quase logo a seguir o figurão instalou-se, exigente e irritante, de óculos e chapéu. E vi logo que o personagem era alguém. Mas quem? Identificou-o o Júlio Pomar. Assim se manifestou o Fernando Pessoa.»

É o dizer da pintura que desvenda um interior de sentidos que a memória devolve, no contacto mágico das tintas e das superfícies. De um modo mais intencional mas igualmente auto-revelador, também para Mário Botas, Pessoa fez parte de «uma constante recordação»: «A ficção da minha pintura desvenda às vezes o segredo dos rostos dos poetas, dos rostos dos meus mais queridos e ausentes companheiros.» (in «Persona» 3).

Trajecto para o lugar imóvel da morte, a sua pintura é, como disse Eduardo Lourenço, «figuração do infigurável», guardando do real «apenas e quase só o outro lado, a dimensão oculta» que se concretiza em corpos imatéricos de gente e de coisas. Mário Botas que de si próprio afirmou que foi «sempre um pintor do lado da escrita», coloca esses vultos gráficos em suspensos mundos onde o tempo é um suporte concentracionário. O Fernando Pessoa que aí lhe surge é uma imagem de reduzido teor iconográfico, atravessado pelas atitudes do pintor, num cruzamento afável de memórias sobre o absurdo em que ambos duvidaram da vida.

«Desenhos alusivos» assim os designou Mário Botas que nessa alusão se envolve através de difusas coincidências entre o seu rosto e o rosto de Pessoa, confrontado ainda com a imagem espelhada de Luís de Camões. Mas é no **Mapa do Túmulo de Fernando Pessoa**, inventando-lhe uma existência em altura, numa topografia de ciprestes, que ele melhor assumiu o seu convívio com o poeta.



**Costa Pinheiro:**  
«O Pintor-Ele-Mesmo no seu espaço poético» (1979/80).  
Fernando Pessoa como mito ritualizado, através do qual o pintor conjura a distância e interpela o seu tempo — «De resto a minha homenagem a ele, poeta, será essa: estar de mãos dadas com uma 'paisagem de alma' que é muito nossa, de nós todos.»  
O rosto, o gesto e as mãos do pintor foram absorvidos pela sedução da irrealidade

## Fazemos fitas magnéticas para todos os fins, por amor às suas gravações.

maxell **XLI-S 90** POSITION IEC TYPE II - HIGH (CFO) 135m/440 ft. 90

**HIX GOLD**

**maxell** SOMOS ESPECIALISTAS

PERENSIANTE EXCLUSIVO **Setron**

**MP 90** Metal Particle Metallpartikel Particule Metallique

maxell **PTT** POSITION IEC TYPE 135m/440

Considerando que «no espaço e no tempo da poesia, figurar deliberadamente é trair», Botas apropriou-se do sentimento simbolista que percorre grande parte da produção de Fernando Pessoa — a vida é uma esvaída luz sobre a cidade das coisas mortas e todo o sentir é a certeza de uma definitiva ausência. Que Fernando Pessoa **sensacionista** não caiba senão parcialmente neste mapa tumular que Botas lhe estendeu, em nada constrange o sentido profundo dos seus retratos: ele sabia como Artaud que «o rosto humano é uma força vazia, um campo de morte, que não encontrou ainda a sua face e é ao pintor que compete dar-lha» (Marc le Bot).

### Espaços de cumplicidade

Em 1985, as comemorações do cinquentenário de Fernando Pessoa incluíram a exposição de artes plásticas «Um rosto para Fernando Pessoa» em que participaram 35 artistas.

Desse homem, que através de Bernardo Soares de si próprio afirmou:

«Não consegui nunca ver-me fora. Não há espelho que nos dê a nós como fora porque não há espelho que nos tire de nós mesmos», a arte contemporânea portuguesa fabricou um dos temas mais bisados dos seus divergentes percursos. Depois de Almada, não foram só Costa Pinheiro, Júlio Pomar, António Dacosta e Mário Botas que se deixaram envolver pela sinuosidade vazia do corpo e do rosto do poeta. Mas viu-se que, em cada uma dessas apropriações plásticas, ele foi sobretudo um espaço de cumplicidade para os exercícios dos pintores, que o utilizaram como emblema mítico de um referente cultural.

O que haverá a analisar é o empenho e a multiplicidade, a profunda razão de ser dessas apropriações que, ao longo dos anos, mas sobretudo nesta década, têm transportado Pessoa para o interior das suas obras, com maior ou menor eficácia e coerência. Que em António Sena o poeta seja uma página de texto garatujado, em Chorão um desfoque do laço e do chapéu, em Sá Nogueira uma componente contrastante da paisagem urbana ou em Jorge Martins uma sombra habitada num triângulo de penumbras, trata-se de expedientes diversos

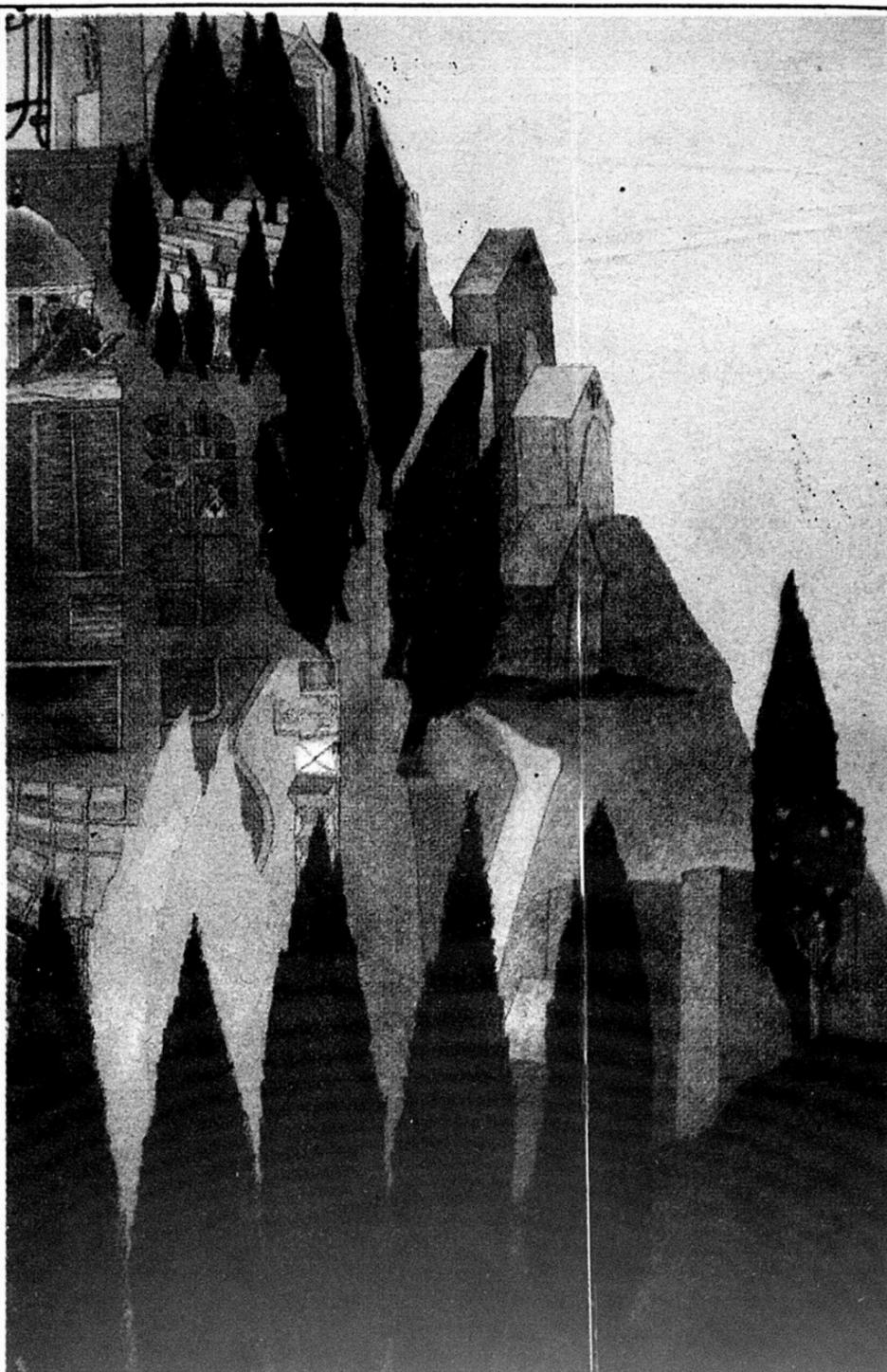
de cada pintor, perseguindo o objecto específico do seu próprio fazer. Pessoa reduz-se então a um apontamento iconográfico, instrumento plausível para as tramas com que a pintura questiona a realidade. Como se, depois de ter tido a categoria de símbolo definitivo, o poeta massificado tenha passado a ser simulacro das perecíveis estratégias de um (des)entendimento.

Estas produções interessarão uma sociologia da arte e cultura portuguesa mas não se destacam como criações singulares em que a presença de Fernando Pessoa descubra novas ou multiplicadas existências. Caso de excepção será o envolvimento pessoal de Miguel Yeco que, transportando para reais espaços de representação o seu encontro com o poeta, se encontrou investido do seu próprio corpo, actualizando assim uma cumplicidade física que Costa Pinheiro inaugurou.

Também a obra literária de Fernando Pessoa, tem sido objecto de alguma produção plástica. Fernando de Azevedo, ao ilustrar em 1952, *Le Bureau de Tabac*, parece ter sido o primeiro pintor a manifestar-se sensível às sugestões visuais da poesia de Pessoa, recriando-as numa rede de espaços confluentes. Depois dele, há a referir, pelo seu carácter ficcional, o conjunto de desenhos de Jorge Martins para o texto de José Sasportes, *Daisy — um Filme para Fernando Pessoa*, assim como as ilustrações do poema *A Mensagem*, onde os signos épicos de um destino português se desfazem até à inutilização em desfibramentos de lápis.

Mesmo artistas mais jovens como Manuel Rosa e Ilda David têm aceite o desafio ou a prova fatalista de se confrontarem com Pessoa, dando razão à fala de Eduardo Lourenço:

«Parecia ter chegado o tempo de aprender mais (e sobre) quem se ocupa com Pessoa que sobre o próprio Pessoa, o que sem ser escandaloso — até porque é também inevitável — remetia (remete) o texto para o pretexto, a voz que nos interpela e convoca para o discurso que a devora e apaga» (Fernando, Rei da Nossa Baviera). A verdade é que Fernando Pessoa, com o seu incontível gosto de provocar o futuro, havia já advertido esta situação: «Serei compreendido só em effigie, quando a afeição já não compensa a quem morre.»



**Mário Botas:**  
«Mapa do túmulo  
de Fernando Pessoa»  
(1980):

«no espaço e no tempo  
da poesia, figurar  
deliberadamente  
é trair», ou  
todo o sentir  
é a certeza  
de uma definitiva  
ausência.

António Dacosta:  
«No sonho de F. P.  
debaixo de uma latada  
numa tarde de Verão»  
(82/83): «... a seguir  
o figurão instalou-se,  
exigente e irritante,  
de óculos e chapéu.  
E vi logo

que o personagem  
era alguém.»  
Da pose rígida e  
convencional a um vazio  
suficientemente  
apelativo para incorporar  
a personalidade  
dos seus intérpretes

